

Criada em 2002, a Revista Bibliomar tem a finalidade de atuar como laboratório para as práticas da disciplina Política Editorial e como canal para divulgação da produção dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão



Revista Bibliomar, São Luís, v. 10, n. 1, jul./dez. 2011



v. 10, n. 1
ISSN - 1677 - 7220
jul. / dez. 2011



APOIO:
ASSESSORIA DE INTERIORIZAÇÃO - ASEI/UFMA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA
DA - DIRETÓRIO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA

Publicação Semestral do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

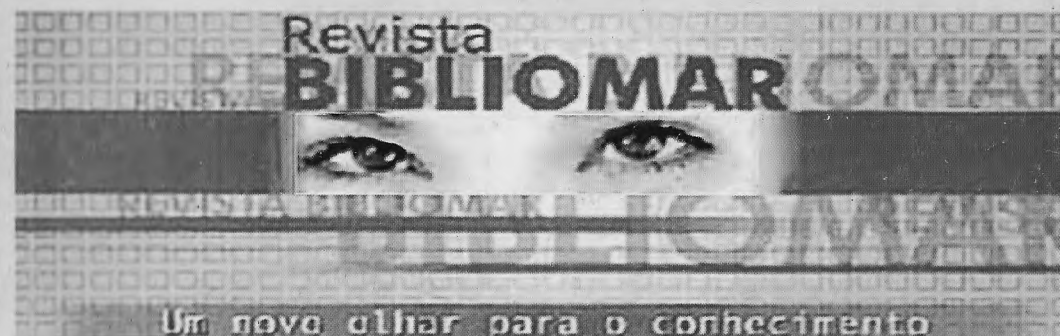
Criada em 2002, a Revista Bibliomar tem a finalidade de atuar como laboratório para as práticas da disciplina Política Editorial e como canal para divulgação da produção dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão



Revista Bibliomar, São Luís, v. 10, n. 1, jul./dez. 2011



v. 10, n. 1
ISSN - 1677 - 7220
jul. / dez. 2011



APOIO:
ASSESSORIA DE INTERIORIZAÇÃO - ASEI/UFMA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA
DA - DIRETÓRIO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA

Publicação Semestral do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Prof. Dr. César Augusto Castro
Diretor

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Prof. Dr. Aldinar Bottentuir Martins
Chefe de Departamento

Prof. Ms. Raimunda Ribeiro
Coordenadora do Curso

Prof. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira
Professora da Disciplina de Política Editorial

EXPEDIENTE

EDITOR

Prof. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

EDITOR ASSISTENTE

Sara Jordânia Reis Silva
Vilma Ferreira Carvalho

COORDENADORA GERAL

Valéria Bastos da Silva

COMISSÃO DE CAPITAÇÃO DE ORIGINAIS

Sara Jordânia Reis Silva - Coordenadora
Eurislândia Pereira de Oliveira
Francynalva Gomes Araújo
Monica Cristine Marques Viana
Rosana Neves Teixeira
Valéria Bastos da Silva
Erica Regina Franco Pereira

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Angélica Silva e Silva - Coordenadora
Aldinéia Vieira Rodrigues
Gleicilene Almeida Araújo
Ludmila Fernanda Moraes Costa
Rosana da Conceição Mineiro Oliveira
Sâmara Monique Araújo Santana

COMISSÃO EDITORIAL

Greice Kelle de Sousa de Oliveira - Coordenadora
Andréia Gomes Santos
Elana de Jesus Pereira
Marinete Lindoso Gaspar
Fabiana Lima Martins

COMISSÃO DE PATROCÍNIO

Allinae Cristina Sá dos Santos - Coordenadora
Ana Cláudia Monteiro dos Santos
Artlinda dos Remédios Botelho Tavares
Célia Maria David Costa
Emanuelle Bárbara dos Santos Silva
Maísa do Socorro Assunção Martins

COMISSÃO DE FINANÇAS

Vilma Ferreira Carvalho - Coordenadora
Sandra Leidiane dos Santos

ISSN - 1677 - 7220



EDITÓRIAL.....5

MENSAGEM.....7

ARTIGOS

A ACESSIBILIDADE NA WEB PARA USUÁRIOS CEGOS: Um panorama para o profissional da informação visando sua atuação para questões de acessibilidade na internet.....8
Aurélio Fernando Ferreira; Valéria Bastos da Silva

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES CULTURAIS.....27
Ana Lídia Sobrinho Rudakoff; Edilene Machado

A IMPORTÂNCIA DO SOFTWARE LIVRE EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS: considerando a proposta do Biblivre54
Almerita Costa Gomes; Jakeline Costa Castelo Branco; Raquel de Souza Cunha

A LEITURA DAS CRIANÇAS: o valor da leitura para a formação de futuros leitores.....42
Elana de Jesus Pereira

Rev Bibliomar	São Luís	v. 10	n. 1	p. 2-114	jul./dez. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: reflexões sobre os surdos e a questão da acessibilidade no cenário atual.....54
Ana Regina Santos Pereira

CLASSIFICAÇÃO COLABORATIVA NA WEB: folksonomia62
Adriana Vieira; Eurislândia Oliveira; Francynalva Araújo; Mônica Marques; Sara Jordânia Reis; Valéria Bastos

ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO: Bibliometria, na visão da Ciência da Informação72
Aurélio Fernando Ferreira

LEITURA: Formação de leitores através do processo interativo de construção do conhecimento na Web 2.086
Juliana Rabelo do Carmo; Cássia Furtado

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFMA: Considerações sobre preservação e memória no acervo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UFMA..... 100
Juliana Rabelo do Carmo

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADA... 115
Edilson Thialison da Silva Reis; Eliza Soares Reis; Jessica Raquel Cardoso

ENTREVISTA..... 124

CURIOSIDADES..... 128

NORMAS DE PUBLICAÇÃO NA BIBLIOMAR 131

FICHA TÉCNICA

Editora Chefe

Prof^o. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

Editor Assistente

Sara Jordânia Reis Silva
Vilma Ferreira Carvalho

Coordenadora Geral

Valéria Bastos da Silva

Editoração e Capa

Elana de Jesus Pereira

Revisão de Normalização

Elana de Jesus Pereira
Greice Kelle de Sousa Oliveira

Revisão de Editoração

Elana de Jesus Pereira
Greice Kelle de Sousa Oliveira

Impressão

Tiragem

200 exemplares

Consultores Ad Hoc:

Prof^a. Dr. Aldinar Bottenutir Martins
Prof^a. Dr^a. Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira
Prof^a. Ms. Dirlene Barros
Prof^a. Esp. Maria Cléia Nunes
Prof^a. Dr^a. Mary Ferreira
Prof^a. Ms.. Raimunda Marinho
Prof^a. Ms. Raimunda Ribeiro
Prof^o. Ms. Rooseweelt Lins
Prof^a. Ms. Silvana Vetter

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte

Distribuição: Comissão de Comunicação e Divulgação

Universidade Federal do Maranhão - Centro de Ciências Sociais
Coordenação Curso de Biblioteconomia

Email: www.ufma.br

Fone: (98) 3301 - 8424/ 3301 - 3301/ 3301 - 8404

End.: Av. dos Portugueses, S/N Campus Universitário do Bacanga
São Luís - Maranhão - CEP: 65080-040

As informações expressas na Revista Bibliomar
São de responsabilidades exclusivas de seus autores

Revista Bibliomar / Curso de Biblioteconomia. - v. 10, n.1 (2011)

____ São Luís : Ufma, 2011.

v. 10 ; 30 cm

Semestral.

ISSN - 1677-7220

1. Biblioteconomia - Periódicos I. Universidade Federal do Maranhão.
Curso de Biblioteconomia.

CDD 020.5
CDU 02 (05)

EDITORIAL

É com muito orgulho que nós, professores e alunos da Disciplina Política Editorial do quinto período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão estão disponibilizando aos usuários mais um fascículo da BIBLIOMAR, o número 1 do volume 10.editorial

Com muito sucesso chegamos à sua vigésima primeira edição. A BIBLIOMAR teve seu primeiro número lançado em Dezembro de 2002. Foi criada, pela professora Rita Portella, para atender as necessidades laboratoriais dessa Disciplina, visando a possibilidade de unir a teoria editorial à sua prática. Tamanho foi o seu sucesso que logo vislumbram outros objetivos; o de atuar como canal para a divulgação da produção acadêmica do Curso e incentivar os alunos a produzirem cientificamente, registrando e publicando as suas experiências realizadas no contexto das disciplinas curriculares.

Entendemos que a continuidade da Revista BIBLIOMAR traduz esforço, capacidade e compromisso que os alunos possuem a partir do momento que se cria para eles espaços e oportunidades para que coloquem seu potencial em ação. Confiar, acreditar e estimular o potencial do aluno é uma estratégia que muito contribui para sua formação profissional.

Vale ressaltarmos a BIBLIOMAR como promotora de mudanças no comportamento acadêmico do alunado do Curso de Biblioteconomia da UFMA, percebível pelo crescente interesse em escrever e publicar seus trabalhos e pesquisas. Tanto que diante das semestralidades das suas edições, a produção de originais tem sido suficiente para garantir sua publicação. Por outro lado, vista pelo prisma social, tem no trabalho com a informação a promoção do desenvolvimento do indivíduo em seu grupo, permitindo ir a um novo estágio de qualidade e de convivência.

Este número traz para seus leitores artigos dos mais variados temas oriundos das disciplinas do Curso, além da entrevista realizada com a Professora Doutora Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira. Os artigos publicados abordam questões relevantes, como acessibilidade na Web para usuários cegos; ações culturais na Biblioteca Universitária

ria; software livre em bibliotecas especializadas; formação de leitores; acessibilidade para surdos; classificação na Web; bibliometria; repositório institucional e planejamento estratégico para bibliotecas especializadas.

Esperamos que essa edição se consubstancie numa contribuição significativa e que a BIBLIOMAR continue a propiciar aos seus leitores e editores informações de seus interesses para subsidiá-los nas práticas editoriais e na produção de novos conhecimentos.

Prof^a. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

MENSAGEM

Oração dos Bibliotecários

Senhor, tu me deste o dom da paciência e,
Mais do que ela, o de ouvir;
De silenciar e de achar justificativas
Para cada "típico" usuário da informação
Que busca o meu auxílio.
Eu sou o elo entre a informação e a necessidade do usuário.
Eu sou o seletor dos documentos.
Eu sou o intérprete dos desejos alheios.
Faze, Senhor, que eu me policie diante da vontade
De interferência na necessidade de outrem.
Eu sou o leitor telegráfico e assíduo
de tudo a que tenho acesso.
Faze, Senhor, com que eu saiba discernir entre o necessário
E o desnecessário, a fim de atender às pessoas.
Eu sou o protagonista de cenas isoladas
e pesquisas exaustivas.
Faze, Senhor, com que eu possa ser assistido
Pelas pessoas certas.
Senhor, permite que eu me mantenha fiel
Ao compromisso de informar, indistintamente,
A todos que procurarem por uma informação.
Permite que eu não vacile diante dos trabalhos exaustivos.
Que eu não esmoreça diante das críticas.
Que eu não duvide da capacidade
De servir aos amantes da informação.
Permite que eu seja criativa a cada novo sol,
E, quando dele me afastar,
Seja porque me aproximei
de ti para sempre.
Amém!

Autora: Maria Aparecida Sell

A ACESSIBILIDADE NA WEB PARA USUÁRIOS CEGOS: Um panorama para o profissional da informação visando sua atuação para questões de acessibilidade na internet

Aurélio Fernando Ferreira*
Valéria Bastos da Silva**

RESUMO

Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação, a internet se tornou um importante meio de integração e inclusão social, sua pluralidade permite aos seus usuários realizar operações diversas, mesmo possuindo limitações, resultado do uso de softwares e hardwares, tecnologias assistivas, que permitem que pessoas com necessidades especiais possam ter acesso à informação de forma independente. Este trabalho procurou através de uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo, observar o contexto da acessibilidade na web para usuários cegos com o objetivo de esclarecer e entender a atual situação sobre a acessibilidade na web para esses usuários. Com o objetivo específico de mostrar um panorama onde o profissional da informação possa, através de sua competência, propor mudanças e adequações em questões de acessibilidade. A pesquisa realizada se justifica por ser este um assunto pouco explorado na literatura bem como pelo forte apelo social para a inclusão destes usuários na sociedade. Os resultados obtidos trazem subsídios que demonstram que muito deve ser feito ainda para que a acessibilidade para usuários cegos ainda possa melhorar bastante até que estes tenham realmente acesso à informação.

Palavras-Chave: Acessibilidade na web, inclusão social, acesso à informação.

1 INTRODUÇÃO

Com a crescente quantidade de informação gerada em meio digital, resultado do avanço das tecnologias da informação e comu-

* Graduando em Gestão da Informação - UFPE

** Graduando em Biblioteconomia - UFMA

nicação (TIC), a internet passou a desempenhar um importante papel para a organização, disseminação, produção e uso da informação. Neste contexto milhares de pessoas, ao usarem a web, desempenham o papel de produtores e usuários da informação. Quando pensamos neste panorama, somos levados a pensar a internet como um ambiente estruturado onde o fluxo informacional é feito de modo otimizado de maneira a garantir a facilidade de acessibilidade para qualquer que seja o usuário que esteja utilizando-a.

Para Tim Berners Lee, criador da internet, apesar do aspecto multifuncional extremamente variado, a web foi projetada na sua essência para ser utilizada por todos, sejam pessoas com limitações ou não, independentemente do uso de hardware, software, cultura, língua, localização ou capacidade física ou mental. Assim, quando a web atende a esse objetivo se torna acessível a pessoas com variações diversificadas de audição, circulação, visão e capacidade cognitiva. (W3C-WORLD WIDE WEB CONSORTIUM, 1995).

Aliás, é essencial que a internet seja acessível a fim de proporcionar igualdade de acesso e oportunidades para pessoas com limitações diversas, pois tal fato traz para este usuário uma condição de inclusão tanto digital como consequentemente social. Com efeito, a convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência reconhece o acesso à informação e tecnologias de comunicação, incluindo a web, como um direito humano básico. Segundo o estatuto Coutinho (1991) relata que, "A acessibilidade apoia a inclusão social das pessoas com deficiência, bem como outras pessoas que detêm limitações, tais como idosos, pessoas em áreas rurais, e as pessoas alocadas nos chamados países em desenvolvimento". Assim, como a internet é um universo virtual que tem por objetivo a interação de usuários, onde a barreira temporal e geográfica inexistem é de extrema importância que os sistemas e processos lá disponibilizados estejam acessíveis para todos os seus usuários.

O profissional da informação valendo-se de suas atribuições pode propor regras através de análise de ambientes e da interação do usuário com os sistemas que facilitem esta acessibilidade. Muitas vezes com simples atitudes pode haver melhoras, como no uso de mo-

biliário adequado, adequação de postura e capacitação dos usuários, ou às vezes com soluções mais avançadas como análise da arquitetura da informação, categorização e indexação do assunto, entre outras.

O presente trabalho observa limitações quanto a acessibilidade da informação na internet para usuários *cegos totais*¹, fazendo uma análise exploratória, com o objetivo de delimitar os problemas mais comuns encontrados.

E apresentar aos profissionais da informação um panorama da atual situação propondo sua atuação na solução de problemas neste ambiente. A pesquisa foi realizada em duas capitais nordestinas, Recife-PE e São Luís-MA, esta escolha pretende aperceber nestas localidades aspectos que contribuem para a exclusão à informação destes usuários.

2 PRINCÍPIOS DA ACESSIBILIDADE NO AMBIENTE WEB

A acessibilidade é uma condição básica para a inclusão social das pessoas. Numa sociedade em que cada vez mais estamos utilizando modernas tecnologias da informação e comunicação, acaba sendo prioritário garantir uma acessibilidade plena a todos, desfrutando de todos os recursos materiais e tecnológicos suficientes para isto.

Para Saracevic (1974), a tecnologia da informação envolve custos e benefícios econômicos, positivos ou negativos. Estes custos são enormes e não fornecem qualquer poupança direta, mesmo em orçamentos em que não é utilizada. Contudo, ela permite que se façam coisas que antes não eram possíveis, quantitativa ou mesmo qualitativamente. Portanto o custo é minimizado pelas ações que a tecnologia é capaz de potencializar para as pessoas, que para poderem usufruir precisam ter acessibilidade à elas.

No tocante aos usuários cegos, a criação e aperfeiçoamento de serviços e ferramentas tecnológicas, houve uma potenciação de ações que puderam enfim “tira-los da escuridão”, ou seja, com o uso destes

¹ A definição clínica afirma como cego o indivíduo que apresenta acuidade visual menor que 0,1 com a melhor correção ou campo visual abaixo de 20 graus.

recursos tais usuários puderam enfim exercer sua cidadania de forma mais independente, observando as questões de acessibilidade.

Em concordância a isso, o W3C, consórcio internacional que visa desenvolver padrões e interpretação de conteúdos para web, apresenta em seu site métodos para a acessibilidade em sites na web. As recomendações deste documento explicam como tornar o conteúdo acessível a pessoas com limitações, destinando-se a todos os criadores de conteúdo web (autores de páginas e projetistas de sites) e aos programadores de ferramentas para criação de conteúdo. O principal objetivo dessas recomendações é promover a acessibilidade.

Em síntese, essas normas sugerem regras a serem seguidas para que a interação do usuário com a web seja aperfeiçoada. Segundo Rodrigues, Filho e Borges (2005) os princípios básicos de acessibilidade na internet para os usuários são:

Tabela 1. Princípios de acessibilidade na internet

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ACESSIBILIDADE NA INTERNET	
W3C	Devem-se utilizar regras padronizadas para que qualquer indivíduo de qualquer parte do mundo tenha possibilidade de criar páginas que são acessíveis universalmente aos diferentes tipos de usuários;
	As páginas devem prover sempre mecanismos para gerar um texto alternativo quando um elemento não puder ser exibido e devem assegurar que todos os elementos do site são acessíveis através de teclas de atalho;
	Deve-se utilizar navegação consistente e clara, além de colocar informação acessível no topo dos cabeçalhos, parágrafos, listas, entre outras;
	Outra facilidade importante são mecanismos para “congelar” as informações que aparecem em movimento. De forma ao sintetizador de voz poder transformá-las em áudio;
	Ao invés de destacar alguma informação importante através de cores ou outra forma de formatação utilizando-se elementos visuais, deve-se indicar através de palavras sua importância no contexto da apresentação;
	Deve-se criar uma ordem lógica para os links apresentados, facilitando a navegação. Fornecer links para a página inicial em todas as páginas e garantir que os links textuais sejam formados por palavras ou sentenças compreensíveis fora do texto;
	Sempre que se usar elementos gráficos como botões, utilizar texto com a mesma função para facilitar a interação por dispositivos não gráficos e via teclado;
	Deve-se testar a acessibilidade em diversos <i>browsers</i> , incluindo os <i>browsers</i> com capacidade de sintetizar voz e com leitores de tela e validar com ferramentas de validação.

Fonte: Adaptado de Rodrigo, Filho e Borges (2005)

Estas são apenas algumas entre várias orientações para a busca de uma melhor acessibilidade para usuários com limitações. Apesar de bem regidas e descritas, estas práticas e recomendações ainda dependem de muitas adequações para que o ambiente seja realmente acessível a todos, tais recomendações são importantes mas esbarram também nas questões do direito da informação no ambiente web, que ainda não estão bem definidas. Tal cenário torna difícil o policiamento e a garantia dos usuários no uso dos sistemas e serviços de informação na web.

Em consenso, a observância das regras básicas de acessibilidade na web faz com que o conteúdo dos *sites* sejam acessados mais facilmente, independentemente da ferramenta usada (navegadores web para computadores de mesa, laptops, telefones celulares, ou navegador por voz) e das limitações associadas ao respectivo uso (ambientes barulhentos, salas mal iluminadas ou com excesso de iluminação, utilização sem o uso das mãos, entre outras). Esta observância propicia, a qualquer usuário, acesso mais rápido às informações na web e não visam de modo algum restringir a utilização de imagem ou vídeo, por parte dos produtores de conteúdo; ao contrário, explicam como tornar o conteúdo multimídia mais acessível a um público mais vasto.

As questões sobre a arquitetura da informação também é muito ligada a acessibilidade, porque além de poder acessar o site, o conteúdo deve estar bem representado para que o usuário possa ter o resultado que espera, ou seja, a informação deve ser apresentada aos usuários de uma maneira clara e de fácil acesso, em concordância com os princípios básicos já relatados neste trabalho. Então, após desenvolver ou quando quisermos avaliar o conteúdo de um *site*, sua arquitetura e montagem pelos programadores e designers, podemos contar com as ferramentas de validação de acessibilidade automáticas, disponíveis na web, as mais conhecidas são o site DaSilva² e o He-

² O "Da Silva" é um avaliador que se utiliza de um software que detecta um código HTML e faz uma análise do seu conteúdo, verificando se está ou não dentro de um conjunto de regras. No Da Silva, a análise é feita usando as regras de acessibilidade do WCAG e E-GOV. disponível em: <http://www.dasilva.org.br/>

ra³, capazes de avaliar através de indicadores falhas de acessibilidade na arquitetura do site avaliado.

Diretamente em todas essas explicações, conceitos e práticas, o profissional da informação pode se utilizar de conceitos da ciência da informação e informática para compreender melhor esses fenômenos a partir do escopo destas ciências. Pois a ciência da informação preocupa-se em entender os conceitos dos objetos a fim de relacioná-los e dispô-los como estão no mundo e como são usados socialmente e a informática preocupa-se de como os conceitos podem ser descritos nas máquinas e os resultados disto. Deste modo como habitante destes ambientes, o profissional da informação deve ter a sensibilidade de entender a relevância das ferramentas e a importância de sua aplicabilidade e entender se elas suprem as expectativas de seu usuário final.

Neste papel os profissionais da informação têm a função de disseminar a informação através da educação, saber e cultura para usuários com ou sem limitações. Tal atribuição visa diminuir a longa distância entre o portador de necessidades e o prazer pela busca de informação, mas muito ainda tem que ser trabalhado para que esse caminho seja prazeroso e menos árduo. No dicionário Aurélio, o verbo "deficiente" traz como significado: "Em que há deficiência, falho, imperfeito", no contexto desta pesquisa este é um conceito que deve ser rompido a partir do momento em que se acredita que essas falhas podem ser ajustadas. E que o imperfeito pode ser melhorado para que não haja impedimentos aos caminhos que levam ao conhecimento.

3 A ACESSIBILIDADE DE USUÁRIOS CEGOS NA WEB

A internet para os usuários cegos tem uma inquestionável importância. De acordo com Campbell (2001 p. 107), desde a invenção

³ O HERA é uma ferramenta para rever a acessibilidade das páginas Web de acordo com as recomendações das *Diretrizes de Acessibilidade para o Conteúdo Web* (WCAG). O HERA efetua uma análise automática prévia da página e disponibiliza informação dos erros encontrados e quais os pontos de verificação que devem ser revistos. Disponível em: <http://www.sidar.org/hera/index.php.pt>

do Código Braille em 1829, nada teve tanto impacto nos programas de educação, reabilitação e emprego quanto o recente desenvolvimento da Informática para os cegos (2001, p.107).

Conforme Borges (1996) uma pessoa cega pode ter algumas limitações, as quais poderão trazer obstáculos ao seu aproveitamento produtivo na sociedade. Ele aponta que a grande parte destas limitações pode ser eliminada através de duas ações: uma educação adaptada a realidade destes sujeitos e o uso da tecnologia para diminuir barreiras.

Essa dificuldade para acesso à informação como um bem social é inconfundivelmente um dos principais problemas que os cegos enfrentam ao acessarem a internet, o quem vem de encontro a Carta constitucional brasileira, que garante o acesso à informação incondicionalmente a qualquer cidadão, segundo Ferreira et al. (2010) a informação como bem social deve ser assegurada para que as práticas informacionais aconteçam, por meio das trocas realizadas entre as pessoas. E, para que essas práticas aconteçam, a informação deve circular de forma que o conhecimento seja apropriado para o indivíduo. Essas fontes de informação são indispensáveis para que o indivíduo percorra o seu caminho rumo ao exercício da cidadania. Por sua vez, compete ao Estado a formulação das fontes de informação de forma adequada aos diversos segmentos da sociedade, como também a promoção do acesso e da disseminação das mesmas para o uso dos cidadãos (ARAÚJO, 1999).

A partir do exposto, vemos que com a criação de ferramentas tecnológicas houve uma potencialização de ações que puderam enfim "tirar os cegos da escuridão" à medida que com o uso destes recursos puderam exercer sua cidadania de forma mais independente. Nesse papel a internet se tornou um meio onde a inclusão social de pessoas cegas desempenha um papel primordial para esses usuários. No entanto, o profissional da informação precisa ter a sensibilidade de, através de suas atribuições, desenvolverem pesquisas que possam otimizar essa interação. A acessibilidade à informação na web não se soluciona apenas com a criação destes softwares, mas também com políticas que aproximem os usuários a eles, Muitas vezes o problema está no valor destes softwares que ficam fora da realidade econômica dos usuários cegos, e, além disso, ainda existe a dificuldade de

capacitação destes para seu uso. Portanto promover a acessibilidade é também promover ações que possam oferecer condições para aproximar estes usuários ao ambiente *web* através da capacitação e uso destas ferramentas

Diversos profissionais da informação, como por exemplo, o Bibliotecário e o Gestor da Informação, podem trabalhar juntos na busca por um escopo onde se privilegie uma melhor representação, disseminação e uso da informação, cada qual com sua especialidade fundamentada nos princípios e teorias da Ciência da Informação. Esses devem fazer através de seus processos práticos apresentar, apontar e estimular os designers e arquitetos da informação a utilizar uma estrutura voltada para uma melhor interação entre a interface e o usuário, onde o fluxo da informação tenha o menor ruído possível, ou seja, tenha, dentro de um nível aceitável, a informação de fácil acesso para todos.

Portanto alcançar condições de acessibilidade significa conseguir a equiparação de oportunidades em todas as esferas da vida. Isso porque essas condições estão relacionadas ao AMBIENTE e não às características da pessoa. Falar sobre alcançar condições de acessibilidade implica em falar de processo, que tem tempos e características diferentes em cada lugar, que tem idas, vindas, momentos que parecem de estagnação, mas, na verdade, são momentos em que novos conceitos, novas posturas e atitudes estão germinando. (GIL, 2006).

4 FERRAMENTAS PARA O ACESSO DE PESSOAS CEGAS NA INTERNET

Nos dias atuais a internet está cada vez mais presente como um meio facilitador em pesquisas. Isto remete aos desenvolvedores de softwares e hardwares a busca constante pela adaptação destes para pessoas com necessidades mais específicas. Essa adequação é de grande importância, pois pode mostrar a sociedade de modo um geral que podemos diminuir as limitações aprimorando e desenvolvendo soluções para que o acesso informacional seja de todos que a procuram.

Os softwares mais comuns utilizados por usuários cegos são os

leitores de tela com síntese de voz, esses programas fazem parte de uma classe de tecnologias denominadas assistivas. Para Melo, Costa e Soares (2006), tecnologias assistivas são recursos e serviços que visam facilitar o desenvolvimento de atividades da vida diária por pessoas com limitações.

Os softwares leitores de voz são desenvolvidos para tornar viável o acesso a textos através de um dispositivo de síntese e transformação destes em voz. Segundo Neno Albernaz (2008), cego, desenvolvedor e pesquisador de softwares leitores de voz do Centro de Apoio Educacional ao Cego, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) relata que os leitores de voz contribuem não apenas para a inclusão digital, mas especialmente para a inclusão social dos deficientes visuais. "O material em Braille é escasso, além de que poucos deficientes sabem ler Braille", aponta o pesquisador. E continua: "Com o auxílio do computador, o deficiente visual pode ler e ser lido, pesquisar, socializar-se através de listas de discussão, e sites de relacionamentos, além de programas que utilizam modos de conversação online. Enfim, tirar proveito de todos os recursos, benefícios e serviços que o computador possibilita". Os softwares leitores de voz mais comumente utilizados, com base nos usuários da pesquisa são: o Dosvox⁴, o Virtual Vision⁵ e o Jaws⁶.

Também ficou registrado pelos usuários pesquisados que é muito importante a interação entre os leitores de voz e os navegadores,

⁴ O **DOSVOX** é um leitor de tela desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica - NCE da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Uma das importantes características desse sistema é que ele foi desenvolvido com tecnologia totalmente nacional (brasileira), sendo o primeiro sistema comercial a sintetizar vocalmente textos genéricos na língua portuguesa. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/m/>

⁵ O **VIRTUAL VISION** é desenvolvido pela empresa MicroPower com modelos de processamento de linguagem natural. Utiliza o sistema operacional do Windows e reconhece as ferramentas do pacote Office, os Browsers existentes além de ferramentas comuns de relacionamento e redes sociais. Disponível em: <http://www.virtualvision.com.br/>

⁶ O **JAWS** é um leitor de tela desenvolvido pela empresa norte-americana Henter-Joyce, pertencente ao grupo Freedom Scientific. Estima-se que atualmente a quantidade de usuários deste programa esteja em torno de 50.000, espalhados por vários países. Disponível em: <http://www.freedomscientific.com/products/>

através dessa interação se torna possível a síntese de documentos de vários suportes (word, pdf, entre outros), facilitando com isso o acesso à documentos disponibilizados em portais corporativos e governamentais.

Além dos leitores de tela já destacados aqui, os usuários cegos também dispõem de outros programas para melhorar a acessibilidade na internet, entre eles, destacamos a ferramenta Webvisum⁷, demonstrado pelos usuários pesquisados, esta é uma ferramenta muito útil para o uso em páginas que contém os chamados captchas de segurança, comuns em portais corporativos e governamentais. Esta ferramenta captura os caracteres na área de transferência⁸, para preencher os campos da caixa de segurança.

5 IMPRESSÕES DOS USUÁRIOS DA PESQUISA A CERCA DA ATUAL SITUAÇÃO DA ACESSIBILIDADE NA WEB

Durante uma avaliação de acessibilidade é importante envolver o usuário nesse processo observando a sua interação com as interfaces. Logo, foi necessário definir qual seria o método de observação utilizado nesta avaliação. Segundo Silveira et al. (2010) O método de observação pode ser feito de duas maneiras: no contexto de uso dos usuários, como seu local de trabalho ou casa; ou em um ambiente controlado, como por exemplo, em um laboratório. Escolheu-se fazer a pesquisa no contexto do uso dos usuários, por entender que este seria um local onde os usuários ficariam mais familiarizados, além do

⁷ O **WEBVISUM** é uma ferramenta adicional, conhecida como Pluggin, para o navegador Mozilla Firefox. Sua funcionalidade principal é capturar os caracteres dentro das caixas de textos de segurança chamadas de Captchas, encontradas em alguns sites, principalmente sites governamentais, bancos e portais corporativos, os captchas foram criados para que softwares não acessassem informações sigilosas através de softwares robos.

⁸ **Área de transferência** (conhecida popularmente como *copiar e colar*) é um recurso utilizado por um sistema operacional para o armazenamento de pequenas quantidades de dados para transferência entre documentos ou aplicativos, através das operações de Cortar, copiar e colar bastando apenas clicar com o botão direito do mouse e selecionar uma das opções.

que com essa escolha foi avaliado que haveria menos problemas com a locomoção dos mesmos para outros locais.

Para complementar e assim poder entender o contexto da acessibilidade atual na internet, o próximo passo da pesquisa foi estudar os usuários. Entendemos que nesse caso, no estudo de acessibilidade para cegos na internet, o usuário final é o principal ator, pois todos os contextos e ferramentas estudadas foram criadas para eles, portanto sua opinião é a mais importante dentre todos os dados colhidos. Sendo assim, cinco pessoas com deficiência visual total participaram da pesquisa. Pois segundo estudos realizados por Jakob Nielsen (2000), essa quantidade de usuários trata-se de um número satisfatório, pois a partir deste número de usuários analisados os problemas de acessibilidade começam a se repetir.

Após definir a quantidade de participantes, buscou-se identificar as pessoas que pudessem atender aos requisitos mínimos para a avaliação que foram: cegueira total e experiência superior a três anos na Internet com o uso de leitores de tela.

A busca desses usuários foi realizada na Associação Beneficente dos Cegos de Recife (ASSOBECER⁹) e na Escola de Cegos do Maranhão (ESCEMA¹⁰), o fato desta pesquisa ter acontecido em duas cidades diferentes tornou possível observar os aspectos culturais dos usuários, assim como também observar a realidade da sociedade que os cerca tanto nas esferas sociais, com as políticas de inclusão social, quanto nas políticas públicas.

⁹ Fundada em 1928, a ASSOBECER (Associação Beneficente dos Cegos do Recife) é uma entidade sem fins lucrativos mantida por doações que atende pessoas cegas e de baixa visão com serviços gratuitos de educação (cursos), lazer, esporte, além de orientações. A sede da Assobecer está localizada na Estrada dos Remédios, 1558, Bairro: Afogados, Recife - Pernambuco. Cep 50750-000. Telefones: (81) 3428.7164 - 3447.2486. E-mail: assobecer.ong@hotmail.com site: www.assobecer.org.br

¹⁰ Fundada em junho de 1969, a ESCEMA (Escola de Cegos do Maranhão), Desenvolve atividades de lazer, cultura e educação para pessoas cegas. A sede da Escema fica situada na Travessa Bequimão, n°: 25, Bairro: Bequimão, São Luis, Maranhão. Cep 65000-000. Telefones: (98) 3246.9380 - 3082.2602. E-mail: escoladecegos@hotmail.com

A Tabela 3, abaixo, resume as características dos usuários que foram selecionados.

USUÁRIO	SEXO/IDADE	EXPERIÊNCIA	FUNÇÃO
1	M 26 anos	5 Anos	Aluno de informática e músico da banda da ASSOBECER
2	M 55 anos	15 anos	Professor de informática para deficientes visuais da ASSOBECER
3	M 24 anos	3 anos	Aluno do curso de Psicologia e músico da banda da ASSOBECER
4	M 22 anos	4 anos	Aluno de informática atendido pela ESCEMA
5	M 37 anos	5 Anos	Professor de informática da ESCEMA, Formado em Filosofia pela Faculdade Teológica do Maranhão

Fonte: Elaboração Própria

Durante uma avaliação de acessibilidade é importante envolver o usuário nesse processo observando a sua interação com as interfaces. Logo, foi necessário definir qual seria o método de observação utilizado nesta avaliação. O método de observação pode ser feito de duas maneiras: no contexto de uso dos usuários, como seu local de trabalho ou casa; ou em um ambiente controlado, como por exemplo, em um laboratório.

Para esta avaliação foi escolhido o método de observação no contexto de uso dos usuários. Essa escolha permitiu a observação da interação dos participantes na internet, ou seja, a interação aconteceu com as configurações de *hardware* e *software* que ele já utiliza e está bem familiarizado.

Um fator a ser destacado é que mesmo a pesquisa sendo realizada em duas capitais diferentes, os resultados foram muito próximos. Na ESCEMA assim como na ASSOBECER, a superação e ajuda da sociedade é um fator decisivo para suas atividades. Nas duas os professores que ensinam informática são cegos e em nenhuma delas existe um apoio formal por parte do Governo Estadual nem Federal,

os softwares são disponibilizados gratuitamente por empresas ou adquirida pelas entidades e alguns gratuitos são disseminados pelos alunos, os laboratórios funcionam em condições limitadas pela situação financeira das entidades, que vivem de doações da sociedade e venda de trabalho produzidos pelos alunos. Mesmo nesta realidade encontramos pessoas felizes e dispostas a aprender e se incluir socialmente.

6 RESULTADOS

A avaliação buscou através dos relatos dos usuários, pesquisados individualmente para que as respostas não fossem condicionadas, relacionar os principais problemas de acessibilidade para usuários cegos, problemas estes encontrados no uso destes usuários na internet no quadro abaixo sintetizamos os resultados atribuindo à eles pontos que variam de 1 até 3, sendo que no 1- o problema é encarado pelo usuário como contornável, 2- como contornável com dificuldade e 3- o problema é incontornável. Tal procedimento pode ajudar a entender em nível substancial os problemas, que na percepção dos usuários cegos, são mais críticos e que precisam ser consertados.

Tabela 2: Principais problemas de acessibilidade relatados por usuários cegos

PROBLEMA	NÍVEL
Caixa de caracteres de segurança ilegíveis (Captchas)	3
Figuras sem texto alternativo	3
Sites feitos em Adobe Flash	3
Softwares caros	3
Grande quantidade de links na página	2
Leitores de tela e outros softwares com poucos recursos	2
Problema com os navegadores (falta de recursos e falta de atualizações)	2
Suporte à leitura de documentos em alguns formatos (pdf, doc, ppt entre outros).	2
Falta de Mobiliário adequado	1
Links quebrados que não remetem para as buscas	1

Fonte: Elaboração própria

Com os resultados em mãos podemos enfim, a partir do exposto na tabela 2, entender que os problemas de acessibilidade na internet é um problema que envolve desde falhas da tecnologia, como a falta de percepção dos designers na hora do desenvolvimento da página.

7 PROPOSTAS DE ATUAÇÃO EM QUESTÕES DE ACESSIBILIDADE PARA OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO

Através da busca por soluções para as questões levantadas nessa pesquisa, pensamos em propostas para que o profissional da informação, através de suas competências e atribuições, pudesse atuar para minimizar os problemas e apresentar saídas para usuários que dependem de seus serviços.

Para questões de acessibilidade e trato com usuários com limitações, no caso deste trabalho, usuários cegos, ficou muito claro entre conversas com os pesquisados, que primeiramente o profissional da informação "deve" conhecer o usuário final, saber de suas limitações tratando-o com ele é, e não como a sociedade os vê, ou seja, tratá-lo como cego e não como um portador de alguma doença. Diante desta adequação, o profissional deve procurar interagir com o usuário trazendo propostas e experimentando juntos as soluções, pois no tocante a realidade, muitas das soluções de acessibilidade para cegos lhes são impostas e parecem não ter sido desenvolvidas por cegos e para cegos, devido o seu grau de usabilidade ser extremamente complexo para estes usuários. A partir disto o profissional da informação precisa entender de suas próprias limitações, procurando se capacitar e buscar ajuda de outros profissionais para, assim achar soluções otimizadas para problemas de acessibilidade no contexto da web.

Em concordância ao exposto, alguns autores como Valentim (2000, p. 150) propõem questões para o profissional da informação, nos dias atuais, diante da atuação em questões de acessibilidade da informação, segundo ele, o profissional deve repensar as seguintes questões:

- a) remodelagem da unidade de informação, buscando uma interação profunda entre os atores deste cenário;

- b) capacitação contínua, buscando os conhecimentos necessários - uma vez que esse cenário é mutante e dinâmico, - para atuar com competência;
- c) clareza quanto à vocação da unidade de informação que deve ser dirigida para serviços informacionais, buscando se antecipar às necessidades dos usuários;
- d) visualização e adaptação da unidade de informação de forma crítica, buscando a melhoria contínua.

Outro ponto importante de atuação, é que o profissional aja de maneira mediadora entre os avaliadores automáticos e a avaliação humana, de maneira a retirar de cada um, questões essenciais para a solução de problemas de acessibilidade. O profissional da informação deve entender que tanto um como outro se complementam e que são interdependentes, ou seja, nem um nem outro é capaz de resolver sozinhas a questão e que trabalhando juntos os ganhos pode ser maior.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lutar pela acessibilidade, estamos defendendo um direito humano, que possibilita a equidade de oportunidades e que é condição para que a inclusão social aconteça. Segundo Romeu Sasaki, "O paradigma da inclusão social consiste em tornarmos a sociedade um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e condições na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades."

Percebemos que muito ainda deve ser trabalhado para que haja conscientização da sociedade e uma melhoria no dia-a-dia desses usuários. Mudanças ainda devem ser feitas tanto arquitetônicas como culturalmente, para que o caminho pela busca do conhecimento seja de todos, limitarem uma porcentagem da sociedade de ter esse prazer em aprender é privar a humanidade de crescer em todos os aspectos.

As propostas levantadas neste trabalho trazem o profissional da informação para o papel principal para a solução de questões de acessibilidade à medida que o coloca como pesquisador e executor

das soluções. É preciso que o mesmo entenda seu papel e sua área de atuação, para que assim possa complementar com suas competências questões onde ele seja capaz de atuar, ou seja, o profissional da informação deve estar sempre seguro de suas tomadas de decisões, sempre de acordo com o que as ferramentas podem lhe oferecer e o que seus usuários esperam que ele resolva.

As questões de acessibilidade da informação, é bom que se diga, se refere a todos, não só para pessoas com capacidades limitadas, nesta questão o profissional da informação deve ser a ponte entre os problemas e soluções, na busca não por um lugar melhor, mas um lugar de igualdade para todos.

Web accessibility for blind users: An overview for professionals seeking information for his performance accessibility issues on the Internet

WEB ACCESSIBILITY FOR BLIND USERS: An overview for professionals seeking information for his performance accessibility issues on the Internet

ABSTRACT

With the advancement of information technology and communication, the Internet has become an important means of integration and social inclusion, its plurality allows users to perform different operations, even though having limitations resulting from the use of hardware and software, assistive technologies, which allow people with special needs to access information independently. This work through a literature review and fieldwork exploratory noted the context of web accessibility for blind users, in order to clarify and understand the current situation on web accessibility for such official with the specific goal of showing a scenario where information professionals can, through its powers to propose changes and adjustments in accessibility issues. The research is justified because this is a subject little explored in the literature as well as the strong appeal for social inclusion of users in society. The results show that subsidies bring much must still be ugly for accessibility for blind users can still improve a lot until they actually have access to information.

Keywords: Web accessibility, social inclusion, access to information.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Neno. Centro de Apoio Educacional ao Cego. Disponível em: <www.intervox.nce.ufrj.br/dosvox/caec.htm> Acesso em: 20 Jan. 2011.
- ARAÚJO, E. A. "Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto das organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras", *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n.2, p. 155-167, 1999.
- BORGES, José Antônio. Manual do Dosvox. Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.nce.ufrj.br>>. Acessado em: 20 Jan. 2011.
- CAMPBELL, Larry. Trabalho e cultura: meios de fortalecimento da cidadania e do desenvolvimento humano. *Revista Contato - Conversas sobre Deficiência Visual - Edição Especial*. Ano 5, n. 7, Dez. de 2001.
- CONFORTO, Débora; SANTAROSA, Lucila M. C. Acessibilidade à Web: Internet para Todos. *Revista de Informática na Educação: Teoria, Prática - PGIE/UFRGS*, 2002.
- COUTINHO, E. Aplicação da lei de Bradford à literatura técnica sobre ferrovia: análise de periódicos e avaliação da base de dados da Rede Ferroviária Federal S. A. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n.2, jul./dez. 1991.
- ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. *Revista IBICT*. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/810/651>> Acesso em: 31 de jan. de 2011.
- FERREIRA, A. F. et all. De Olhos Fechados para os Deficientes Visuais: Como a Acessibilidade do Site da Receita Federal é Vista Por Quem

- Não Pode Enxergar. In:____. *Simpósio de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais - IHC*, 9, Belo Horizonte - MG. Anais IHC, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.
- GIL, Marta. *Acessibilidade, inclusão social e desenho universal: tudo a ver*. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/martagil.php>> Acesso em: 12 jan. 2011.
- MELO, Amanda Meincke; COSTA, Jean Braz da; SOARES, Sílvia C. de Matos. *Tecnologias Assistivas*. In:____. PUPO, Deise Tallarico; MELO, Amanda Meincke; FERRÉS, Sofia Pérez (Org.). *Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas*. Campinas: UNICAMP, p. 62-70, 2006.
- NIELSEN, J. (2000) "Why You Only Need to Test with 5 Users", Disponível em: <<http://www.useit.com/alertbox/20000319.html>>. Acesso em: Mai. 2009.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. O que é acessibilidade. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/menu-de-apoio/apoio/perguntas-frequentes/o-que-e-acessibilidade>>. Acesso em: 28 dez. 2010.
- RODRIGUES, Andréa dos Santos; FILHO, Guido lemos de Souza; BORGES, José Antônio. *Acessibilidade na Internet para Deficientes Visuais*. 2005.
- SARACEVIC, T. "Tecnologia da informação, sistemas de informação e informação como utilidade pública". *Ciência da Informação*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 57-67, 1974.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. "Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão", em *Revista Nacional de Reabilitação*, 2004.

SILVEIRA, D. ; SILVEIRA, M. ; RODRIGUES, G. ; ANDRADE, S. R. ; FERREIRA, A. F. Acessibilidade de informações em portais governamentais para deficientes visuais: o caso da Receita Federal do Brasil. In:____. ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 10, Rio de Janeiro. Anais, 2010.

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES CULTURAIS

Ana Lúcia Sobrinho Rudakoff*
Edilene Machado*

RESUMO

Este trabalho relata sobre a biblioteca como espaço para desenvolver a ação cultural, ressalva o significado da palavra cultura e como esta se desenvolve como processo e evidencia o bibliotecário como agente cultural. Realça a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais como espaço que desenvolve ações culturais.

Palavras-Chaves: Ação cultural. Biblioteca universitária. Bibliotecário. Agente cultural.

1 INTRODUÇÃO

O artigo relata sobre a biblioteca universitária como espaço para desenvolver a cultura, bem como o conhecimento e o uso da informação. Deste modo, este espaço se mostra possível de promover ações culturais mesmo na Universidade. A exemplo deste fato pode-se observar a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é um exemplo de instituição que pratica ações culturais, mesmo esta instituição atendendo mais de 40 mil estudantes, sendo estes alunos de graduação, mestrado e doutorado e tendo cerca de 2.600 docentes. Esta biblioteca consegue prestar serviços de informação e promover ações culturais. Por tais motivos a UFMG está entre as Universidades mais bem conceituadas do país. Neste contexto percebe-se a importância da biblioteca como espaço disseminador do conhecimento, da cultura e do bibliotecário como agente disseminador da cultura e do conhecimento.

* Alunas do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

2 O BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE SOCIAL

Ação social caracteriza-se por qualquer ato que leva em conta ações ou reações de outros indivíduos e é modificada se baseando nesses eventos. É um termo abrangente, posto que o indivíduo que atua nas ações sociais não é passivo, mas (potencialmente) ativo e reativo.

O bibliotecário atua como agente social quando transforma as ações de outros indivíduos, essa transformação corre através do incentivo à leitura e a pesquisa. Este profissional é uma importante ferramenta para desenvolver nos estudantes as competências necessárias para a aprendizagem ao longo de suas vidas, instigando a sua imaginação e fornecendo subsídios para tornarem-se cidadãos responsáveis pela sociedade em que vivem e pelo seu próprio futuro.

Este profissional é de fundamental importância na construção da cidadania, o discente está formando a sua identidade crítica e criativa. Nessa etapa da vida ele está elaborando o conceito de mundo e tudo que está a sua volta, para isso faz-se necessário a ampliação de seu conhecimento. É importante que o aluno não se limite apenas aos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Por isso, Silva (2005, p. 50) ressalta que ao disponibilizar o acesso à informação e instruir na busca de conexões em outras fontes, o bibliotecário estará criando um laboratório de informação através de um ambiente pedagógico, que é tão necessário para o aluno, quanto à necessidade de assistir ao conteúdo programático ministrado em sala de aula para desenvolver o seu raciocínio sobre as ações desenvolvidas na Universidade, estas atividades podem ser na esfera da pesquisa, do ensino e da extensão.

3 A BIBLIOTECA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criada em 1927 inicialmente como Universidade de Minas Gerais (UMG), instituição privada subsidiada pelo Estado. Em 1949, a Universidade é federalizada, sendo o nome atual adotado em 1965. A criação da UFMG foi

o resultado da união de diversas escolas e faculdades existentes em Belo Horizonte, as quais encontravam-se dispersas na cidade. Essas escolas e faculdades já possuíam bibliotecas próprias, que eram subordinadas aos seus respectivos diretores e apresentavam orçamentos independentes.

A Biblioteca desta instituição tem por missão prestar serviços de informação técnico-científica a comunidade acadêmica, sustentando e colaborando com a UFMG para que ela permaneça dentre as mais bem conceituadas universidades do país. Esta instituição é responsável tecnicamente pelo provimento de informações necessárias às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade, como também pela coordenação técnica, administração e divulgação dos recursos informacionais das 27 bibliotecas do Sistema. Essas bibliotecas estão subordinadas administrativamente às Unidades Acadêmicas, Escolas de Educação Básica e Profissional e órgãos suplementares.

A Biblioteca Universitária disponibiliza para a comunidade interna da Universidade espaços, nas dependências internas do prédio da Biblioteca Central, para exposições temporárias. As exposições devem estar vinculadas diretamente aos objetivos preestabelecidos, que estão relacionados com o exercício de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

4 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO PARA DESENVOLVER AÇÃO CULTURAL

O século XXI trouxe muitas mudanças em todas as áreas, e na biblioteca a mudança de maior impacto foi a implantação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação que permitiu uma melhor democratização do conhecimento, bem como a disseminação da cultura.

Esta disseminação cultural pode ser entendida também como ação cultural que nas bibliotecas universitárias acontece graças a ação de um agente cultural, mas, para entender este fenômeno primeiramente deve-se entender o significado da palavra cultura e como esta desenvolve-se dentro da biblioteca Universitária. Para Flusser (1983, p. 150) cultura é um conjunto de objetos, obras e coisas feitas

pelo homem ou então como sendo conjunto de suas práticas sociais ou individuais. Segundo Rodrigues, Viana e Silva; Cultura é:

[...] tudo que é produzido pelo homem, as influências que este recebe desta por meio dos agentes culturais e das ações sociais e políticas juntos à outros indivíduos ou grupos. A cultura não é algo estanque, mais dinâmico e que se renova por meio das pessoas e dos grupos sociais espalhados por diversos locais onde se possa produzir algo próprio do homem [...] (RODRIGUES, SILVA E VIANA, 2010).

Ação cultural é um procedimento que proporciona condições para que os indivíduos envolvidos desenvolvam sua capacidade de criar, inventar e reinventar seus objetivos, uma vez que as atividades não lhes são impostas nem dirigidas para alcançar determinados resultados. Segundo aconteça faz-se necessário o respeito do ritmo individual e a liberdade de expressão não coloca limitações de forma e linguagem, permitindo diferentes olhares e diferentes leituras sobre um mesmo objeto ou uma mesma situação, sempre abrindo novos caminhos para que as pessoas descubram e escolham, por si, aquilo que querem.

Ainda segundo Abrinq (1994):

Ação cultural cria condições e oportunidades para que as pessoas desenvolvam sua capacidade de observar, refletir, duvidar, questionar e falar livremente a partir de seu próprio cotidiano. É um processo que provoca transformações e se transforma também, levando as pessoas a mudar a forma como passam a se ver e a ver o mundo ao seu redor, fazendo com que não se limitem às soluções prontas e aos padrões convencionais e comecem a enxergar para além desse mundo que as cerca.

A ação cultural possibilita a participação das pessoas na produção da cultura, a biblioteca como espaço para desenvolver a ação cultural irá possibilitar que os indivíduos apropriem-se dos equipamentos e do espaço da biblioteca criando oportunidade para que o usuário que era mero consumidor da cultura possa ser produtor. Para que a ação cultural aconteça é preciso entender o fenômeno da cul-

tura como um ciclo, um processo, algo em constante mudança. Para Rodrigues, Silva e Viana ação cultural é:

A ação cultural é antes de mais nada ação de reformulação de idéias e objetos culturais que rompe com a proposição de cultura como simples herança, que se deva receber passivamente, sem crítica ou renovação de conhecimento (FLUSSER, 1983 apud RODRIGUES, SILVA E VIANA, 2010).

Um exemplo de Biblioteca Universitária que promove a cultura é a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta instituição promove ações culturais de modo que todos da comunidade acadêmica e não acadêmica possam participar deste processo que é a cultura. Como exemplo de promoção da cultura esta instituição promove a inclusão de deficientes visuais com exposições táteis interativas, com sons, texturas e relevos para que estas pessoas possam usufruir as ações culturais. A instituição também exibe filmes dentro do espaço de leitura, além de promover projeto de extensão voltado para o incentivo à *leitura*.

O bibliotecário neste contexto será o agente cultural, ou seja, este irá incentivar a entrada da comunidade acadêmica na produção cultural. Este profissional deverá conhecer o usuário e incentivar a expressão e a criatividade dos indivíduos na comunidade acadêmica, este bibliotecário deverá desenvolver atividades práticas que incentive a criatividade e a discussão de temas que interesse a comunidade. Ferreira destaca que este profissional deve ter funções que vai além das atividades de desenvolver hábitos de leitura, quando destaca que o bibliotecário na biblioteca universitária deve ser:

Um profissional capaz de desenvolver atividades de formação do hábito de leitura, da democratização da cultura e do fornecimento de informação em tempo hábil, participando de modo decisivo, da formação intelectual do cidadão (FERREIRA, 2010).

O bibliotecário da biblioteca universitária para ser um agente cultural deverá ir além do fornecimento de informação, pois esta só

é importante se transformada em atividades que desenvolva a cidadania, segundo Moore apud Varela "A informação é um bem social quando as pessoas a utilizam em suas atividades sociais, educacionais e culturais, exercendo os seus direitos à cidadania" (MOORE, 1997 apud VARELA, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bibliotecário no contexto da universidade deve ser um profissional polivalente, exercendo várias funções tais como mediador do conhecimento e informação, agente ativo na formação do cidadão, agente cultural fazendo com que a comunidade acadêmica participe da produção cultural.

A biblioteca universitária por sua vez atua como espaço mediador do conhecimento e informação, espaço de leitura, local onde se desenvolve a ação cultural e espaço de formação do cidadão. Para que isso aconteça a biblioteca precisa ser reconhecida e valorizada na instituição em que a mesma atua. A exemplo de biblioteca que atua como disseminadora da informação e da cultura foi citada a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG como modelo de Unidade de Informação e sendo uma das mais conceituadas do país.

THE LIBRARY UNIVERSITY OF SHARES IN CULTURAL DEVELOPMENT

ABSTRACT

This paper reports on the library as a place to develop the cultural action. Subject to the meaning of culture and how it develops as a process. It highlights the librarian as a cultural agent. Stresses the library of the Federal University of Minas Gerais as a space that develops cultural activities.

Key Words: Cultural action. University library. Librarian. Cultural agent.

REFERÊNCIA

ABRINQ. *Biblioteca viva: fazendo história com livros e leituras*. São Paulo, 1994.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. In _____. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. v. 20 n.1/4. p. 31-38. Jan/dez. 1987.

BIBLIOTECA Universitária Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.bu.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=category&id=98&Itemid=244> Acesso em: 25 de novembro de 2010.

FERREIRA, Mary. Bibliotecas escolares em instituições públicas de São Luís: desafios para transformar esses espaços em contextos desiguais. In _____. *Encontro de Bibliotecários Arquivistas e Museólogos do Peru*. v. 2, 2010.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. In. *Revista da escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*. set. 1983, v. 12. n. 2. p. 145-169.

RODRIGUES, Cecília de Jesus. SILVA, Leididaina Araújo e. VIANA, José Rogério Rodrigues. *Ação cultural em bibliotecas*. Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão, e Ciência da Informação 32, 2010.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. *Bibliotecários especialistas: guia de especialidade e recursos informacionais*. Brasília: Thesaurus, 2005. 264p.

VARELA, Aida. *Informação e construção da cidadania*. Brasília: Thesaurus, 2007, 144 p.

A IMPORTÂNCIA DO SOFTWARE LIVRE EM BIBLIOTECAS
ESPECIALIZADAS: considerando a proposta do Biblivre

Almerita Costa Gomes*
Jakeline Costa Castelo Branco*
Raquel de Souza Cunha*

RESUMO

Com o advento das novas tecnologias de informação, a rotina de uma biblioteca especializada vem se modificando. Atualmente, a automação dessas unidades de informação se torna algo indispensável para o bom funcionamento da instituição. Este artigo mostra um estudo sobre a perspectiva do *software* livre em bibliotecas especializadas sob a ótica do Biblivre. Traz em discussão o surgimento como consequência dos altos preços dos *softwares* proprietários, bem como a conceituação e definição de *software* livre.

Palavras-chave: Biblioteca especializada. *Software* livre. Biblivre.

1 INTRODUÇÃO

A informação tornou-se a mais valiosa força de transformação do homem, ou seja, informação pode traduzir-se em poder. Esse poder da informação, associado aos contemporâneos meios de comunicação de massa, possui capacidade infinita de mudar culturalmente a sociedade como um todo. E a informação, quando aplicada corretamente, contribui como instrumento de sucesso, caso contrário, pode levar ao fracasso, dependendo do seu emprego e a quem se destina.

Na sociedade da informação, o conhecimento é renovado aceleradamente, ocasionando, assim, uma maior dificuldade para as bibliotecas especializadas manterem suas publicações sempre atualizadas, tornando imprescindível a elaboração de políticas de atualização, expansão e automação dos acervos voltados para atender as necessidades dos usuários.

* Alunas do 7º período de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

Atualmente, segue-se um modelo de *software* livre voltado para as bibliotecas que está cooperando com a qualidade/custos dos serviços e produtos oferecidos. O *software* Livre oferece vários sistemas de gerenciamento gratuitos (GNUteca, Biblivre, Openbiblio).

Dentre os quais se destaca o Biblivre, que disponibiliza serviços como a catalogação e difusão de acervos para implantação nas bibliotecas especializadas.

O *software* livre trouxe, a partir de seu advento, uma profunda transformação no desenvolvimento das bibliotecas, no contexto econômico e social - elas estavam voltadas para o tradicionalismo, tecnicismo, e, com essas modificações legais sofridas, as bibliotecas voltaram-se atender as necessidades do usuário oferecendo o melhor que a tecnologia pode proporcionar em termos de eficiência e rapidez na recuperação da informação.

2 O QUE SE ENTENDE POR SOFTWARE LIVRE?

O *software* livre como movimento organizado surgiu em 1984 com Richard Stallman através do Projeto GNU (lançado em 1984 para desenvolver o sistema operacional GNU, um sistema operacional completo Unix-like, que é *software* livre, que respeita a sua liberdade). Contudo, a grande responsável pelo desenvolvimento do *software* livre foi a *Free Software Foundation*, que publicou em 1986 a primeira definição de *software* livre.

Acredita-se que o movimento surgiu em resposta aos altos preços e as licenças altamente restritivas dos *softwares* proprietários e que tenha uma ligação com a história dos sistemas operacionais e com o desenvolvimento dos computadores. Conforme Ritchie (2011, p.3), por volta dos anos de 1968 a 1969, os Laboratórios Bell necessitavam de um sistema operacional e então foi decidido desenvolver um. Essa nova proposta refere-se à liberdade dos usuários, pois permite executar, copiar, distribuir, modificar e aperfeiçoar.

O *software* livre pode ser caracterizado como uma ferramenta que venha contribuir para o desenvolvimento das atividades rotineiras de qualquer órgão no âmbito público e privado, proporcionando

melhores “lucros e eficiência” na prestação de serviços à instituição, além de possibilitar o compartilhamento de informações a baixos custos aos seus clientes.

Desse modo o *software* livre vem evitar gastos excessivos impostos pelos softwares proprietários, além do mais qualquer pessoa pode testar, melhorar e redistribuir suas melhorias. De acordo com Silva (2005, p. 50) “[...] qualquer software livre pode ser distribuído, inclusive o indivíduo tem total autonomia sobre o produto, pode doar ou vender uma cópia da fonte ou do binário, desde que mantenha as mesmas liberdades definidas na licença”, assim o *Software* livre apresenta vantagens significativas e de benefício (custo zero, múltiplos desenvolvedores, código aberto) para o seu gerenciamento, podendo assim adaptá-lo de acordo com a necessidade da instituição.

Diante do exposto, vale destacar a importância de o bibliotecário conhecer e adquirir os *softwares* livres, aumentando, desta forma, segundo Silva (2005, p. 51) as verbas para aquisição de materiais bibliográficos, programas de incentivo a leitura entre outros. Enquanto à obtenção de *softwares* proprietários, Silva afirma que:

Cada biblioteca tem as suas peculiaridades e muitas têm sistemas automatizados falhos por não terem planejado a escolha corretamente, ou às vezes, o sistema, geralmente proprietário, não oferece essa portabilidade. Assim é necessário comunicar à empresa/pessoa responsável pela criação e realizar adaptações e isso implica custos adicionais, no modelo de software livres isso não ocorre, o usuário com um conhecimento técnico poder implementar essas mudanças diretamente no código fonte do sistema, no qual a escolha recaia sobre uma ferramenta que contemple os recursos hoje disponíveis, sem se tornar obsoleto a médio e longo prazos (SILVA, 2005, p. 46).

Portanto, *software* livre está relacionado à: liberdade de executar o programa para qualquer uso, modificá-lo de acordo com suas necessidades e redistribuir cópias de modo que todos beneficiem-se das melhorias. Nesse contexto, existem alguns sistemas de gerenciamento de acervos para bibliotecas, como, por exemplo, o Biblivre, que será destacado mais adiante.

4 SOFTWARE LIVRE: IMPLANTAÇÃO DO BIBLIVRE EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS

Diante do avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs), o cenário das bibliotecas é alterado principalmente em relação às formas de acesso às informações. A automação de bibliotecas especializadas com uso de *software* livre (no caso, com enfoque para o Biblivre) passa a funcionar como ferramentas de interação entre as fontes de pesquisa e os usuários.

4.1 Surgimento do Biblivre

O Biblivre nasceu de um projeto articulado pela Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional - SABIN, em conjunto com a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Em 2001, o projeto foi aprovado pelo Ministério da Cultura sob custódia da lei n. 8.313/91 - Rouanet, de incentivo ao desenvolvimento sociocultural. O projeto tinha como objetivo informatizar as bibliotecas e promover a comunicação entre elas visando diminuir uma forma específica de exclusão digital.

Nesse aspecto, os autores citados abaixo afirmam que:

O projeto previu, desde o seu início, que os programas desenvolvidos fossem oferecidos livremente às bibliotecas que desejarem utilizar esta tecnologia na modalidade conhecida atualmente como “programas livres” *software* livre ou *free software*. (CIPRIANO; MARCONDES; MACIEL, 2011, p. 3).

Observado a relevância social do projeto a *International Business Machines IBM* (Brasil) tornou-se parceira em meados de 2004. Acredita-se que esse apoio financeiro foi fundamental para seu desenvolvimento. Contudo, o programa só foi finalizado em 2005, atualmente ele está em sua Versão 3.0.13.

De acordo com seu site, o programa Biblioteca Livre trata-se de:

[...] um aplicativo que permite a inclusão digital do cidadão na sociedade da informação. Trata-se de um software para catalogação e a difusão de acervos de bibliotecas públicas e privadas,

de variados portes. Além disso, qualquer pessoa pode compartilhar no sistema seus próprios textos, músicas, imagens e filmes. (BIBLIVRE, 2011, p.4).

Em outras palavras o Biblivre pode ser considerado como um sistema de *software* que se constitui como uma ferramenta gratuita e que objetiva ofertar serviços e recursos que qualquer outro programa comercial do gênero dispõe sem ônus para a instituição que o adota.

O sistema possui licenciamento gratuito tipo LGPL - *Lesser General Public License* da *Free Software Foundation*, o que viabiliza, além de sua utilização, a modificação de seu código fonte e redistribuição, sendo assim possível de ter alterações para que se adeque às mudanças na unidade de informação e atenda as suas necessidades. Possibilitando a comunicação em rede de acervos, permitindo ao usuário (através do sistema) acessar diferentes bibliotecas no mundo todo.

4.2 Conceito das bibliotecas especializadas

A biblioteca especializada pode ser conceituada com base no seu acervo ou no tipo de usuário a frequenta. Algumas vezes é confundida também com biblioteca especial, porém esta apresenta características e, conseqüentemente, conceito próprio. Cezarino (1978) define bibliotecas especializadas como:

[...] unidades pertencentes a instituições governamentais, particulares ou associações formalmente organizadas com o objetivo de fornecer ao usuário a informação relevante de que ele necessita, em um campo específico de assunto (CEZARINO, 1978, p.238).

Com base nessa afirmativa, pode-se salientar que a biblioteca especializada é aquela que deve possuir um acervo contendo assuntos específicos direcionados a um determinado campo do conhecimento. Podendo apresentar como características o tipo de material variado, um acervo limitado em tamanho, coleção, acervo e serviço limitado aos usuários da instituição na qual se encontra inserido.

Com o surgimento, por volta do século XX, as bibliotecas especializadas se originaram da necessidade de entidades governamentais, universidades (bibliotecas setoriais) ou empresas. Operam como importantes e atuantes disseminadoras do conhecimento, necessárias nos estudos e tomadas de decisões das instituições das quais fazem parte. Devendo as mesmas possuir um inconcusso planejamento no desenvolvimento de suas coleções, a fim de satisfazerem seu público específico.

4.3 O Biblivre em bibliotecas especializadas

O uso do *software* livre (nas mais diversas modalidades de bibliotecas - especializada, pública, escolar e etc.), atualmente, está tornando-se algo comum, pois se apresenta como opção para o uso de ferramentas tecnológicas gratuitas e de fácil acesso e simples. Nessa perspectiva, Silva (2005, p. 8), afirma que:

Devido à alta customização, o uso de ferramentas baseadas na plataforma livre tem sido uma saída para inúmeros orçamentos de um plano diretor de informática de organizações. Inúmeras vantagens podem ser elencadas sobre o uso de *software* livre, como a liberdade de executar o programa, para qualquer propósito. A liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades.

Observa-se que muitas bibliotecas brasileiras não estão informatizadas, por questões técnicas e financeiras, e, a maior parte de seus usuários finais, não está familiarizada com os recursos das tecnologias atuais, existentes nas bibliotecas mais modernas do mundo. Com base no que o autor apresenta, pode-se propor o Biblivre como alternativa de *software* livre para a automação de bibliotecas especializadas, pois oferece vantagens como o fácil uso; o acesso aos catálogos de qualquer biblioteca do mundo através do Protocolo Z39.50 (protocolo de comunicação ente computadores desenvolvido para permitir pesquisa e recuperação de informação); roda no Windows, no Linux, no Unix ou compatível; interface simples: diferentes materiais

podem ser catalogados nas bases bibliográficas (livro, panfleto, tese, periódico, artigo de periódico, manuscrito, iconográfico, cartográfico, audiovisual, música [som], partitura, legível por computador, objeto 3D); busca por autor, título, assunto, ISBN (International Standard Book Number), ano de publicação, todos os atributos, serial da obra e tomo patrimonial; permite a catalogação do acervo das bibliotecas e a consulta online a títulos, fichas técnicas, trechos de livros e até de obras completas; possibilita ler e imprimir obras que estão em domínio público; promove a informatização e a modernização da biblioteca; dentre outras.

Dessa forma, o programa é, sem dúvida, uma grande contribuição tecnológica alinhada com a filosofia do *software* livre, que vem ampliando seu espaço diante do *software* de código fechado, oferecer às bibliotecas especializadas subsídios no que tange a inclusão dessas instituições no ambiente tecnológico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *software* livre é uma ferramenta que está se tornando cada vez mais popular, sendo assim faz-se necessário destacar a sua importância na sociedade da informação. Várias versões já foram criadas, simplesmente para que as suas facilidades sejam cada vez mais reconhecidas. As novas tecnologias vão surgindo e permitindo que as suas vantagens sejam conhecidas para que, assim, sejam disseminadas, o que realmente vem acontecendo com os *softwares*.

A discussão desenvolvida nesse trabalho teve por objetivo traçar o *software* livre como bem em bibliotecas especializadas, sobre o qual a Administração Pública deve adquirir e transferir direitos no regime chamado "livre" e salientando a contribuição do programa de gerenciamento Biblivre inserida nas unidades de informação.

THE IMPORTANCE OF FREE SOFTWARE SPECIALIST IN LIBRARIES: Biblivre considering the proposal

ABSTRACT

With the advent of new technologies of information, a specialized library routine has been modified. Currently, the automation of these units of information becomes indispensable for the proper functioning of the institution. This article shows a study on the prospect of free software libraries from the perspective of the specialized Biblivre. Discussion back on the rise as a result of high prices of proprietary software, and the conceptualization and definition of free software'.

Keywords: Library specialist. Free software. Biblivre.

REFERÊNCIAS

BIBLIVRE. Disponível em: <<http://www.biblivre.org.br/joomla/>>. Acesso em: 12. jul. 2011.

CEZARINO, M. A. N. Bibliotecas especializadas, centros de documentação, centros de análise da informação: apenas uma questão de terminologia? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 218-241, set. 1978.

CIPRIANO, Andréia; MARCONDES, Carlos H; MACIEL, Vinicius V. *SOFTWARE LIVRE PARA BIBLIOTECAS PÚBLICAS: uma proposta de critérios de avaliação e sua aplicação*. Disponível em: <<http://www.cin-form.ufba.br/7cinform/soac/papers/f5fbde471c7f6edf5e9a9502df>> Acesso em: 7. nov. 2011

RITCHIE, *The Evolution of the Unix Time-sharing System*. Disponível em: <<http://www.stonehill.edu/compsci/CS314/HistoryOfUnix.pdf>> Acesso em 10 de out. de 2011.

SILVA, Roosevelt Lins. *Modelo de automação em bibliotecas baseado na Filosofia OpenSource: uma análise social e tecnológica*. São Luís, 2005.

A LEITURA DAS CRIANÇAS: o valor da leitura para a formação de futuros leitores*

Elana de Jesus Pereira**

RESUMO

A presente pesquisa tem objetivo de incentivar as crianças à prática da leitura, ressaltando o valor da leitura infantil na formação de futuros leitores, e o quanto é relevante o incentivo das instituições para o crescimento de indivíduos críticos para formação de leitores competentes. Ressalta como é dada a leitura no Brasil, enfatizando a realidade em que a educação brasileira se encontra, destacando o livre acesso a informação e o descaso das escolas que não possuem ou não utilizam as bibliotecas como fonte de conhecimento. Destaca o papel da tecnologia em excesso como fator predominante na desvalorização da leitura e do livro, e por fim traremos a influência dos livros infantis nos primeiros anos de vida das crianças para sua formação intelectual e social. A construção deste trabalho efetivou-se a partir da necessidade de levarmos ao conhecimento da sociedade o poder do hábito a leitura, onde através da pesquisa documental onde buscou-se subsídios para a conscientização das instituições a leitura no âmbito infantil. Conclui-se que a leitura infantil influi em todos os aspectos da formação do ser humano, na educação e nas áreas de extrema importância para sua formação intelectual e social.

Palavras - chave: Leitura infantil. Incentivo. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A leitura se faz muito importante em nossas vidas, através dessa prática podemos aprender, ensinar e conhecer variadas culturas. A sua grandiosidade deve ser compreendida como uma leitura que permita a viagem no mundo da imaginação, uma realidade tão presente durante a infância. Na vida das crianças não é diferente, a leitura

* Artigo elaborado a disciplina de Leitura e Formação de Leitores, ministrada pela professora Cássia Furtado, para obtenção de nota referente ao semestre letivo.

** Aluna do 5º período de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

deve estar sempre presente em suas vidas, desde o seu nascimento até a fase adulta.

As instituições no qual as crianças estão inseridas têm como dever estimulá-las sempre a prática da ler, pois para termos leitores no futuro, o incentivo a leitura tem que partir das crianças de hoje. O trabalho realizado com leitura infantil tem como possibilidade de resultado a formação de leitores/escritores competente.

Tem como objetivo formar crianças que não somente leem, mas que compreendam o que foi lido; por que compreender é transmitir aos demais tudo o que é entendido de uma história através das figuras, ilustrações e objetos que possam transformar um texto em uma leitura agradável e prazerosa a quem ouve; que possa aprender a ler o que está escrito entre linhas; que saiba que vários sentidos e várias visões podem ser atribuídos a uma, onde se possa imaginar, criar e reinventar.

2 A LEITURA NA VIDA DAS CRIANÇAS

A leitura se faz presente em todos os campos no qual a criança esta inserida, tanto na vida social quanto na vida "pessoal" de cada uma. A primeira instituição em que a criança conhece é a família que tem papel fundamental incentivá-las em seu desenvolvimento intelectual e social, em segundo vem a escolar onde a criança passa a se relacionar com outras crianças, e assim conhece um mundo diferente do que ela esta acostumada e muitas vezes se encontra com dificuldades de socialização por falta de orientação adequada. Com os livros não é diferente, é sempre necessário que haja um incentivo por parte de todos que estão em seu convívio, sobre a importância da prática da lei da leitura, essa estimulação pode ser introduzida no cotidiano das crianças através de atividades pedagógicas como: jogos, recreação, entre outras, o fundamental é sempre estar inovando com atividades criativas para que não entre em rotina, e sempre trabalhando com a interação entre as crianças para que seu desenvolvimento com a leitura seja eficaz e positivo. Moura (2008, p.1) ressalta que:

É objetivo da escola e das famílias em geral proporcionar às crianças o acesso ao conhecimento e a formação de indivíduos críticos, comprometidos consigo mesmo e com a sociedade, capazes de intervir modificando a realidade, automotivados e aptos a buscar o aprendizado e o aperfeiçoamento contínuo, o que passa pela formação de leitores competentes.

O profissional da informação, no caso o bibliotecário juntamente no ambiente onde atua, a biblioteca tem como objetivo no processo de incentivo a leitura, mostrar os benefícios que são promovidos durante o hábito, procurando sempre estar se adequando a novos projetos para que ocorra a interação entre a biblioteca, o bibliotecário e a criança leitora, visando sempre fornecer fontes necessárias para que haja consciência do que a leitura infantil proporciona na busca do conhecimento.

É de grande relevância a consciência sobre a importância da leitura infantil na vida das crianças, no qual tem como maior objetivo torná-las em adultos leitores e aumentar o índice de leitores no Brasil, onde é considerado um país onde a leitura é uma tradição.

Observe Silva (2005, p.37):

[...] parece certo dizer que não existe tradição de leitura no Brasil. Dada as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, portanto ao livro.

O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor. Por meio delas, a criança no caso, extrai diversas informações, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a absorção do conteúdo. Quando a criança é inserida no mundo da leitura é possível que vários questionamentos sejam compreendidos, entendidos.

A criança que lê mais, é mais consciente quanto a visão dos conhecimentos que deseja assimilar, tem uma visão mais ampla no mundo em que vive, e é mais comunicativa, mais compreensiva e possivelmente mais alegre. No ato da leitura é possível que duas crianças ao lerem o mesmo texto entendam de maneira diferente, observe o que diz Napolini (1996, p.25):

Quando alguém lê algo, inicia aplicando um determinado esquema, alterando - o ou confirmando - o, ou ainda, tornando - o mais claro e exato. Assim, duas pessoas que estão lendo o mesmo texto podem entender mensagens diferentes por que seus esquemas cognitivos são diferentes, ou seja, as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo de cada uma são específicos.

Diante desse relato considera-se que a criança ao lê deve estar sempre em interação com as demais, para que assim várias informações contidas em somente um texto podem ser compreendidas e repassadas em diversas formas, com outras visões.

A prática da leitura deve ser apresentada na vida das crianças de forma natural, com calma, mostrando em sua essência seus benefícios e sua importância, para que a mesma não se sinta na obrigação de fazer algo, para que esta ação se torne prazerosa, e haja compreensão do que seja a leitura eficiente e eficaz. É fundamental que a criança compreenda qual o sentido desse aprendizado, só assim saberá qual a importância da leitura em sua vida.

No Brasil a realidade de crianças leitoras, é um fator bastante discutido, onde existem dois lados que se mostram em diferentes opiniões quanto ao desenvolvimento da leitura infantil no país.

3 CRIANÇAS LEITORAS NO BRASIL: ato de reflexão

Discutir leitura infantil hoje no Brasil é encontrar um momento de reflexão, onde são apresentados dois lados totalmente diferentes, onde um mostra a leitura como ação ainda em desenvolvimento e o outro revela que a leitura no Brasil encontra-se em descaso total.

Observe o que diz Silva (2005, p. 36):

A situação do Brasil é bastante contraditória: convivem, lado a lado, a preparação "carente" do professor de leitura e as recomendações irrealistas das autoridades educacionais. A política é a "deixa como está pra ver como é que fica", só aumenta dia a dia o volume da crise.

Na leitura infantil devem-se agregar vários fatores que caracterizam o Brasil sendo um país onde a maior parte da população não lê, destacam entre eles a falta de incentivos daqueles que estão presentes no cotidiano da criança, algumas entidades estudantis não possuem bibliotecas, as crianças não mostram nenhum interesse voltado a prática leitora, e o aumento desordenado de livros literários e didáticos. Silva (2005, p. 38) declara que:

Sem dúvida que as “dificuldades econômicas”, como a inflação e o custo de vida, também levantam - se como barreira ao desenvolvimento da leitura junto à grande massa de brasileiros. O encarecimento do livro faz com que a leitura se transforme num verdadeiro “luxo”, pois o poder aquisitivo, numa sociedade desigualmente dividida, certamente discrimina.

Devemos considerar que o Brasil passar por um momento de desenvolvimento, onde o desequilíbrio contribui e afeta na mudar das práticas que são rotineiras do povo brasileiro, de fato é um grande desafio, são grandes os inúmeros posicionamentos que afastam a leitura, uma prática saudável da sociedade. As crianças são as maiores prejudicadas quando não existem práticas educacionais para tal incentivo.

Para que a prática da leitura se desenvolva no Brasil é necessário que as escolas e as bibliotecas permitam o acesso livre ao livro, outro fator predominante para o desinteresse das crianças na leitura nas escolas, porém o que vemos é que a maioria das escolas não possui bibliotecas, ou as poucas que existem estão totalmente defasadas, por falta de renovação do acervo, não possuem profissionais capacitados e nem recursos para serem utilizados em divulgações e projetos voltados para o envolvimento da leitura com a sociedade.

Porém a maioria das escolas não possui bibliotecas, e, aquelas que possuem, são geralmente mal utilizadas (inexiste renovação do acervo, não há bibliotecárias formadas, os locais são inapropriados, etc...) (SILVA, 2005, p.36)

O Brasil especialmente necessita que se formem e que cresça na infância o gosto a prática da leitura, para a formação de leitores

competentes, onde saibam diferenciar vários tipos de textos, que saibam utilizar o conhecimento como instrumento para ampliar sua visão de mundo.

4 DO EXCESSO A TECNOLOGIA AO ABANDONO DOS LIVROS

Muito se fala do impacto das tecnologias de informação sobre o livro, e a influência desse fator na leitura e no hábito de ler. As habilidades tecnológicas e suas facilidades têm afetado ao distanciamento quanto ao livro, como sendo fonte inesgotável do conhecimento e dando lugar a buscas na internet a procura de informação, o que torna as crianças submissas ao controle das redes sociais, jogos eletrônicos, entre outros, que em excesso causam mal ao intelecto de qualquer ser humano, uma vez que os resultados na maioria das vezes são extremamente semelhantes a toda busca pela internet e com isso não agregam conteúdos capazes de manifestar conhecimento para ser repassado a outros indivíduos.

Observe o diz que Setzer (2001, p. 40) quanto aos meios eletrônicos:

Os meios eletrônicos (TV, videogames, computador e internet) estão sendo cada vez mais usados por crianças e adolescentes. Esse verdadeiro ataque à infância e à juventude começou entre nós na década de 1950, com o advento da TV. No entanto, há diferenças brutais entre aquela época e a presente. Por exemplo, a TV penetrou nos dormitórios das crianças, pois em geral os pais compram um aparelho novo e o velho não é jogado fora; aparelhos portáteis como jogos eletrônicos e celulares conectados à internet podem ser usados em qualquer lugar. Com isso, os pais perderam totalmente o controle de que os filhos veem e fazem com os aparelhos.

Na vida das crianças não é diferente, as escolas já não mostram o livro como primeira fonte de pesquisas e conhecimento. O avanço da tecnologia se tornou rápida e suficiente na vida das crianças leitoras.

Uma pesquisa realizada pela Revista Veja Online (2010) mostram que “[...] pais e educadores têm muito medo que diversões digi-

tais, como vídeos e telefones celulares, tirem o tempo que as crianças dedicam à leitura [...]". É de importância de fato que a criança tenha acesso à inovação das tecnologias, aprendam a lidar com elas, pois o mundo está mais tecnológico e exige manuseio e entendimento, mas o uso do livro, o ato de pegar, sentir a textura não deve ser trocada pelos ebooks.

O excesso a tecnologia de forma onde intervém em práticas leitoras, junto ao manuseio e ao toque do livro, em trocas por jogos eletrônicos, revelam que algo não vai bem, pois ao passarem a usarem excessivamente esses jogos as crianças se tornam mais impacientes, ansiosas e buscam no jogo uma satisfação que não são substituídas por outras atividades igualmente prazerosas, no caso a leitura. A criança quando é saudável emocionalmente e psicologicamente ao ler ou brincar com quaisquer outros jogos, ela naturalmente se cansa, e isso não interfere em sua vida e nas instituições na qual ela esta integrada.

Jogos eletrônico não têm contexto. Todos os jogadores são tratados da mesma maneira. Desta forma, os jogos vão contra a educação ideal ocidental de produzir indivíduos diferenciados. Por outro lado, a condição de que o jogador execute limitado movimentos mecânicos que o fazem ganhar mais pontos. Um dos ideais supremos da educação deve ser formar indivíduos adultos que podem atuar em liberdade, tentando alcançar as metas estabelecidas por eles mesmos, e não agir de forma condicionada. (SETZER, 2001, p. 09)

Na realidade hoje a tecnologia afasta cada vez mais jovens e crianças do mundo da leitura. Internet, TV, jogos eletrônicos são concorrentes fortes dos livros, o ideal é sempre incentivar a prática da leitura nas crianças que ainda em formação social e intelectual podem usar a tecnologia, sem omitir-se do uso dos livros e o hábito da leitura.

5 A INFLUÊNCIA DOS LIVROS INFANTIS

Já na formação das crianças durante a gestação, o bebê já ouvi, sente e escuta o chamado de seus pais, principalmente de suas mães.

Nessa fase a mãe conversa com seus filhos e conta historinhas de ninar pra que seus bebês se acalmem, ou até mesmo no ato de amor e carinho. Depois do nascimento, é de suma importância que a criança ainda possa ouvir histórias, pois certamente já se acostumou a ouvi-las lidas pelos seus pais.

Existem várias situações onde a leitura pode ser introduzida no cotidiano e nos primeiros anos de vida da criança, o banho e a amamentação, por exemplo, são situações coniventes pra serem criados esses elos, a mãe ou o pai conta a história e a criança interage com eles de forma gradativa.

As crianças são seres muito curiosos e ao manusear os livros, que hoje são muito fáceis de encontrar no mercado e possuem várias formas, e texturas, sendo de plástico, pano, papel ou musicais são importantes para que os pequenos manipulem, brinque e explore o objeto que pode ampliar o vocabulário e imaginação dos futuros leitores.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um "bom caso", a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa (FILHOS DE A a Z, 2010)

Livros com muitas ilustrações e pouco texto são adequados para crianças de cinco anos, que poderão criar histórias com base nos desenhos ou interpretá-los. Se a leitura for estimulada desde pequenino, o manuseio do livro para essas crianças já será comum.

Desse modo, quando o processo de alfabetização estiver acontecendo, as crianças que passaram por todo o processo de conhecimento e manuseio do livro terão prazer em lê-lo, seja um livro indicado pela escola ou o que a própria criança escolher na biblioteca.

Geralmente para contar histórias às crianças, são escolhidos clássicos como: Branca de Neve e os sete anões, Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Menino Maluquinho, Pinóquio, entre outros, e assim a leitura é introduzida gradativamente sem que haja excesso de incentivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho concluímos que a leitura infantil influi em todos os aspectos da formação do ser humano, na educação e nas áreas de extrema importância para sua formação intelectual e social. Que as crianças conduzem o mundo com futuros leitores, e que através da leitura podemos contribuir para mudar a atual realidade do Brasil.

Hoje a situação da leitura no Brasil está em desenvolvimento, porém lento, mais podemos converter essa situação, inicialmente o incentivo é uma fundamental para a conscientização não somente das crianças, mas, das instituições, das autoridades, e alertar principalmente a sociedade quanto à representação que a leitura trás sobre a importância para a mudança favorável de uma nação, de um povo, de um país.

A tecnologia chega como "facilitadora da informação", mais seu excesso destrói mais informações do que a constrói, o mundo cresce e ao mesmo tempo as inovações chegam e o livro e a leitura que é à base de toda formação intelectual e social é esquecida, porém a sociedade está em processo de reconhecimento de seus valores e alerta em seus benefícios e malefícios quanto à mente de suas crianças.

Como é importante que a criança cresça ouvindo clássicos da literatura, dando valor a contos simples mais que engrandecem o olhar inocente de uma criança, é preciso que os pais e as instituições educadoras incentivem a valorizar e a repassar todo que se é proveitoso da leitura. Compreende - se então que a leitura infantil influi em todos os aspectos da formação do ser humano, não só na educação, mas também nas áreas de extrema importância, como a afetividade; através da literatura pode-se promover na criança até mesmo mudanças de comportamento, de hábitos e atitudes, basta que a prática da leitura seja assimilada da com consciência.

CHILDREN'S READING: the value of reading for the formation of future readers

ABSTRACT

This research has aimed to encourage children to practice reading, stressing the value of children's reading in the formation of future readers, and how relevant is the encouragement of institutions to the growth of individuals critical to the formation of competent readers. Underscores how reading is given in Brazil, emphasizing the fact that education is Brazilian, highlighting free access to information and neglect of schools that do not have or do not use libraries as a source of knowledge. Stresses the role of technology in excess as a predominant factor in the devaluation of reading and books, and finally will bring the influence of children's books in the first year of life for their children's intellectual and social. The construction of this work bhcs from the need to take to the knowledge of the society the power of the habit of reading, where through the documentary research where we attempted to subsidies for the awareness of the institutions to reading in the field playground. It was concluded that the reading child influences in all aspects of the formation of human being, in education and in the areas of extreme importance for its intellectual formation and social.

Keywords - Keywords: Reading children. Incentive. Knowledge.

REFERÊNCIA

CASTRO, Eline Fernandes de. *A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança*. [S.L.], 2010. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para.htm>>. Acesso em: 10 set 2011.

CERISARA, Ana Beatriz. *Professoras da educação infantil: entre o feminino e o profissional*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre a alfabetização*. 24ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FILHOS DE A a Z. A importância da leitura nos primeiros meses de vida. Disponível em: <<http://www.filhosdea-z.com/temas/familia/a-importancia-da-leitura-nos-primeiros-meses/>>. Acesso em: 05 de out. de 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do hábito de ler: em três artigos que se completam. 48ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Literatura. Disponível em: <<http://www.sitedeliteratura.com/Noticias/2003/vitm.html>>. Acesso em: 11 set. de 2011.

MARTINS, Vitória Marie Van Sebreeck Lutiis; BATISTA, Ana Maria. A importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança. [S.L.] 2003.

MOURA, Selma de Assis. Incentivo a leitura na Educação Infantil. [S.L.] 2010. Disponível em: <http://leninhaeducacao.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 nov. de 2011.

NASPOLINI, Ana Tereza. Didática de português: tijolo por tijolo: leitura e produção escrita. São Paulo: FTD, 1996.

REVISTA VEJA ONLINE. Crianças não trocam livros impressos pelos digitais, mostra estudo. [S.L.] 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/criancas-nao-trocam-livros-impressos-pelos-digitais-mostra-estudo>>. Acesso em: 14 nov. de 2011.

SETZER, Valdeimar W. Electronic media and education: Television, video and computer game. Sao Paulo: Department of Computer Science, University of Sao Paulo; 2001. p. 06. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/electr-media.html>>. Acesso em: 06 de out. de 2011.

SETZER, Valdeimar W. Meios eletronicos e educação: nova vida ou destruição?. Sao Paulo: Department of Computer Science, University

of Sao Paulo, 2001. p. 40. Disponível: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/artigo-rev-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 06 de out. de 2011.

SETZER, Valdeimar W. Mídia eletrônica e educação: televisão vídeo game e computador. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/electr-media.html>>. Acesso em: 06 de out. de 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos pra uma nova pedagogia da leitura. 10ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: reflexões sobre os surdos e a questão da acessibilidade no cenário atual

Ana Regina Santos Pereira*

RESUMO

O desenvolvimento e a aquisição da linguagem pelos surdos, sua inclusão nas escolas e universidades brasileiras e o acesso às bibliotecas. Mostra as diferenças conceituais entre os níveis de *déficit* auditivo. Contextualiza e conduz à reflexão sobre o tema da inclusão e acessibilidade e sobre o papel do bibliotecário como mediador no acesso à informação. Aborda a inexistência de uma língua universal para os surdos, pois cada país tem sua língua de sinais e a do Brasil é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Enfatiza a inclusão dos surdos nas escolas e universidades do Brasil e fez-se um enfoque quantitativo ou situação no sistema educacional. Destaca a metodologia composta pela pesquisa bibliográfica e de campo com dados coletados do Núcleo de Acessibilidade da UFMA e de sítios eletrônicos de instituições como o Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES) e Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS).

Palavras - chave: Linguagem. Surdez. Informação. Acessibilidade.

1 INTRODUÇÃO

Ressaltamos o interesse pela temática proveniente de um estudo de Linguística que abordava as concepções intelectualistas e empiristas sobre a linguagem. De acordo com Chauí (2008, p.156.): “[...] a linguagem não traduz pensamentos, mas participa ativamente do trabalho do pensamento, na formação e formulação das ideias e dos valores”.

A partir deste ponto, buscamos relacionar surdez e linguagem, como o deficiente auditivo desenvolve ou adquire a linguagem, quais as implicações socioculturais disso e em tempos de inclusão, qual o panorama educacional brasileiro em relação ao deficiente auditivo.

* Aluna do 2º Período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Para tanto, recorre-se à pesquisa bibliográfica e à entrevistas com funcionários do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), além de visitas a importantes sítios eletrônicos, como o do Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES) e o da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS).

Com o intuito de objetivar este trabalho, nós o dividimos em seções: a primeira aborda a diversidade dentro do contexto de *déficit* auditivo e suas implicações educacionais; a segunda com uma abordagem específica da categoria “Surdo”, Cultura Surda e língua de sinais; e por último o tema da inclusão e da acessibilidade de acordo com os aspectos legais em nosso país e o papel do bibliotecário enquanto mediador no acesso à informação.

2 DIFERENÇAS TERMINOLÓGICAS

A questão da terminologia utilizada para caracterizar o *déficit* auditivo é discutida a partir de pelo menos duas vertentes: uma de acordo com a área de saúde que utiliza o termo deficiência auditiva, que corresponde ao termo definido pela OMS (2001, p.6) e pela legislação brasileira por meio do Decreto nº 3.298/1999: “Deficiência auditiva - perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis ou mais, aferida por audiograma [...]”; a outra, sustentada pelas ciências humanas, que vê o surdo como diferente e defende a ideologia de uma cultura surda, baseada em um caráter linguístico, a própria língua, neste caso de sinais ou LIBRAS.

Para alguns pesquisadores como Santana (2007, p.25) “esta variação de terminologia apenas reedita as [...] delimitações e diferenças já existentes na sociedade”. Outros ainda preferem o termo ‘*discapacidades*’ para referir-se aos diferentes graus de uma mesma deficiência (Torres, Mazzonni e Mello, 2007, p. 45). De acordo com Santana (2007, p. 26), qualquer uma dessas posições expressa uma forma de dominação, uma exclusão silenciosa. Um exemplo disso são os indivíduos que perderam a capacidade auditiva quando adultos, cuja sensação é a de não pertencer a nenhum grupo, entre surdos e ouvintes, num espaço não nomeado e não reconhecido. Contrapondo-

se a isso há a opinião do próprio surdo, ou Surdo (como preferem ser chamados).

Recuso-me a ser considerada excepcional deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que me torna excepcional. (LABORRIT apud SANTANA, 2007, p. 28).

Sendo assim, uma vez verificadas as diferentes 'discapacidades' faz-se necessário dizer que é preciso desenvolver o uso de ajudas técnicas não convencionais para reduzir ou impedir a utilização inadequada de recursos humanos, financeiros e econômicos, especialmente nos contextos educacionais, mais precisamente no âmbito do ensino superior.

3 SURDO? CULTURA SURDA? DEFICIENTE AUDITIVO?

Para nós, ouvintes, alheios à discussão sobre surdez, o termo deficiente auditivo parece ser mais correto, menos imbuído de preconceito. No entanto, para o povo surdo, há uma nítida distinção entre surdo e deficiente auditivo. Estes são, na maioria, pessoas que nasceram ouvintes e que sofreram perda auditiva após terem apreendido a linguagem oral. Não são usuários de LIBRAS, leem lábios, não se identificam com a Cultura Surda e participam mais da Comunidade Ouvinte. Surdo é o indivíduo cuja língua materna é a língua de sinais, que pode ou não ter sido oralizado e está fortemente inserido no contexto linguístico- sócio- cultural da Cultura Surda, cuja percepção do mundo se dá através de sinais visuais.

De acordo com Santana (2007, p. 46) a cultura surda é um termo legitimado pelos próprios surdos, ligado exclusivamente ao surdo e diretamente relacionado com a língua de sinais. A diversidade de interesses entre esses dois grupos foi registrada em um trabalho acadêmico, onde Dallan (2009, p. 22) relata, por ocasião da sanção da Lei nº 10.436/02, que os usuários da Lista dos Intérpretes de Sinais vibraram de felicidade por considerar uma conquista, enquanto os da

Lista dos Surdos Oralizados achavam tal lei sectária, pois os recursos para o acesso à informação reivindicado pelos Surdos Oralizados são diferentes daqueles em uso pelos Surdos Não Oralizados.

3.1 Língua de Sinais

Em relação à língua de sinais é premente relatar que não existe uma "universalidade". Cada país tem sua própria língua de sinais. No Brasil é chamada LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais. Nos Estados Unidos, ASL, *American Sign Language*, etc. Não se trata de uma segunda língua ou idioma oficial, mas da língua dos surdos, oficializada no Brasil pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua gestual- visual que utiliza como canais movimentos gestuais e expressões faciais percebidas pela visão; portanto, diferente da Língua Portuguesa, cuja modalidade oral-auditiva utiliza como canal sons articulados, percebidos pelos ouvidos. Ambas diferenciam-se também pelas estruturas gramaticais. Língua de sinais não é a mesma coisa que alfabeto manual, este é apenas um recurso utilizado pelos falantes da língua de sinais, também conhecido como soletramento digital.

De acordo com pesquisas, a aquisição da língua de sinais por pessoas surdas ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes. Entretanto, a aquisição da língua de sinais para surdos, filhos de pais ouvintes, não é tão natural; uma vez que não é uma língua dominada pelos pais, só pode ser adquirida em ambientes institucionalizados. Acrescenta-se a isso o fato que alguns surdos optam ou são levados a optar pela oralização ou pelo bilinguismo.

4 INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE E EDUCAÇÃO PARA SURDOS

De um modo geral, os deficientes sempre foram discriminados, segregados, desrespeitados e excluídos. A educação era oferecida para pouquíssimos com finalidade filantrópica ou caritativa. Este paradigma tem sofrido paulatinas mudanças ao longo da história. Até a Idade Média os deficientes eram vistos como incapazes, dignos de

pena. Na Idade Moderna, com o avanço das ciências médicas, passaram a ser vistos como doentes e a receber tratamento diferenciado. Hoje, a busca por estratégias para a inclusão de deficientes, independente de suas limitações, ganhou força no Brasil, porém a sociedade e o sistema educacional ainda estão muito aquém de garantir os direitos dessas pessoas, ainda vistas como incapazes.

A inclusão social subentende uma sociedade capaz de se adaptar para incluir pessoas com todo o tipo de diferenças e prepará-las para assumir seus papéis. Uma sociedade inclusiva proporciona ao deficiente a oportunidade de viver e compartilhar o mesmo espaço, respeitando-se as diferenças. A Lei nº. 10436/2002 obriga os sistemas educacionais a garantir educação especial para pessoas com necessidades especiais gerando mecanismos para facilitar o acesso delas.

Especificamente sobre a educação de surdos no Brasil, apresentam-se duas fases, e atualmente um processo de transição. A primeira fase, baseada na educação oralista, fundamenta-se na recuperação da pessoa surda, cuja ideologia apresenta resquícios até hoje. A segunda apresenta o bimodalíssimo, que permite o uso da língua de sinais como recurso (coadjuvante) para o ensino da língua oral e recebe o nome de português sinalizado. A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) se posiciona com relação às propostas de Educação Inclusiva para Surdos e a Integração de alunos surdos na Escola Regular: devem ser atendidos em Escolas Bilíngues para Surdos, para adquirir e desenvolver LIBRAS como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua; tendo oportunidade para vivenciar as atividades curriculares específicas no Pré-escolar, no Fundamental e Médio em LIBRAS, e o Ensino Superior em universidades com intérprete em LIBRAS. Infelizmente não existem profissionais suficientes preparados em áreas específicas, dificultando a proposta de Educação Bilíngue.

Conforme o Censo Demográfico (2010), no Brasil há 5.770.805 surdos. Destes, 776.344, com idade entre zero e 24 anos. O Censo Escolar registrou 56.024 surdos matriculados no Ensino Básico; 2.041 (3%) concluíram o Ensino Médio e 344 matriculados no Ensino Superior, dos quais 90% na rede privada (FENEIS, 2010, p.30).

Em face dessa necessidade de inclusão, verificamos a realidade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) quanto à inserção de surdos em seus quadros. Em entrevista com funcionários do Núcleo de Acessibilidade da UFMA, verificamos que há oficialmente apenas um aluno surdo, cursando o 7º período de Ciências Contábeis. O Núcleo oferece dois intérpretes de LIBRAS em sala de aula e um curso de LIBRAS voltado para os servidores. Há também uma funcionária surda, lotada no Centro de Ciências Biológicas e de Saúde (CCBS).

O maior obstáculo enfrentado pelos PNE atualmente está no acesso à informação e conseqüentemente à educação, trabalho e lazer. (TORRES; MANZANNI; MELLO; 2003, p.382). O Decreto 5.296 de dezembro de 2004 reconheceu a diversidade de *discapacidades* entre pessoas surdas que não se comunicam através de LIBRAS e determinou o uso de ajudas técnicas não convencionais, para auxiliar seu desenvolvimento, ou seja, a aplicação do princípio da redundância na transmissão da informação, que estabelece que informação acessível é aquela que pode ser captada de forma multisensorial. (BRASIL, 2001). Em muitos casos, estudantes surdos não dispõem de um sistema de ajuda para fazer apontamentos e ao mesmo tempo leitura labial, ou ainda, prestam atenção simultânea ao conteúdo exposto pelo professor e ao intérprete de LIBRAS. Nesses casos ajudas técnicas adequadas, como sistema de transcrição de falas em tempo real e sistema de apontamento eletrônico seriam imprescindíveis, no entanto, são situações tecnologicamente muito distantes da nossa realidade.

Reportando-se estas dificuldades ao âmbito das bibliotecas, verificamos situação análoga à das demais instituições de ensino, principalmente ao nível de bibliotecas universitárias, enquanto instrumento para atingir o tripé: ensino-pesquisa-extensão, que deveria dispor de um acervo atualizado em diferentes suportes, adequado às diferentes necessidades de usuários: profissionais qualificados e em número suficiente, oferecendo condições de igualdade ao acesso à informação todos os usuários, sem distinção, valendo-se ainda das novas tecnologias de informação e tecnologias assertivas, garantindo um espaço livre de barreiras informacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil dispositivos legais sobre acessibilidade como a Lei nº. 10.098/2000 e portarias editadas pelo Ministério da Educação em 1999 e 2003 estabelecem normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade.

O Decreto nº. 5696/04 admite a necessidade de atendimento especial a pessoas com deficiência auditiva que não se comuniquem em língua gestual. Contraditoriamente, o Decreto nº. 5626/05 prevê condições especiais de atendimento apenas para usuários da língua de sinais. Como consequência abriu uma lacuna no que tange ao atendimento tanto de pessoas com deficiência auditiva usuários de LIBRAS, como pessoas com outros tipos de deficiência. Situações estas que geram injustiça e insatisfação ao conceder atendimento diferenciado a alguns e a outros, não.

Propostas reducionistas, que consideram a língua de sinais a solução ideal para a comunicação de pessoas surdas devem ser evitadas, pelo desrespeito que representam à diversidade e pelo impacto sobre a sociedade que tende a considerar tais propostas como norma.

Longe de esgotar este tema, pretendemos conduzir a mais reflexões acerca da diversidade e da acessibilidade, ressaltando que devido à escassez de recursos, quer sejam tecnológicos, quer humanos, deve o bibliotecário buscar parcerias inovadoras para promover o acesso democrático à informação.

LANGUAGE ACQUISITION: reflections on the deaf and the issue of accessibility in the current scenario

ABSTRACT

The development and acquisition of language by the deaf, their inclusion in Brazilian schools and universities and access to libraries. Shows the conceptual differences between the levels of hearing loss. Contextualizes and leads to reflection on the theme of inclusion and accessibility and the role of the librarian as mediator in access to information. It addresses the lack of a universal language for the deaf, because each

country has its own sign language and Brazil is the Brazilian Sign Language (LBS). Emphasizes the inclusion of deaf schools and universities in Brazil and became a quantitative approach in the educational system or situation. Highlights the methodology composed of literature and field data collected from the Center's Accessibility UFMA and electronic sites of institutions like the National Education Institute for the Deaf (INES) and the National Federation of the Deaf Education and Integration (FENEIS).

Keywords - Keywords: Language. Deafness. Information. Accessibility.

REFERÊNCIAS

BRASIL. DECRETO. N.º 5296 de 02 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sixlex>>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

DECRETO. n. 3298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1998, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sixlex>>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ática, São Paulo, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DE SURDOS(FENEIS), 2010. Disponível em: <<http://WWW.feneis.com.br/page/artigos>>. Acesso em: 09 de maio de 2011.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus. 2007.

TORRES, Elizabeth Fátima; MANZZONI, Alberto Angel; MELLO, Anahi Guedes de. Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.3, n.2, p.369-386, maio/ago. 2007.

CLASSIFICAÇÃO COLABORATIVA NA WEB: folksonomia

Adriana Vieira*
Eurislândia Oliveira*
Francynalva Araújo*
Mônica Marques*
Sara Jordânia Reis*
Valéria Bastos*

RESUMO

A humanidade busca estruturar suas informações de forma adequada, pois sua organização é de suma importância para a **evolução** da sociedade, o que envolve também o interesse de evoluir as práticas informacionais, a folksonomia tem como uma forma de desenvolver funções e técnicas para facilitar o dia a dia da sociedade. O objetivo é mostrar como a folksonomia funciona em ambientes colaborativos, unidades de informação. Aborda-se a transformação da web clássica à web 2.0, destacando a folksonomia e relacionando seus aspectos e funções, processos informacionais e sua organização, enfatizando a sua colaboração dentro da Biblioteconomia, analisando como ocorre a classificação colaborativa na web.

Palavras-chave: Folksonomia; Classificação Colaborativa; Indexação na internet.

1 INTRODUÇÃO

A indexação é uma prática bastante antiga, mas só a partir de meados do século XIX e durante o século XX que ela ganhou maior importância e espaço. A partir dessa expansão e consolidação do conceito de indexação, Lancaster (1993) concluiu que a indexação deve identificar, descrever ou caracterizar o conteúdo informacional de um documento para posterior exposição de linguagem natural ou em índices.

* Aluna do 5º Período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

A representação e recuperação da informação dentro das bibliotecas surgem com novos paradigmas, várias transformações levaram à revisão de conceitos, como a noção de documento que passaria a ser entendido como contendo três dimensões: forma, signo, e meio. O tratamento interdisciplinar dado pela Ciência da Informação às atividades de representação culminou no desenvolvimento de teorias como a web semântica e artefatos como os tesouros e ontologias, que apresentam formas de representação mais sofisticada que os índices.

Apesar das diferenças nos processos que compõem a folksonomia, ela cumpre objetivos de um processo de indexação, por ser um processo utilizado pela maioria dos sites, pois dá a oportunidade ao usuário de representar de forma livre o recurso que utiliza. Segundo O'Reilly (2005, p. 2) "o serviço fica automaticamente melhor quanto mais pessoas usam", o que, na prática, torna-se real, transformando-se assim em um ambiente colaborativo e que contribui para o crescimento da inteligência coletiva. Segundo o autor Primo (2006, p.2) "a web 2.0 potencializa processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática".

O que faz pensar que as informações que circulam na rede podem ser importantes para o crescimento da sociedade como um todo e que o trabalho coletivo dentro da web pode ser transformado para que esse crescimento seja favorável a quem busca essas informações.

Pode-se, então, complementar que o meio informacional está em constante crescimento e que as ferramentas utilizadas para a divulgação de informações tende a crescer a cada minuto, seus avanços nunca acabam e só trazem benefícios a sociedade.

2 DA WEB CLÁSSICA À WEB 2.0

Quando a web 1.0 surgiu, trouxe consigo uma alta expectativa em seus usuários, porque eles ainda não estavam acostumados com um fluxo de informação tão grandioso. Entretanto seus pontos negativos logo foram detectados, pois geralmente os usuários acabam visitando o site uma única vez, por não haver nenhuma interação. Dessa

necessidade de uma comunicação sincronizada e de uma nova forma de fazer com que o internauta sintá-se fazendo parte do processo de comunicação, que surgiu a web 2.0 termo usado em 2004 pela empresa America O' Reilly Média para definir uma segunda geração de serviços da internet, com serviços, voltados a interação dos usuários. Essa segunda geração permitiu ao usuário uma potente forma de publicação, compartilhamento e organização da informação, expandindo o espaço para interação. Com o aumento da interação e do crescimento do fluxo informacional, a necessidade de organizar as informações publicadas, classificar e recuperar, trouxeram ao ambiente informacional mais uma forma de colaboração na web. A folksonomia é o resultado da etiquetagem de recursos digitais da Web, sendo, portanto, um produto que existe em função de uma ação, a de etiquetar.

Na verdade a indexação colaborativa deve ser utilizada como um meio de amenizar o árduo processo de recuperação de informação. Com as ferramentas que a Web 2.0 disponibiliza para o acesso e distribuição da informação, cabe às bibliotecas atualizarem seus serviços para aproximar-se do usuário e, por meio das tecnologias disponíveis, chamar esse usuário, antigo receptor de informações, para ser agente de transformação, criação e colaboração na biblioteca. A indexação colaborativa e a utilização do chamado Social Bookmarking podem ser muito interessantes no ambiente da biblioteca, agregando valor aos livros e documentos. Disponibilizando os favoritos dos usuários na internet, pode-se criar uma demanda por livros ou assuntos, além de possibilitar para outros usuários mais uma possibilidade de acesso e recuperação de documentos, atualização dos assuntos mais procurados, entre outras coisas.

Tendo em vista as necessidades de interação e de agilidade na organização das informações disponíveis na internet, surgiu uma nova idéia de classificação, a folksonomia, baseada na filosofia colaborativa, emergente dos preceitos de interatividade da web 2.0. Conforme Catarino e Baptista (2007), com a web, a publicação e acesso à informação tornaram-se ações fáceis para quaisquer indivíduos. As pessoas passaram a ter a possibilidade de participar ativamente nesses processos desde sua criação. A web tem evoluído novos serviços,

funcionalidades e comodidade que permitem que os usuários participem de forma ativa na construção e organização dos conteúdos de informações. Em seguida será elencado um quadro com a evolução da Biblioteca 1.0 para a Biblioteca 2.0, mostrando as diferenças entre elas as mudanças ocasionadas juntamente com o avanço tecnológico.

Quadro 1: Evolução da Biblioteca 1.0 para a Biblioteca 2.0

Biblioteca 1.0 (Library 1 0)	Biblioteca 2.0 (Library 2.0)
Correio Eletrônico e página de questões mais frequentes (FAQ)	Serviço de referência via bate-papo (Chat)
Tutorial baseado em texto	Mídia Interativa (Streaming media) em base de dados
Listas de correio eletrônico, Webmasters	Blogs, Wikis, Leitora de RSS
Esquema de classificação controlada	Indexação com base em esquemas controlados
Catálogo Impresso	Catálogos com agregados Blogs, Wikis e página da web

Fonte: Fabiano Couto Corrêa da Silva; Ursula Blattmann.

Nesse processo a folksonomia reflete a possibilidade de compartilhamento entre os usuários para a criação e organização de recursos digitais. É importante enfatizar que alguns estudiosos da área não consideram que existe uma web 2.0, pois, desde o início, a web é aberta à participação de seus usuários para o compartilhamento de serviços e informações. Para Catarino e Baptista (2007) é verdade que a nova geração de serviços para a web incentiva a participação verdadeiramente colaborativa na construção de conteúdos e a criação de comunidades virtuais para discussão, partilha e evolução conjunta, mas defende que não se trata de uma revolução e sim de uma evolução. Uma vez que se trata de uma área de investigação bastante recente, a maior parte da literatura encontra-se online e muito dela está até disponível em acesso livre.

3 FOLKSONOMIA

Trata-se de uma estrutura de indexação através da atribuição de palavras-chaves que representem o conteúdo, sendo que é arbitrário ao próprio usuário que insere a esse conteúdo a escolha dessas palavras. A folksonomia refere-se a um vocabulário, ou lista de termos, que surge da sobreposição de etiquetas definidas por vários usuários ao marcar seus links favoritos, ou marcadores para posterior recuperação.

Folksonomia é a classificação de documentos ou objetos a partir de uma linguagem natural, indexada pelos próprios usuários de certo sistema. É um neologismo criado por Tomas Wander Val com a junção dos termos *folks* (pessoas) e *taxonomy* (taxonomia), esta própria união sugere seu significado como sendo “taxonomia pelas pessoas”. A folksonomia é um sinal claro do momento atual onde a grande rede deixa de ser estática para ser cada vez mais dinâmica, um processo de indexação adotado por muitos dos sistemas de compartilhamento de arquivos na Internet.

A folksonomia é o resultado da etiquetagem dos recursos da web num ambiente social (compartilhado e aberto a outros) pelos próprios usuários da informação visando a sua recuperação. Destacam-se portanto três fatores essenciais: 1) é o resultado de uma indexação livre do próprio usuário do recurso; 2) objetiva a recuperação a posterior da informação e 3) é desenvolvida num ambiente aberto que possibilita o compartilhamento e, até, em alguns casos, a sua construção conjunta. (CATARINO; BAPTISTA, 2007)

A informação pode ser organizada de diferentes formas no mundo digital: a informação, navegabilidade (browsing) e “encontrabilidade” (findability) demonstram uma grande mudança na forma de pensarmos a organização, o que leva também a refletir sobre as mudanças estruturais por trás destas ferramentas tecnológicas, sociais e até mesmo culturais.

Segundo Viera e Garrido (2011) a classificação social ou folksonomia são metadados baseados em hipertexto que formam conjuntos

de informação estruturados de forma distribuída. Nesse sentido, a folksonomia representa uma mudança fundamental uma vez que não é derivada de profissionais ou apenas de criadores de conteúdo, mas de usuários de informações e documentos. Parte do conjunto de comunidades web 2.0, a folksonomia também pode ser definida como um sistema de organização de informação ou categorização social bottom-up, ou seja, de muitos para muitos, baseada em hipertexto que tem como objetivo recuperar conjuntos de documentos.

Na literatura é possível encontrar sinônimos como etnoclassificação (etnoclassification), classificação social (social classification) e etiquetagem colaborativa ou social (colaborative/social tagging). O quadro seguinte relata os sites que são mais utilizados na rede para a realização da folksonomia.

Quadro 2: Sites que adotam a Folksonomia

SITES	RECURSOS	URL
CiteULike	Links acadêmicos: artigos, papers, teses	http://www.citeulike.org
Clipmarks	Clips/notícias	http://clipmarks.com
Connotea	Referências/informações bibliográficas	www.connotea.org
Del.icio.us	Coleção de links favoritos	http://del.icio.us
ESP Game	Imagens	www.espgame.org
Flickr	Fotos	www.flickr.com
Frassle	Blogs	www.frassle.org
Furl	Coleção de links favoritos	www.furl.net
Last.fm	Música	www.last.fm
LiveJournal	Weblogs	www.livejournal.com
Odeo	Música	www.odeo.com
RawSugar	Websites e blogs	www.rawsugar.com
SimpY	Websites e blogs	www.simpY.com
Spurl.net	Coleção de links favoritos	www.spurl.com
Technorati	Weblog	www.technorati.com
Unalog	Links favoritos	http://unalog.com
Upcoming	Eventos	http://upcoming.com
Yahoo!Podcasts	Músicas	http://podcasts.yahoo.com
Yahoo's My web 2.0	Links favoritos/bookmarks	http://myweb2.search.yahoo.com
YouTube	Vídeos	http://www.youtube.com

Fonte: Ana Alice Baptista; Maria Elisabete Catarino.

As ferramentas da folksonomia permitem que usuários da web indexem recursos a partir da atribuição de etiquetas para seu armazenamento, organização e recuperação. Permitem também que as etiquetas fiquem disponíveis em rede de forma que outros usuários que tenham os mesmos interesses possam acessar, bem como mostram as várias formas pelas quais um mesmo recurso foi indexado por outros. É uma maneira colaborativa e livre de indexar que geralmente não exige nenhum vocabulário controlado, a possibilidade de formar comunidades em torno de assuntos de interesse a medida em que, ao utilizar serviços de folksonomia, o usuário tem acesso a outros usuários que têm os mesmos interesses identificados através das etiquetas. Outra característica que se destaca é a de que não há uma regra preestabelecida de controle dos vocabulários, esta característica pode ser vista como uma vantagem na medida em que os usuários dos recursos expressam ao etiquetar estes conteúdos.

A principal vantagem apontada pela literatura é o cunho colaborativo das folksonomias, já a desvantagem encontra-se justamente na falta de controle de vocabulários, que é o resultado de outra característica destes sistemas: a liberdade de indexação dos conteúdos conforme as necessidades e o entendimento do próprio. Assim, tendo em vista todas as mudanças e evoluções ocorridas na produção do conhecimento, não cabe mais aos profissionais da informação deter-se apenas às formas convencionais de classificação, é preciso que estes conheçam as novas ferramentas e as novas formas para classificar conteúdos disponíveis na internet.

A folksonomia engloba uma série de facilidades aos usuários, entre elas, a possibilidade de se recuperar os documentos por sua autoria, pela data de postagem, pelo título do documento ou por parte dele, a possibilidade de recuperação por termos informados nas tags e a nuvem de Tags (*tagcloud*).

A proximidade ou distância de uma etiqueta escolhida pelo usuário aos conceitos de categoria e palavra-chave está associada à motivação do usuário de organizar para uso próprio ou para compartilhar com um grupo restrito ou um grupo aberto. (RODRIGUES; MOREIRA, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é um meio de comunicação que permitiu às pessoas interagirem entre si, mas com a explosão informacional e a informação digital existem vários formatos, como músicas, vídeos, imagens e animações, extrapolando as tecnologias clássicas de recuperação de informações.

A internet traz várias formas de lidar com a informação, no caso do hipertexto e a folksonomia. O hipertexto ocorre por meio de leitura e conhecimento construído pelo receptor é a apropriação esclarecedora, com relação à classificação e recuperação da informação, já a folksonomia é uma ferramenta típica que traz uma nova forma de lidar com a classificação, recuperação e compartilhamento da informação. Os usuários podem colaborar livremente na classificação da informação e podem construir o próprio caminho para a organização da informação.

As primeiras ferramentas de busca eram simplesmente para transferir as técnicas clássicas de recuperação dos documentos para web, pois deixavam muito a desejar nas questões de categorização e classificação dos resultados das buscas.

A folksonomia representa simultaneamente o melhor e pior da organização da informação. Sua natureza não controlável, caótica sofre de imprecisão e ambiguidade que poderia ser melhorada pelos vocabulários controlados (MATHES 2005 apud GALDO et. al 2009). Com base nisso, na folksonomia existem vantagens e desvantagens como, por exemplo, os sistemas permitem que o usuário possa organizar suas informações a seu modo e participar ativamente podendo transformar a criação de metadados, mas a falta de controle de vocabulários seria imensa.

CLASSIFICATION IN COLLABORATIVE WEB: folksonomy

ABSTRACT

Humanity seeks to structure your information appropriately, because your organization is critical to the evolution of society, which also involves the interest of information practices evolve, as a folksonomy is a form of functions and techniques developed to facilitate the day

to day society. The goal is to show how folksonomy work in collaborative environments, and other units of information on existing features and information sharing. Deals with the transformation of the classic web web 2.0, folksonomy highlighting and linking aspects and functions, information processes and their organization by emphasizing its collaboration within the Library, analyzing how the classification is collaborative web.

Keywords: Folksonomy. Collaborative Classification. Indexing the Internet.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Ana Alice; CATARINO, Maria Elisabete. **Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web**. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm>. Acesso em: 17 out. 2011.

BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Colaboração Interativa na Web 2.0 e Biblioteca 2.0**. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2684572...0>. Acesso em: 06 nov. 2011.

GALDO, Alessandra; VIEIRA, GODOY, Angel Freddy; RODRIGUES, Rosângela Schwarz. **Classificação social da informação na web: tecnologias, informação e gente**. Disponível em: <http://dgz.org.br/dez09/Art_03.htm> . Acesso em: 28 jun. 2011.

Lancaster, F. W., **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software**. 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09>>. Acesso em: 29 Jun. 2011.

PRIMO, A.; RECUERO, R. **A Terceira Geração da Hipertextualidade**. In: _____ **Revista da Faculdade de Comunicação**. Casper Líbero, São Paulo, 2006. p. 83-93.

VIERA, Angel Freddy Godoy; GARRIDO, Isadora dos Santos. **Folksonomia como uma estratégia para Recuperação Colaborativa da Informação**. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr11/Art_02.htm>. Acesso em: 20 Jun. 2011.

ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO: Bibliometria, na visão da Ciência da Informação

Aurélio Fernando Ferreira*

RESUMO

A grande quantidade de informações é o ambiente formado hoje pelo grande número de pesquisa e acesso a trabalhos acadêmicos em diversas áreas de conhecimento, essas informações precisam de um tratamento e organização de ferramentas que possam produzir indicadores qualitativos a partir de sua quantificação, permitindo assim traçar um perfil do cenário acadêmico independente de sua abrangência temporal, espacial e geográfica. Este artigo, que é parte de um trabalho apresentado à disciplina de Estudos Métricos da Informação do Curso de bacharelado em Gestão da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, visa conhecer quais são essas ferramentas e qual sua importância dentro da academia, procurando também achar meios de sua aplicabilidade nas práticas dos profissionais da informação.

Palavras-Chave: Estudos métricos da informação. Bibliometria.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos métricos da informação são importantes ferramentas para análises quantitativas da informação.

A análise quantitativa remete ao uso de um conjunto de métodos quantitativos para a análise objetiva e exata, utilizadas na descrição de um fenômeno. Através dessas análises o pesquisador pode entender aspectos de crescimento e tendências de uma área do conhecimento, estudar novos campos que surgem e outros que caem de produção, entre outras. Tais ferramentas são importantes, pois aliadas a bases de dados bem organizadas e com o auxílio da estatística, entre outras, possibilitam a realização, em curto prazo, de tarefas que sem este auxílio demandariam muito tempo e recursos humanos para realização.

* Graduando em Gestão da Informação - UFPE
Aurélio.fernando@ufpe.br

2 ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO: CONTEXTO HISTÓRICO, CONCEITOS E LEIS

Para Noronha e Maricato (2008), durante o período pós-guerra houve no mundo um grande desenvolvimento em pesquisa em Ciência e Tecnologia (C&T), havendo a expansão de universidades e centros de pesquisa.

No Brasil esse desenvolvimento se deu com a criação de cursos de pós-graduação, *strictu sensu*, a partir da década de 70. Tais criações foram decisivas para o desenvolvimento das pesquisas em diversas áreas de conhecimento.

Paralelamente houve a implantação dos grandes sistemas de informação na área agrícola (EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), de saúde (BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), de engenharia, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e documentação e do Programa de Comutação bibliográfica (IBBD - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e COMUT), (MIRANDA E BARRETO, 1999/2000).

Na área da Ciência da Informação, existem nove Programas de Pós-Graduação (níveis mestrado e doutorado) que respondem pela formação e titulação de profissionais da informação e pelas revistas Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, que respondem pela maior parte da produção científica gerada na área. A criação da (ANCIB) Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, principal sociedade científica da área, no final da década de 80, constitui um grande passo para dar visibilidade das pesquisas produzidas nos programas de pós-graduação, principalmente pela oportunidade que oferece aos docentes, alunos e pesquisadores da área, nos encontros anuais realizados.

Assim, como a ciência passou a ser vista como determinante para o desenvolvimento econômico e social de qualquer nação, nota-se, a partir da década de 60, um crescente interesse em coletar informações sobre todo o processo das atividades de Ciência e Tecnolo-

gia para que estas sejam planejadas, monitoradas e avaliadas. Esses monitoramentos foram potencializados pelo avanço das tecnologias da informação. A partir dessas análises foram sendo usadas ciências métricas para, sobretudo, quantificar a informação, entre elas a Bibliometria.

A bibliometria foi o termo criado por Otlet no seu artigo "*Traité de documentation*", em 1934, para designar a mensuração física do livro, isto é, quantas palavras por linha, quantas linhas por página. Foi inicialmente chamada de bibliografia estatística por Hulme em 1923, tais termos vêm a destacar uma abordagem técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006). O termo Bibliometria só veio a se popularizar em 1969, a partir da polêmica lançada por Pritchard em seu artigo "bibliografia estatística ou bibliometria?" que propôs o significado de Bibliometria para ser usado com o objetivo de designar [...] "a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos a livros e outros meios de comunicação" (COUTINHO, 1991).

O ponto fundamental que diferencia a bibliografia da bibliometria é que a primeira aborda questões de análises do registro de documentos, enquanto, a segunda remete a utilização de métodos quantitativos para avaliar a produção científica.

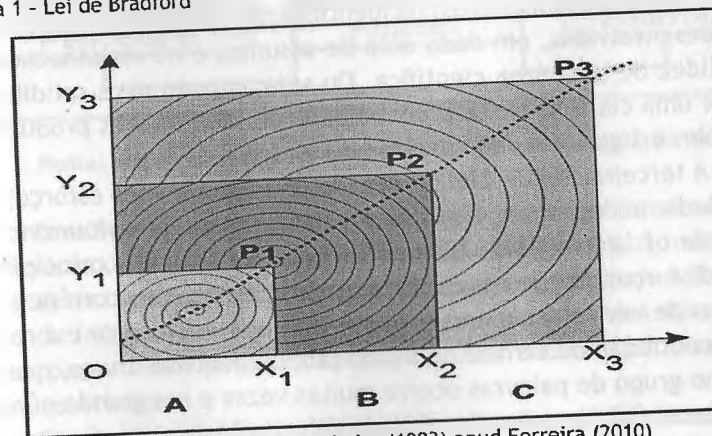
Dentre as aplicações dos métodos bibliométricos pode-se destacar: a identificação de tendências e crescimento do conhecimento em uma determinada disciplina; estudar a redução e dispersão dos campos científicos; medir o impacto das publicações e dos serviços de propagação da informação; estimar a cobertura das revistas científicas; identificar autores e instituições mais ou menos produtivos; identificar as revistas do núcleo de cada disciplina e adaptar políticas de aquisição e descarte de publicações, entre outras.

A Bibliometria é apoiada em três Leis fundamentais Lei de Bradford (produtividade de periódicos), Lei de Lotka (produtividades de autores) e Lei de Zipf (frequência de ocorrência de palavras).

A Lei de Bradford chamada da lei de *dispersão*¹¹ Bradford fez sua primeira observação da dispersão em artigos em um trabalho apresentado em 1934 [...], mas só passou a ser considerada como lei apenas em 1948 a partir de seu resumo que dizia:

[...] se os periódicos forem ordenados em ordem de produtividade decrescente de artigos sobre um determinado assunto, poderão ser distribuídos num núcleo de periódicos mais particularmente devotados a esse assunto e em diversos grupos ou zonas contendo o mesmo número de artigos que o núcleo, sempre que o número de periódicos e das zonas sucessivas for igual a $1/n/n^2$." (PINHEIRO, 1983).

Figura 1 - Lei de Bradford



Fonte: Adaptado de Pinheiro (1983) apud Ferreira (2010)

Na figura 1, a zona A: corresponde à concentração; zona B, em azul: produtividade média e é a componente de Zipf; zona C, em verde: compreende os periódicos de baixa produtividade. (PINHEIRO, 1982; 1983).

¹¹A Lei recebeu esta denominação através da observação de sua função de permitir, mediante a medição da produtividade das revistas, estabelecer o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto em um mesmo conjunto de revistas (VANTI, 2002, p. 153).

A lei a Lotka, chamada também de Lei do quadrado inverso,¹² foi formulada em 1926, e foi construída a partir de um estudo sobre a produtividade de cientistas, a partir da contagem de autores presentes no *Chemical Abstracts*, entre 1909 e 1916. Lotka descobriu que uma larga proporção da literatura científica é produzida por um pequeno número de autores, e um grande número de pequenos produtores se iguala, em produção, ao reduzido número de grandes produtores. A partir daí formulou a lei dos quadrados inversos: $y^x = 6/(\pi y^2 x^a)$, onde (y^x) é a frequência de autores publicando número (x) de trabalhos e (a) é um valor constante para cada campo científico, por exemplo, (2 para físicos e 1,89 para químicos).

A aplicabilidade da Lei de Lotka verifica-se na avaliação da produtividade de pesquisadores, na identificação dos centros de pesquisa mais desenvolvidos, em dada área de assunto, e no reconhecimento da solidez de uma área científica. Ou seja, quanto mais solidificada estiver uma ciência, maior probabilidade de seus autores produzirem múltiplos artigos, em dado período de tempo.

A terceira, lei de Zipf, Chamada de Lei do menor esforço,¹³ foi formulada na década de 1940, na sua obra *Human Behaviour and the Principle of Least-Effort*, (Comportamento humano e o princípio do menor Esforço). Ela permite estimar as frequências de ocorrência das palavras de um determinado texto científico e tecnológico e a região de concentração de termos de indexação, ou palavras-chave, que um pequeno grupo de palavras ocorre muitas vezes e um grande número de palavras é de pequena frequência de ocorrência.

A lei de Zipf é uma lei de potenciação referente a distribuição de valores de acordo com o seu número de ordem. Numa lista, o membro n teria uma relação de valor com o 1º da lista segundo $1/n$. Por exemplo, numa língua a frequência de surgimento de diversas palavras segue uma distribuição que pode se aproximar por:

$$P_n \sim 1 / n^a$$

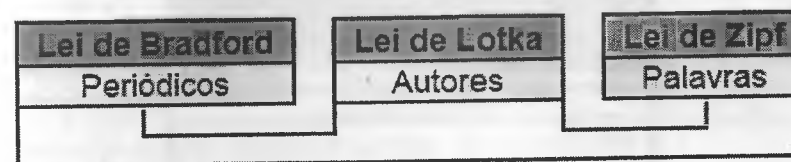
¹² A lei de Lotka recebe esta denominação devido a sua premissa: o número de autores que tenham publicado exatamente (n) trabalhos é inversamente proporcional a (n^2) .

¹³ A lei é assim chamada pela alusão a obra de George Kingsley Zipf, Comportamento humano e o princípio do Menor Esforço.

onde P_n representa a frequência de uma palavra ordenada, " n " representa a posição e o expoente " a " é próximo da unidade. Isto significa que o segundo elemento se repetirá aproximadamente com uma frequência que é metade da do primeiro, e o terceiro elemento com uma frequência de 1/3 e assim sucessivamente.

Observando as três leis vemos que estas estão inter-relacionadas o que faz com que suas aplicações abranjam o universo de um acervo. A Figura 2 abaixo sintetiza esta relação.

Figura 2: Leis Bibliométricas



Fonte: adaptação de Guedes e Borschiver (2005) apud Ferreira, 2010

Para Santos e Kobashi (2009), a partir do início do século XXI, as técnicas de visualização de informação, em apoio aos métodos e técnicas de tratamento e análise de informação, passaram a ser utilizadas de forma vigorosa e recorrente. Essas técnicas têm sido importantes para melhor perceber e compreender dados manipulados por meios estatísticos.

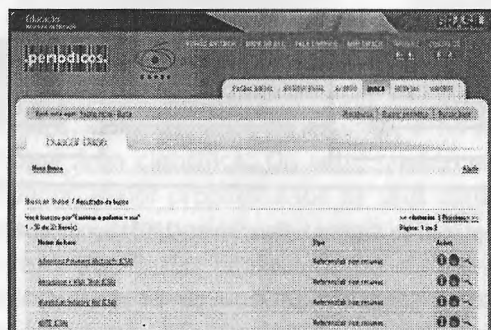
Sendo assim, a partir dos conceitos das leis de Bradford, Lotka e Zipf e a determinação de assunto para pesquisa determinado em sala de aula será abordado sobre o campo de cs, "computer science, information systems"¹⁴, este trabalho visa representar graficamente os resultados colhidos na base de dados *Web of science*, disponibilizada através do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os dados serão cruzados com as áreas dando uma precisão maior para a busca

¹⁴ Ciência da computação, sistemas de informação. Tradução do autor.

3 METODOLOGIA

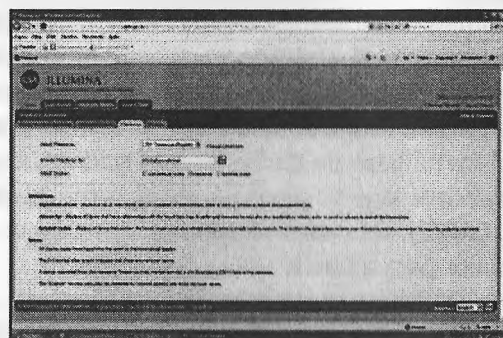
Para maior visualização e apreensão das questões bibliométricas, foi passado um trabalho de aplicação das leis da Bibliometria através de uma análise na base de dados hospedada no portal de periódicos CAPES na base de dados Advanced Abstracts (CSA), essa busca é feita como demonstrada passo a passo nas figuras.

Passo 1: Entra-se na base através do portal de periódicos Capes
Figura 1 - Passos da Pesquisa (Base de Dados CSA)



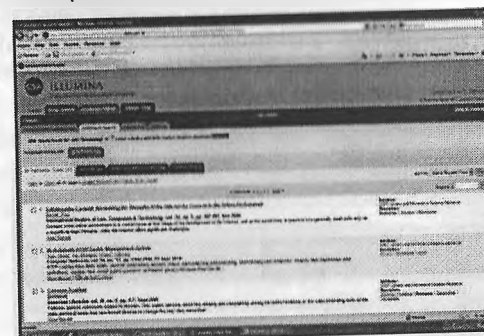
Fonte: Elaboração própria

Passo 2 : Em seguida ao entrar na base CSA, deve-se clicar em ferramentas de busca (Search Tools), para opções refinadas de busca.
Figura 2 - Passos da Pesquisa (Passo 2).



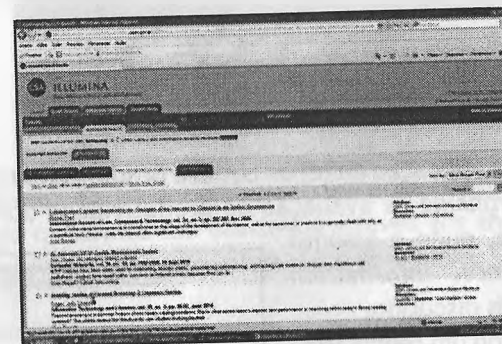
Fonte: Elaboração própria

Passo 3: Os resultados são colhidos para edição.
Figura 3 - Passos da Pesquisa (Passo 3).



Fonte: Elaboração própria

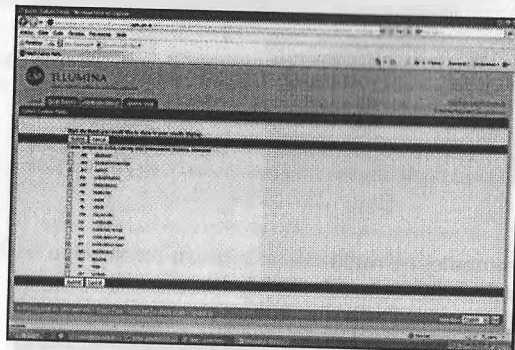
Passo 4: Após encontrados os resultados é feito um refinamento para os artigos dos periódicos da área (Peer-Reviewed Journals).
Figura 4 - Passos da Pesquisa (Passo 4).



Fonte: Elaboração própria.

Passo 5: Depois de encontrados os resultados pode-se escolher apenas os campos pelos quais se deseja utilizar para análise bibliométrica. Estes são importados para um programa que limpe esses dados, nesse trabalho o programa utilizado foi o Dataview, e um programa para gerar gráficos, aqui usados o Excel e o Statistica, onde é feita a representação dos dados.

Figura 6 - Passos da Pesquisa (Passo 5).

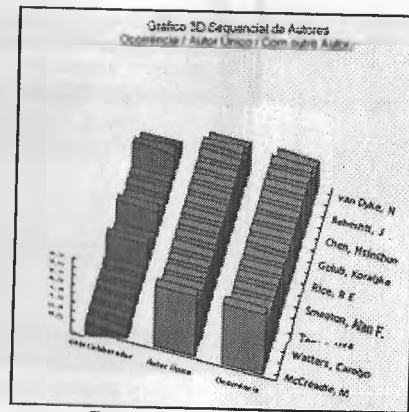


Fonte: Elaboração própria.

4 RESULTADOS

Através da aplicação da lei de Lotka e Bradford foi representado em gráfico um ranking de avaliação de produtividade dos autores na área pesquisada, onde o assunto (*computer science, information systems*) foi mais discutido.

Foi utilizado um refino através do cruzamento dos assuntos mostrando a quantidade de registros dos autores e número de publicações comuns nas duas áreas, podendo demonstrar assim, quais seus autores e países mais importantes em relação à base. Figura 7 - Ranking de autores e Periódicos (segundo lei de Lotka e Bradford).

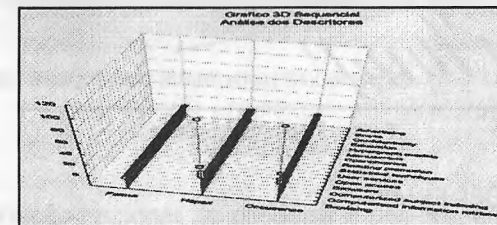


Fonte: Elaboração própria

Com a elaboração do gráfico com a aplicação da lei de Lotka, Figura 7, podemos entender que apesar de não termos muitos autores se destacando na realização de trabalhos, na área do assunto pesquisado, podemos ver que um periódico se destaca nas publicações (Van Dyke, N), o que pode dar ao pesquisador o status de nome mais relevante na área pesquisada.

Segundo a lei de Zipf, foi elaborado um gráfico em 3D no software Statistica, o programa permite utilizar uma análise seqüencial das variáveis, Figura 8, podendo se aperceber quais os descritores utilizados nos artigos, e a frequência que eles aparecem.

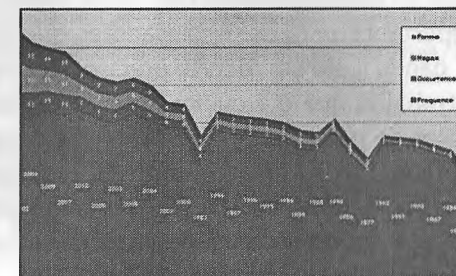
Figura 8 - frequência dos descritores segundo a lei de Zipf



Fonte: Elaboração própria

No software Excel, foi elaborado um gráfico mostrando a frequência com que os termos são utilizados através dos anos, entre, 1970 a 2010, através dos resultados oferecidos pela base.

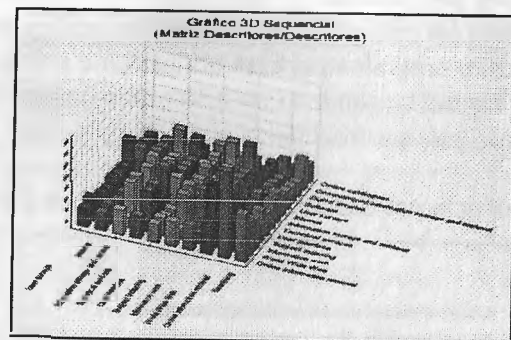
Figura 9 - frequência dos descritores através dos anos segundo a lei de Zipf, no Excel.



Fonte: Elaboração própria

Por fim, foi criada uma matriz relacionando os descritores entre si, para se aperceber qual suas relações e número da frequência que isto ocorre, figura 10, abaixo.

Figura 10 - Relação entre os descritores através de uma matriz elaborada com os resultados colhidos.



Fonte: Elaboração própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício da aplicação da Bibliometria através das leis de Lotka, Bradford e Zipf é um importante instrumento para medição precisa de informações, mas esse exercício nos remete a outro ponto, a organização da informação. A recuperação e representação da informação dependem dessa organização para que os dados colhidos tenham a credibilidade e confiabilidade procuradas. O que nos fica claro é que as bases de dados que investem nessa organização trazem um diferencial importante para os pesquisadores que precisam estudar a informação, dando a ela um recorte preciso para demonstrar um resultado para o trabalho que ele queira obter. A Bibliometria assim como outras técnicas de mensuração pode trazer a esses pesquisadores respostas objetivas dentro de seu limite de resultados, enriquecendo seu trabalho na medida em que através da estatística podem confirmar tendências e confirmar mudanças, assim seu uso pode vir a ser um diferencial na produção científica.

METRIC STUDIES OF INFORMATION: Bibliometrics, in view of Information Science

ABSTRACTS

The large amount of information today is the environment formed by the large number of research and academic access to knowledge in several areas, that information must, in addition to treatment and organization of tools that can produce qualitative indicators from its quantification, thus drawing a profile of the academic setting regardless of its temporal scope, and geographical space. This article, which is part of a paper presented to the discipline of Information Metric Studies Course of Bachelor of Information Management, Federal University of Pernambuco, which aims to know these tools are and what their importance within the academy, also seeking to find ways to its applicability in the practice of information professionals.

Keywords: Study metric information, Bibliometrics.

REFERÊNCIAS

- ANCIB: Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em ciência da informação. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2011.
- ARAUJO, Carlos Alberto. **Bibliometria: evolução histórica e questões atuais**. Em *Questão*, Porto Alegre, v.12, n.1, p.11-32, jan./jun. 2006.
- BIREME: Biblioteca virtual em Saúde. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://regional.bvsalud.org/local/Site/bireme/homepage.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2011.
- CAPES: Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>> Acesso em: 10 abr. 2011.
- COMUT - Instituto brasileiro de informação em ciência e Tecnologia

(IBICT). Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?cat=COMUT>> Acesso em: 13 abr. 2011.

COUTINHO, E. Aplicação da lei de Bradford à literatura técnica sobre ferrovia: análise de periódicos e avaliação da base de dados da Rede Ferroviária Federal S. A. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n.2, jul./dez. 1991.

EMBRAPA: Empresa brasileira de pesquisa agropecuária. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.embrapa.br>> acesso em: 14 abr. 2011.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. *Datagrama zero: Revista de Ciência da Informação*, v. 3, n. 11, jun. 2010. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun10/Art_05.htm>. Acesso em: 01 out. 2010.

IBBD: Biblioteca do instituto brasileiro de informação em ciência e tecnologia (IBICT). Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?cat=Biblioteca%20do%20Ibict/Hist%F3rico>> Acesso em: 13 abr. 2011.

MIRANDA, A; BARRETO, A. A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.23/24, n.3, p.277-92, 1999/2000. Número Especial.

NORONHA, D. P; MARICATO, J. M. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2008.

OTLET, Paul. *Traité de documentation; le livre sur le livre*. Bruxelas: Palais Mondial, 1934.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Lei de Bradford: uma reformulação conceitual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1983.

PRITCHARD, A. *Statistical bibliography or bibliometrics? Journal of Documentation*, v. 25, p. 348, Dec. 1969.

SANTOS, R. N. M, KOBASHI. N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. *Pesq. bras. Ci. Inf.*, Brasília, v.2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009.

TARGINO, Maria das Graças. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. *Revista de Biblioteconomia e Brasília*, v.23/24, n.3, p.347-66, 1999/2000. Número Especial.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

WEB OF SCIENCE [Base de dados]. Disponível em: <<http://apps.isiknowledge.com.ez16.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

LEITURA: Formação de leitores através do processo interativo de construção do conhecimento na Web 2.0

Juliana Rabelo do Carmo*
Cássia Furtado**

RESUMO

Expõe os conceitos de leitura e a responsabilidade da família na formação e no despertar do prazer da leitura nas crianças, elucidando os benefícios da leitura no contexto educacional. Indica a formação de leitores como um ciclo, onde são atribuídas funções a cada espaço social. Mostra os meios de comunicação e as suas influências, indicando uma transformação dos desafios das novas tecnologias em oportunidades para os profissionais da informação. Ressalta a importância da inserção do profissional da informação como intermediador entre os usuários e a informação em formato eletrônico. Conclui apresentando a Web 2.0, seus conceitos e multimídias como maneira de disseminar a informação de forma interativa e que possibilita troca de experiências e compartilhamento entre o leitor e o autor.

Palavras-Chave: Leitura; Formação de Leitores; Web 2.0.

1 INTRODUÇÃO

O advento e a popularização dos computadores, bem como a expansão das tecnologias apresentadas pela Web 2.0 e a acessibilidade à informação, produzida em rede têm ocasionado efeitos nas formas e práticas de leitura. Percebe-se uma migração de metodologias e suportes utilizados para ler, porém, a complexidade deste processo reside na formação dos leitores que utilizam estes serviços para suprir as suas necessidades informacionais e de lazer.

Nesse sentido, é essencial o investimento na formação de crianças e jovens leitores, por envolver um processo com dimensões so-

* Aluna do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

** Professora Adjunto da UFMA-Brasil, Mestre em Ciência da Informação - UNB-Brasil e Doutoranda

ciais, culturais e intelectuais, diretamente relacionado com o ensino e aprendizagem e com a aquisição de conhecimento ao longo da vida.

A origem e evolução de novos termos para definir os processos interativos de compartilhamento de informações em meios de comunicação digital como a "Web 2.0" tem sido objeto de estudo, devido às mudanças que promoveram na sociedade e, em especial, nas práticas da leitura dos jovens.

Assim, a necessidade de adequações as novas tecnologias, bem como a visualização destas mudanças como chance de aprimoramento dos serviços e produtos prestados pelas instituições educacionais, em primazia às bibliotecas e aos profissionais da informação.

Dentre as motivações e objetivos deste estudo estão: caracterização dos processos de leitura e as responsabilidades atribuídas durante a formação dos leitores, bem como a análise dos resultados decorrentes da influência dos ambientes incentivadores para a criança, evidenciando a crescente expansão das novas tecnologias e os impactos e contribuições deste novo espaço de leitura.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de obras de vários autores, dentre eles, Bamberger (1977), Bertoletti (2004), Geraldi (1989), Caldas (2005), Furtado e Oliveira (2011), Guareschi e Biz (2005), Maness (2006), O' Reily (2005), Powell (1994), Vargas (2002), nas quais os subsídios necessários para sua construção tornaram-se possíveis.

Logo, este estudo expõe questões sobre leitura com enfoque nos seus aspectos conceituais, as implicações das contribuições familiares para a leitura, as finalidades de leitura, as influências dos meios de comunicação, além de ressaltar a inserção dos profissionais da informação nos ambientes virtuais e caracterizar a Web 2.0.

2 LEITURA: Aspectos Conceituais

A decodificação de símbolos, signos e imagens abrange o ato de ler, porém ao analisar todo o processo da leitura, percebe-se que essa ação compreende outros significados. Na etimologia da palavra, a palavra leitura tem origem no latim tardio *lectura*, do

latim *lectio*, -onis, que corresponde a escolha, eleição e leitura e que significa de maneira bem sintética “o ato de ler; conhecimentos adquiridos com a leitura”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011).

Porém ao estudar os conceitos por outros aspectos, Bindé (2007) expõe que “O indivíduo, na aprendizagem inicial, deve ser capaz de ler e escrever, produzir e interpretar textos orais e escritos e participar de situações de comunicação na sociedade letrada, missão fundamental da escola”.

O autor aponta que na alfabetização é o ponto de partida inicial para formar leitores, com o intuito de promover o desenvolvimento das crianças, uma vez que a leitura fornece subsídios para a expansão intelectual, porém, não é possível assegurar que esse crescimento pode ocorrer somente no espaço da sala de aula.

Nesse sentido, a biblioteca apresenta-se como um ambiente complementar, porém com relevância peculiar, pois é onde ocorre o desenvolvimento do processo de leitura iniciado na sala de aula, com o objetivo de despertar o prazer de ler e inclinar a leitura para os textos literários. O Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar (2008, p.2) ilustra essas finalidades da biblioteca com a declaração: “[...] Oferecer oportunidade de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento.”

A escola e a biblioteca são instituições que podem contribuir para a formação de leitores, porém, essa responsabilidade não é designada somente a esses dois elementos, pois segundo Furtado (2011) para ser leitor não é preciso ser letrado.

Trata-se de questões que desvinculam a leitura dos ambientes escolares e elucidam o ambiente social, que atualmente se torna conhecido como “Sociedade da Informação”. As tecnologias de informação e comunicação trazem consigo novas linguagens e novos tipos de textos, conseqüentemente descortinam outras maneiras de ler, consumir e utilizar a informação.

2.1 Implicações das contribuições familiares para a leitura

O conceito de leitura deve abranger o espaço familiar, pois é o primeiro espaço de socialização da criança e onde a mesma recebe os primeiros estímulos, mesmo antes de freqüentar a escola. O indivíduo ao receber a informação, mesmo sem ser alfabetizado, pode interpretar a mensagem visual e auditiva, onde se pode citar a fala como o primeiro processo de originar, interpretar e direcionar a mensagem.

Nesse sentido, os pais atuam como incentivadores à leitura, uma vez que a criança possui como referência as figuras maternas e paternas. Visualiza-se nessa perspectiva uma problemática, e conseqüentemente, uma solução através dos estímulos paternos, que a partir dessa motivação tendem a contribuir para os indicadores da realidade brasileira na formação de leitores. A leitura na família tem o intuito de desenvolver o gosto de ler, porém, a problemática se caracteriza pelo fato de pais que não possuem prática de leitura, conseqüentemente - porém não obrigatoriamente -, formam filhos que irão reproduzir esse estereótipo devido à falta de estímulos, o que resultará em adultos considerados “analfabetos funcionais”.

Vieira ([20--?], p.5) apresenta as divergências que a ausência e a presença de leitura na família refletem:

O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade.

Ao explorar a problemática é possível vislumbrar paralelamente a solução, que se encontra também no ambiente familiar. Se os pais não se sentem motivados e não possuem hábitos de leitura é aconselhável procurar outras formas de desenvolver a prática nas crianças, uma vez que esta ação se propagará não somente durante a sua vida escolar, como também em seu posicionamento na sociedade.

Dessa forma, sobrevém novamente a função das escolas e bibliotecas que devem também estar preparadas, com espaços estimuladores, profissionais capacitados para a formação e crescimento

dos indivíduos na sociedade. Assim, o processo de leitura e formação de leitores constitui-se através de um ciclo família-escola-biblioteca onde todos tornam-se complementares e determinantes.

2.2 Finalidades da Leitura

Segundo Bamberger (1977, p. 36-38), a leitura pode derivar de vários intuitos; destacam-se os principais fatores como: leitura por prazer, por necessidade de informação literária, científica, entretenimento, entre outros, e também para construção do conhecimento, o que exemplifica os tipos de leitores.

Os leitores por prazer buscam na leitura as histórias que possibilitam vivenciar as situações, compreender valores e permitir a interação imaginária e também a transmissão de valores e experiências do autor para o leitor.

Na sociedade atual a informação também circula através de vários outros meios de comunicação, como o jornal impresso, as revistas de entretenimento, os boletins, os panfletos, entre tantos outros que serve para transmitir acontecimentos comuns da atualidade.

Existe ainda a informação científica, produzida nas universidades e em outros centros de pesquisas, que possui a finalidade de expor os resultados de pesquisas realizadas, contribuindo para a formação do conhecimento científico da comunidade e fomentando a pesquisa e a produção intelectual dos acadêmicos ou pesquisadores.

Geraldi (1989, p. 19) complementa as tipologias de leitura com as seguintes representações:

a) **A leitura busca de informações:** o objetivo básico do leitor neste tipo é a busca de informações, que pode ser orientada de duas formas: a busca de informações sem roteiro, previamente elaborado, para observar as informações sem cobranças. Quanto ao nível de profundidade, neste tipo de leitura, pede-se para extrair informações de superfície ou de nível mais profundo. Neste segundo, o leitor deverá lançar mão de conhecimentos, informações já obtidas de outras leituras para que haja compreensão.

b) **A leitura estudo de texto:** é a mais praticada nas aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa, envolvendo as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor.

c) **A leitura fruição de texto:** essa é a leitura feita por prazer, sem a cobrança do preenchimento de fichas, que a escola deveria adotar, sem importar ao aluno que livro ou texto ler, deixando-o tomar suas decisões sobre as leituras a fazer. [grifo nosso].

Nesse sentido, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação indica a ampliação do acesso à informação, destaca-se que a disponibilização em rede, onde a internet atua como um meio que alcança grande parte da população que a utiliza para suprir as suas necessidades informacionais, sendo um instrumento da mídia para informar ou desinformar dependendo da influência que será exercida.

3 INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Outro fator que interfere diretamente na troca de informações e, por conseguinte, na leitura, trata-se das mídias e das novas tecnologias que cada vez ocupam mais espaço na sociedade apresentando inovações e aprimoramentos constantes, o que se torna um grande atrativo para as pessoas, independente da faixa etária.

Caldas (2005, p. 94) assegura que com o crescimento expansivo das mídias que possuem como utilizadores os educandos que ainda frequentam a escola, origina questionamentos direcionados à educação: “[...] como formar o cidadão frente à influência avassaladora da mídia no quadro de uma cultura pós-moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo? [...]”

Apesar de vislumbrar as mídias como algo utópico, os meios de comunicação social apresentam também a capacidade de ditar valores, comportamentos e tendências que devem ser seguidos o que influencia diretamente nas formas de pensar de crianças, jovens e adultos, trazendo aos educadores a função de utilizar essas mídias para promover a transformação social, através do embasamento na formação crítica dos indivíduos. Para isso, Guareschi e Biz (2005, p. 135) indicam que:

A aprendizagem mais necessária e importante aos educandos de hoje é aprender a selecionar, a escolher. A oferta de material e de estímulos é extremamente abundante. Temos tudo, por todos os lados, em todos os sentidos. Mas se nos faltar um critério de escolha acabaremos afogados pela abundância de dados oferecidos.

O desafio, nesse momento, é formar leitores, independente do suporte onde a informação pode estar registrada, necessitando assim, de profissionais educadores e bibliotecários aptos para lidar com essa realidade e também que estejam prontos para utilizar as novas tecnologias como uma maneira de disseminar a informação nos meios de comunicação, visando facilitar a busca, tornando-a eficiente e resultando no aproveitamento do conteúdo obtido.

É nessa perspectiva que descortina-se a “Educomunicação”¹⁵ como um método que envolve a utilização dos meios de comunicação como um instrumento para promover as práticas de leitura e o intercâmbio dos leitores, evidenciando e fortalecendo o desenvolvimento educacional, conforme apregoa Furtado e Oliveira (2011, p.4):

[...] a Educomunicação volta-se para a interação e a partilha de conteúdos entre as pessoas, decorrentes das relações educativas e também as relações impulsionadas e mediadas pelas *mídias sociais* e para o incentivo à criação e à expressão dentro dessas mídias.

Ressalta-se mais uma vez a importância dos educadores e principalmente do profissional da informação - bibliotecário -, para desenvolver os estímulos para a prática da leitura, pois através desta motivação é possível tornar as pessoas preparadas para selecionar as informações que serão realmente úteis na construção do conhecimento, aproveitando os espaços virtuais não somente com fins de entretenimento, mas elucidando este como meio eficaz de aquisição da informação e compartilhamento de ideias.

¹⁵ Termo criado por Mário Kaplún em 1999, para designar a estreita relação entre a comunicação e a educação. (FLEURY, 2001)

A função principal do bibliotecário é ser mediador entre o usuário e a informação, para assim suprir as necessidades informacionais da sociedade onde ele está inserido. Mas, este profissional não pode atuar sozinho, assim são fundamentais contribuições do governo, através das políticas públicas, para otimizar a disponibilização e acesso ao livro, fator que implica fortemente nos índices de leitura da nação.

Bertoletti (2004, p. 86) apregoa que “O baixo índice de leitura no país, associado à inexistência de bibliotecas públicas em ‘21,3% dos 5.559 municípios brasileiros’ atesta a falta de investimento das autoridades.”

Por outro lado, um novo campo de atuação que está em grande crescimento compreende os ambientes virtuais que deixou de se tornar uma ameaça para dar lugar à oportunidade de alcançar novos usuários, com a criação das “bibliotecas virtuais”. Alan Powell (1994, p. 260) apresenta algumas conceituações para este tipo de biblioteca:

[...] uma biblioteca com pouco ou nenhum depósito de livros, periódicos, espaço de leitura, ou pessoal assistente, mas com alguém que dissemine a informação selectiva e directamente ao usuário da biblioteca, geralmente de forma eletrônica; [...] uma biblioteca mais tradicional que transformou alguns pontos significativos dos seus canais de busca de informação em formato eletrónico, para que muitos ou o máximo dos seus utilizadores não precisem visitar fisicamente a biblioteca para obter a informação.

Assim, a internet torna-se uma ferramenta eficaz para localizar e repassar a informação e também promover a interação através da Web 2.0 que possibilita ao receptor tornar-se também um leitor/autor gerando assim a troca e enriquecimento de experiências.

4 WEB 2.0 E SEUS EFEITOS NO CONTEXTO DA BIBLIOTECA

A expansão dos suportes oferecidos pela web possibilita que a informação seja disseminada de maneira mais rápida. Isso deriva do uso das tecnologias que visam maior contato da biblioteca virtual

com seus usuários, e que exige do bibliotecário a adequação a esta aplicação na biblioteca.

O termo "Web 2.0" compreende a evolução de um conceito, que corresponde a serviços e recursos da web e foi originado em uma conferência entre duas empresas produtoras de evento que estavam relacionadas à tecnologia da informação, a saber: O'Reilly Media e MediaLive International, que possuíam o intuito - entre outras discussões -, de conceituar e caracterizar a rede e suas tendências, e principalmente, fundamentar o conceito de Web 2.0.

Convém lembrar das divergências entre a Web 1.0, que consiste essencialmente em um meio de comunicação que apresenta convergência de tecnologia, onde o leitor atua somente como "consumidor" das informações, e Web 2.0 que por sua vez, explana aos leitores a possibilidade de ser consumidor e produtor da informação, ao utilizar este espaço como forma de interação, informação e comunicação. O' Reily (2005) buscou sintetizar o conceito de Web 2.0 ao apregoar a assertiva:

Web 2.0 é a rede como plataforma, abarcando todos os dispositivos conectados. As aplicações Web 2.0 são aquelas que produzem a maioria das vantagens intrínsecas de tal plataforma: distribuem o software como um serviço de atualização contínuo que se torna melhor quanto mais pessoas o utilizam, consomem e transformam os dados de múltiplas fontes - inclusive de usuários individuais - enquanto fornecem seus próprios dados e serviços, de maneira a permitir modificações por outros usuários, criando efeitos de rede através de uma 'arquitetura participativa' e superando a metáfora de página da Web 1.0 para proporcionar ricas experiências aos usuários.

A biblioteca 2.0 possibilita presença efetiva dos seus serviços e produtos no cotidiano dos usuários, Maness (2006, p. 1) indica que esta biblioteca é "[...] socialmente rica e comunitariamente inovadora" ao possibilitar ao usuário a interferência nesse processo ao utilizar o espaço para acrescentar e modificar, consumir e criar. Vargas (2002, p. 5) complementa com a assertiva:

A nova era da informação requer um profissional que assuma uma nova postura diante das tecnologias existentes e das que

estão por vir. Ao trabalhar com os serviços disponíveis pela Internet, o Bibliotecário depara-se com uma gama de informações e alternativas [...] que aumentam a qualidade e a capacidade dos serviços prestados pela Biblioteca ou pelo Centro de Informação em que ele atua.

Dessa forma, a biblioteca 2.0 se revela mais interativa, ao oferecer além dos textos, também áudio, vídeos e imagens; e tudo isso através de várias pessoas que interagem neste local, ou seja, é visto a utilização da comunicação síncrona e assíncrona.

Vale ressaltar aqui, a comunicação síncrona que tem ocupado um lugar de destaque na biblioteca digital ao disponibilizar por meio de *chat* um dos serviços principais da biblioteca, a referência, de maneira mais rápida e eficiente, e correspondendo às necessidades dos usuários ao evitar que ele se "perca" na busca da informação.

As multimídias como *streaming media*, *blogs* e *wikis*, redes sociais, *tagging*, *RSS feeds* e *mashups* atuam como recursos que devem ser inseridos nas bibliotecas 2.0 pois possuem características que buscam fomentar a interação uma vez que o conteúdo é criado e consumido pelos usuários, cada multimídia com características peculiares e interligadas.

O *streaming media*, ou fluxo de mídia consiste em distribuir informações multimídia sem violar os direitos autorais; os *blogs* e *wikis* mostram que é possível a influência recíproca entre os leitores e os autores com a facilidade de edição e criação de textos de forma coletiva e livre; pode-se compreender por redes sociais, um canal que liga as pessoas ou a comunidade ao compartilhamento da informações.

As *taggins* por sua vez, são uma forma de catalogação que relaciona os textos na internet; o *RSS feeds* é uma tecnologia que oferece informações sobre as atualizações de um site ao usuário; e por fim, *mashups* fundamenta-se basicamente na reunião pela força de coesão de conteúdo, mecanização do fluxo de informação e na transferência de assuntos, como por exemplo, a biblioteca 2.0, pode ser definida como um *mashups* ao oferecer todos esses serviços.

A leitura, nesse espaço, possui alcance interativo que possibilita ao leitor expor a sua opinião e experiências, também provê a

oportunidade de permutar informações, o que contribui para o enriquecimento do conhecimento além de possibilitar ao leitor a mudança de papéis, que torna-se possível através da troca de funcionalidades, onde por exemplo, o leitor pode se tornar também autor por meio dos comentários emitidos.

Dessa forma é norteado, - em um espaço que é criado e consumido pelos usuários e onde se aplica as tecnologias no contexto da biblioteca -, o entusiasmo para o exercício da leitura e a capacidade de contribuir para a discussão literária, consolidando uma das funções sociais das bibliotecas: a contribuição para a formação de cidadãos críticos.

Em suma, a biblioteca 2.0 tem obtido de maneira eficaz a expansão das fronteiras antes limitadas na biblioteca, elucidando a forma dinâmica de transmissão da informação pelos suportes que visam também tornar praticável a interferência dos usuários na constituição das bases de dados de forma cooperativa e aprimorável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que o processo de leitura abrange um longo processo com vários fatores e agentes influenciadores. No entanto, após consolidadas as práticas e, principalmente, quando descortina-se o prazer de ler é visível os resultados que se refletem de forma crescente na expansão do conhecimento do indivíduo e em seu posicionamento perante a sociedade.

Certamente a solução para os problemas educacionais e sociais está indicada na leitura. Quando não possui a prática de ler, os efeitos dessa realidade incidem no desenvolvimento de uma geração conhecida como "analfabetos funcionais", que não possuem a disposição de interpretar os textos de forma crítica.

Essa assertiva ressalva a importância do ciclo família-escola-biblioteca de investir na formação de leitores, com enfoque especialmente nos primeiros anos de vida da criança que são determinantes para o seu desenvolvimento, em todos os aspectos.

Com o advento das novas tecnologias, das mídias e das redes sociais, visualiza-se uma forma de resgatar o prazer pela leitura, ca-

bendo ao educador e ao bibliotecário - visto que a ligação destes profissionais torna-os integrantes na educação -, a missão de influir como inovadores ao apresentar os recursos dos meios de comunicação como instrumentos educadores.

Para fortalecer esse ideal, pontua-se a necessidade de criação de programas de formação de leitores nas escolas, uma vez que a realidade das bibliotecas escolares no Brasil indica que esta área ainda carece de investimentos, sejam públicos ou privados - de acordo com a natureza da escola -, visto que as bibliotecas na maioria das vezes encontram-se isoladas.

Portanto, convém elucidar que com a evolução da Web 2.0, essa problemática torna-se reversível, uma vez que com a inserção da biblioteca em espaços digitais torna possível um alcance maior dos seus usuários.

Ressalta-se que por ser um estudo teórico, este possibilitou analisar a aplicabilidade das mídias na construção da educação, estabelecendo-as como uma ferramenta positiva para o ensino-aprendizagem no sentido de formar cidadãos críticos da realidade em que estão inseridos.

Dessa forma, as novas possibilidades de atuação do bibliotecário são ampliadas, indicando um modo de formar leitores através da presença da biblioteca nos ambientes virtuais, vinculando a contribuição dos meios de comunicação, as tecnologias e a participação dos leitores de forma colaborativa.

READING: Formation of readers through the interactive process of knowledge building in Web 2.0

ABSTRACT

It explains the concepts of reading based on some authors. Examines the responsibility of the family in the formation of habit and to awaken the pleasure of reading in children, explaining the benefits of reading in the educational context. Indicates the formation of readers as a cycle, which functions are assigned to each space where the child is socially inserted. Discusses the types and motives that comprise the develop-

ment of reading. Displays the media and their influences, indicating a transformation of the challenges of new technologies into opportunities for information professionals. Emphasizes the importance of integrating the information professional as an intermediary between users and information in electronic format. It concludes with Web 2.0 concepts and multimedia as a way of disseminating information in an interactive and that enables sharing and exchange of experience between reader and author.

Keywords: Reading. Reader Training. Web 2.0.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BERTOLETTI, E. C. A memória da comunicação impressa brasileira e o exercício da cidadania. In: Oliveira, M. J.C. (Org.). *Comunicação pública*. Campinas: Alínea, 2004. p. 81-96.
- BINDÉ, J. (Org.). *Rumo às sociedades do conhecimento: relatório mundial da UNESCO*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- CALDAS, G. Ética e cidadania na formação do jornalista. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo, v. 27, n.44, p. 85-101, 2005.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 03 set. 2011.
- FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, p.45-62, 2001. Disponível em: <www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC16/16-2.pdf>. Acesso em: 10-01-11.
- FURTADO, Cássia; OLIVEIRA, Lídia. Rede social de interculturalidade em países Lusófonos: Plataforma Biblon. In: *CONFIBERCOM*. São Paulo, 2011.

GERALDI, João Wanderlei. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. *Mídia, educação e cidadania. Tudo o que você deve saber sobre mídia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

IFLA. *Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar*. Disponível em: <<http://www.ifla.org>>. Acesso em: nov. 2008.

MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. *Webology*. v.3., n.2., jun.2006. Disponível em: <<http://www.webology.ir/2006/v3n2/a25.html>>.

O'REILLY, Tim. *Web 2.0: compact definition?* [10/2005]. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html> Acesso em: 28 mar. 2007.

POWELL, Alan. Management models and measurement in the virtual library. *Special Libraries*, v. 85, n.4, p.260, Fall 1994.

VARGAS, Lília Maria. *Mercado de trabalho do profissional da formação nas empresas*. Disponível em: <<http://www.inf.ufgrs.br/~palazzo/intcomp/art-05.htm>> Acesso em abr. 2002.

VIEIRA, Letícia Alves. *Formação do leitor: a família em questão*. Disponível em: <gebe.eci.ufmg.br/downloads/308.pdf> Acesso em 03 set. 2011.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFMA: Considerações sobre preservação e memória no acervo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UFMA

Juliana Rabelo do Carmo*

RESUMO

Fundamenta o processo de organização do arquivo do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica com a finalidade de abranger os proveitos oferecidos pelas tecnologias da informação, para fomentar a disponibilização dos documentos científicos produzidos, com a utilização do Repositório Institucional. Empregou a observação participante para coleta de dados. Aborda o documento como suporte de representação da informação. Enfoca que as informações contidas nos documentos são processadas com um intuito. Expõe a necessidade de disponibilizar o documento e a sua praticidade em formato digital. Mostra os significados, objetivos e funções do arquivo. Ressalta a importância da organização, armazenamento e conservação dos documentos nos arquivos. Caracteriza o acervo, analisa a sua composição e descreve o processo de organização arquivo do PIBIC. Define memória institucional com base em alguns autores. Ressalta a importância da preservação do patrimônio documental da Instituição. Elucida os Repositórios Institucionais como meio de divulgação da produção científica. Conclui indicando o Repositório Institucional da UFMA como uma ferramenta eficaz para disponibilização dos arquivos referentes à produção científica do PIBIC.

Palavras-Chave: Arquivos. Memória Institucional. Repositórios Institucionais.

1 INTRODUÇÃO

A desordem nos arquivos institucionais afeta diretamente a qualidade da prestação dos serviços, principalmente no setor administrativo, onde o fluxo de documentos para comunicação interna e externa é uma constante. Dessa forma, a organização documental ganha evidência como um processo a ser realizado firmemente nas instituições, essencialmente, para facilitar a busca e localização dos documentos.

* Discente do 6º período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

O que se observa na contemporaneidade é o aumento da produção de documentos, popularmente conhecido como “explosão documental” (SILVA, A.; *et. al.* 1998, p.132) em que a variedade de suportes onde a informação pode estar materializada, promoveu mudanças na sua forma de divulgação e acessibilidade.

Com o desenvolvimento das tecnologias que possuem a finalidade de promover a melhor forma de acesso ao documento, destaca-se a disponibilização em rede, onde a internet atua como um meio que alcança grande parte da população que a utiliza para suprir as suas necessidades informacionais.

Dentre as motivações e objetivos da organização do arquivo do PIBIC estão: acumulação de papéis decorrente da grande produção documental, necessidade de armazenamento sistemático dos documentos administrativos de forma que facilite a consulta e localização de maneira rápida à administração do PIBIC, evidenciando a ordem como um elemento indispensável dentro das instituições.

O estudo analisa a organização do arquivo do PIBIC/UFMA para, posteriormente, indicar as vantagens da disponibilização dos resultados das pesquisas - que constituem o seu acervo - no Repositório Institucional da UFMA.

A observação participante foi a técnica utilizada para a coleta de dados. Serva e Júnior (1995) definem este método como:

Situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos.

Foram achados e avaliados os modos de conservação, as condições de armazenamento, os critérios para descarte e arquivamento dos principais documentos produzidos por este departamento (PIBIC) ligado à Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação - PPPG/UFMA. As causas e resultados analisados no início do processo de organização estão representados na Tabela 1.

Tabela 1 - Análise dos arquivos do PIBIC - UFMA em maio de 2010

CAUSAS	RESULTADOS
Utilização do espaço físico de maneira incorreta	Armazenamento de documentos de forma desordenada
Falta de padronização e sinalização nas estantes e armários do arquivo	Dificuldade no manuseio no arquivo
Documentos contidos em ambientes quentes e abafados	Riscos de degradação dos documentos
Ausência de políticas de arquivamento	Acúmulo de documentos e dificuldade na busca de informações no acervo

Fonte: PIBIC/UFMA, 2010

Logo, este estudo expõe questões sobre o documento como forma de registro, os arquivos como fonte de informação, a caracterização do arquivo do Programa de Iniciação Científica - PIBIC/UFMA e o seu processo de organização, além de ressaltar a memória institucional e os repositórios institucionais.

2 DOCUMENTO: Um suporte de representação da informação

Com a invenção da escrita, a informação passou a ser registrada em suportes como o pergaminho - que era feito com a pele de animais -, mas, com o decorrer do tempo e utilização de novos métodos, essa informação passou a ser registrada no papel, o qual foi desenvolvido na China. Esse invento foi aperfeiçoado e é, ainda hoje, utilizado em grande frequência nas escolas, universidades, escritórios e nos demais ambientes onde ocorre a disseminação da informação.

Antes de tudo, o documento é uma sustentação que possui a função probatória, especialmente quando utilizado em suporte material, ao fazer negociações, emissão de contas, cartas oficiais, entre outros. Para ter valor, precisam apresentar recursos de veracidade. Starbird e Vilhauer (1997, p.65) complementam com a assertiva: "Os 'originais' usualmente têm características de autenticidade e podem ter elementos de prova, como carimbos e assinaturas".

Baldan, Cavalcanti e Valle (2002) comentam que "o documento é algo que é usado há muito tempo, assim o documento sempre estará presente em nossas vidas e em nosso local de trabalho principalmente."

De fato, tudo que a atividade humana produz, seja por razões científicas, culturais, artísticas, jurídicas, entre outras, é considerado documento. Nesse sentido, é natural que grande parte das organizações públicas e privadas se preocupem com o gerenciamento dos documentos produzidos nas instituições.

Os esclarecimentos contidos nos documentos são utilizados para tomar conhecimento de algo, elucidar uma decisão numa determinada situação, formar a consciência do cidadão, promover o crescimento intelectual, devendo ser processados de acordo com a finalidade específica.

2.1 Documento Analógico x Documento Digital

A representação da informação pode ser feita através de dados, imagens, símbolos, entre outros, para originar a mensagem e, consequentemente, o meio de transmissão da informação. Por sua vez, o documento é a materialização destas informações, que possibilitam as expressões do homem e a fixação do pensamento através das representações dos conteúdos, servindo a um determinado propósito e propiciando a aquisição do conhecimento.

O intuito real dos acervos é a disponibilização de toda a informação que está em sua guarda para os seus usuários, mas o manuseio constante dos documentos contribui para a sua degradação, além dos riscos de perdas ou rasuras.

Uma forma de preservar os documentos originais e, ao mesmo tempo, torná-los disponíveis consiste no armazenamento do documento em formato digital, onde o original permanece estável e duradouro, sem restringir a execução das buscas, para, assim, suprir as necessidades.

Para isso, a digitalização de documentos atua como uma ferramenta para essa migração de formatos, e é visto como um método de preservação e diminuição dos riscos já citados, que podem ocasionar

a alteração ou perda do significado dos documentos, principalmente nos arquivos, além de promover a redução do volume documental nas instituições e a geração da acessibilidade, resguardando o documento original.

Dessa forma, sobrevém a questão do armazenamento dos documentos que nos remete aos seguintes questionamentos: as informações têm realmente o seu lugar e importância reconhecidos nos arquivos? Tais informações são tratadas e armazenadas com a real relevância de entidade que determina o nível de conhecimento e produção dos indivíduos na Universidade? Estas informações produzidas que possuem contribuições importantíssimas têm sido utilizadas para promover a sociabilidade e garantir a transferência de experiências.

Essas questões serão abrangidas, focalizando a compreensão do valor dos documentos, especialmente como fonte de onde se origina as informações.

3 ARQUIVOS: Significados e conceitos

Quando se trata de arquivo, a primeira imagem que pode ser originada é a de um depósito onde se guarda papéis antigos, já sem funcionalidade ou que serve somente para ocupar espaço. Na etimologia, a palavra arquivo tem origem no latim *archivu*, e do grego *arkheion*, que significa, de maneira bem sintética, "Lugar ou edifício onde se guardam documentos [...]". (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011).

Porém, ao estudar o conceito por outros aspectos, Sólon Buck (apud PAES, 2004) expõe arquivo como "[...] conjunto de documentos oficialmente produzidos e recebidos por uma organização, empresa ou firma, no decorrer de suas atividades, por si e seus sucessores para efeitos futuros".

Considera-se arquivo um conjunto de documentos administrativos que descrevem e comprovam a existência de fatos ou acontecimentos, servindo primeiramente à administração como veículo de disseminação da informação, sendo este o objetivo maior: disponibili-

zar os arquivos para possibilitar a utilização diária ou para a pesquisa científica, dependendo da natureza do assunto.

A função principal dos arquivos é de organizar, guardar e conservar os documentos que serão utilizados com frequência ou não, pois, quando as atividades administrativas cessam, os arquivos cumprem a sua função histórica ao retratarem a memória da instituição.

Conseqüentemente, quando ocorre a degradação dos documentos, a função histórica e existencial dos fins administrativos torna-se inutilizável. Isso é produto das condições em que são armazenados os documentos, sendo necessários cuidados técnicos em sua organização para que o arquivo não perca seu conteúdo.

Na realidade das instituições, onde não são empregados cuidados na organização e armazenamento de documentos, os resultados são refletidos diretamente na busca de informações. Terra (2001) ilustra com a declaração: "É comum que os funcionários percam até cinco dias para recuperar um documento por não existir um critério de guarda."

Nesse sentido, a função de Gestão dos Documentos do Arquivo tem o intuito de compreender um conjunto de atividades para facilitar a ação do arquivista e seus auxiliares. Recomenda-se que a Gestão dos Documentos obedeça a um planejamento que resulte em soluções para suprir as necessidades de preservação e conservação do documento e, por fim, que seja elaborada uma política de arquivamento.

4 A CARACTERIZAÇÃO DO ARQUIVO DO PIBIC - UFMA E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica - PIBIC possui um acervo arquivístico próprio ligado aos projetos e pesquisas realizadas no programa, e estão situados em uma sala especialmente dedicada ao PIBIC, por se tratar de documentos textuais que foram produzidos e recebidos, revelando as atividades a que estão ligados, sendo esta a razão que indica com precisão a qualidade de documento de arquivo.

O acervo é constituído de documentos produzidos entre 1987 à 2004, é essencialmente formado, na maior parte, de projetos de bolsistas nas áreas de Ciências Biológicas, Exatas e Tecnologia, Humanas, Sociais e Saúde, de valor informativo, pois indicam como foram elaborados, encaminhados, avaliados, e finalmente, executados. Possui também documentos administrativos como ofícios, memorandos, declarações, monitoramentos, entre outros, que expõem as particularidades que não foram expostas nos projetos.

Constituem os pontos fortes do arquivo o espaço físico do local, destinado aos documentos; fácil acesso; iluminação razoável; e disponibilidade de móveis para guardar os documentos, tais como estantes, armários e arquivos de gavetas. Porém, carece de climatização, arejamento e ventilação no local, já que estes fatores contribuem para tornar o ambiente quente e abafado. São ainda responsáveis pela degradação, quando aliados à falta de políticas para armazenamento no arquivo, que acarretam no acúmulo desordenado de documentos e na dificuldade de localização das informações por conta da ausência de sinalização.

O decurso da organização do Acervo PIBIC emprega utilmente as atividades de preparação de documentos, as quais se baseiam na remoção de objetos como cliques e grampos, que podem interferir no processo de digitalização, assim como das páginas dobradas, que influenciam na captura do conteúdo do documento. Em seguida, o documento é salvo no formato PDF - que bloqueia possíveis alterações nos documentos - em pastas catalogadas, com entrada por orientador (a) e bolsistas, que também estão classificadas por ano de início e término da bolsa (as bolsas geralmente possuem a duração de 01 (um) ano, podendo ser renovada).

Os processos de seleção dos principais documentos contidos na pasta e a remoção dos documentos que não possuem relevância são realizados logo em seguida. São encaminhados ao descarte os documentos como avaliações dos projetos, planos de trabalho, entre outros, por se tratarem de informações que se referem à autenticidade do autor.

A mensuração da quantidade de documentos textuais que subsiste no Acervo do PIBIC ainda não foi calculada devido à complexida-

de e precariedade na organização e conservação em que o acervo foi encontrado. Tal falta dificultou o acesso às informações e necessita de medidas técnicas e operacionais de preservação dos documentos originais.

Posteriormente, estes documentos irão fomentar a memória institucional através da digitalização, que alimentará um banco de dados específico para exame e acessibilidade ao acervo da administração do PIBIC. A digitalização - que apresenta vantagens como redução de áreas de arquivamento, rapidez para recuperação da informação, possibilidade de manter cópias com segurança, entre outros - possibilitará a organização da estrutura e, principalmente, a preservação do patrimônio documental da Instituição.

5 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

O arquivo institucional do PIBIC, além de fomentar as contribuições de um determinado campo de pesquisa, também comporta em suas instalações uma questão essencial à própria instituição em que está ligado: a memória, o que torna o arquivo um patrimônio documental que indica a veracidade dos acontecimentos e registros.

A palavra memória deriva do latim *memória*, que significa “Faculdade pela qual o espírito conserva idéias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço; lembrança [...]” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011). Sendo assim, quando a palavra memória é aplicada a qualquer contexto, remete-nos fortemente à relação entre a constituição do passado que serviu como base e o que existe hoje, isso se aplica no caso das culturas, das biografias, entre outros. Londolini (1990, p. 157) expõe essa questão ao apregoar que:

Desde a mais alta Antigüidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria ‘memória’ inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de graffiti e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado [...] . A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria insustentável sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos.

O autor aponta que a história humana é conhecida através dos registros que indicam fatos, acontecimentos ou experiências de determinado momento. Um exemplo bem conhecido são os desenhos feitos nas paredes das cavernas, que retratavam hábitos, costumes e situações vivenciadas na Antiguidade. Tais acontecimentos serviram de substrato para a formação de culturas e evidenciaram a veracidade da sua existência.

Os arquivos constituem a memória de uma organização qualquer que seja a sociedade, uma coletividade, uma empresa ou uma instituição, com vistas a harmonizar seu funcionamento e gerar seu futuro. Eles existem porque há necessidade de uma memória registrada. (ROBERT, 1990, p. 137).

Dessa forma, é apresentada a assertiva que qualquer registro encontrado dentro de um acervo possui valor significativo para a memória, ressaltando a importância da seleção e organização dos documentos de maneira sistemática, pois indicam vestígios norteadores como fontes de informação.

Os documentos são também um suporte da memória, e somente eles possuem a capacidade de indicar as informações sobre o decurso da instituição de forma segura, por esse motivo, o modo de armazenamento, organização, manipulação e tratamento devem ocupar um espaço relevante dentro da Instituição “[...] os arquivos são práticas de identidade, memória viva, processo cultural indispensável ao funcionamento no presente e no futuro.” (MATHIEU e CARDIN, 1990, p. 114)

Os documentos produzidos por uma instituição constituem uma fonte de conhecimento indispensável para nortear a compreensão do passado, pois refletem claramente a sua identidade, as origens das funções, normas e diretrizes, como se desenvolveram os processos para a sua consolidação e seu valor informativo para futuro, servindo para a constituição da imagem e dos significados que a organização possui, elucidando assim a necessidade de preservação do patrimônio institucional.

6 REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL

Além da digitalização dos documentos administrativos - que serão utilizados somente pela administração do PIBIC -, outra iniciativa é a disponibilização da produção científica composta por relatórios finais de pesquisas das Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas e Tecnologia, Humanas, Sociais e Saúde desenvolvidas pelo Programa de Bolsas para Iniciação Científica, apresentados a partir de 2010 que estarão disponíveis para consulta pela comunidade acadêmica no Repositório Institucional da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

A comunicação científica é um meio de divulgar os resultados obtidos das pesquisas realizadas por acadêmicos e professores de diversas áreas do conhecimento, o que reflete diretamente no nível de produtividade da instituição de origem. Com a expansão e as vantagens de utilização e divulgação de dados através da rede, a internet tornou-se um importante veículo para publicação científica.

Os Repositórios Institucionais empregam utilmente a política do *Open Acess* (Acesso Aberto) que tem por objetivo fomentar a publicação eletrônica e acesso à produção acadêmica, permitindo à difusão do texto completo, caracterizando assim, os Repositórios Institucionais nas Universidades como um dos condutores para o Acesso Aberto.

Lynch (2003) descreve repositório institucional como “Um conjunto de serviços que a universidade oferece aos membros de sua comunidade para a gestão e disseminação de materiais digitais criados pela universidade e membros de sua comunidade.”

Dessa forma, fundamentam-se os objetivos dos RI e sua abrangência ao possibilitar o armazenamento, divulgação, acesso e a reunião de toda a produção da universidade sem restrições de formatos. Leite e Costa (2005, p. 8) destacam essa questão ao afirmar que:

Os repositórios institucionais (RI) possuem uma diversidade de tipologia de conteúdos e formatos que podem ser armazenados nos RI, tais como: artigos científicos, livros eletrônicos, capítulos de livros, preprints, postprints, relatórios técnicos, textos para discussão, teses, dissertações, trabalhos apresentados em

conferências, palestras, material de ensino (slides, transparências, texto resumo, resenhas, trabalhos apresentados, entre outros), arquivos multimídia etc.

Segundo Crow (2002, p. 16), “[...] repositório institucional é um arquivo digital de produtos intelectuais criados por professores de uma instituição, por uma comunidade de pesquisadores e estudantes.”

No contexto do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica - PIBIC, os resultados finais das pesquisas nas Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas, Humanas, Saúde e Sociais, entregues a partir de julho de 2011 em CD no formato PDF estarão disponíveis no Repositório Institucional da UFMA, de acordo com a autorização dos orientadores das pesquisas.

Como em uma biblioteca, e praticamente com os mesmos objetivos, os repositórios institucionais propõem o acesso livre às coleções e pesquisas que possuem relevância nas universidades, para também preservar de maneira eficaz e servir como um meio de divulgação do seu patrimônio científico, uma vez que a pesquisa, financiada pelo Estado, é um dos alicerces da Universidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informação é o instrumento que dá impulso e colabora para o desenvolvimento intelectual, social e econômico, torna os indivíduos independentes, promovendo assim, o bem das pessoas.

As condições em que os documentos foram encontrados no acervo do PIBIC despertaram o interesse da coordenação do Programa para uma questão que pede soluções imediatas nos arquivos, mas que permanecia sem nenhuma relevância e sem cuidados específicos. Apontam-se soluções para as seguintes dificuldades encontradas:

- a) Riscos de degradação dos documentos, ocorrência que prejudica a sua função probatória: cuidados técnicos em relação ao manuseio, instalações, climatização e utilização de materiais adequados e que visam à preservação do

documento (um bom exemplo é o plástico, que não danifica o papel);

- b) Dificuldade no manuseio do arquivo e armazenamento de documento de forma desordenada, que torna as buscas complexas: uso de etiquetas descritivas nas pastas e sinalizações no arquivo;
- c) Redução do excesso de documentos sem uso administrativo: emprego de uma avaliação que resultará em uma tabela de documentos eliminados, especificando e indicando o motivo do descarte.

O processo de organização do arquivo no PIBIC ainda está em andamento. Após as atividades de organização serão realizadas a indexação, classificação e catalogação dos livros existentes no acervo. Propõe-se também, a elaboração de um Manual de Organização e Manutenção do Arquivo. A partir destas propostas, é possível seguir uma política de armazenamento, com o direcionamento da coordenação, e fazer com que a desordem e a falta de cuidados, em relação aos documentos, não venham a ocorrer novamente.

Dessa forma, observa-se os benefícios de uma política de arquivo - ainda inexistente em muitas instituições -, bem como a sua adoção, implementação e consolidação, são uma forma de conservar os seus documentos de modo correto e, principalmente, seguro na organização do conhecimento nas instituições.

O desgaste e a perda de documentos são fatores que devem ser evitados, quando o intuito de armazenar de maneira segura é almejado para garantir a permanência da constituição da memória institucional, utilizando para isso, a digitalização dos documentos administrativos.

Atualmente, os meios de comunicação social utilizados estão adaptando-se às formas de produção da informação. Com o advento dos computadores e da internet, destaca-se a importância dos formatos de transmissão da informação, fazendo o uso de novas terminologias para designar as configurações atuais de armazenamento, processamento, produção e distribuição em rede, o que contribui para a aquisição do conhecimento.

Convém ainda lembrar que, além do gerenciamento documental e informacional eficiente e eficaz, os subsídios se ampliam ao colaborar com a disseminação da informação e com a disponibilização das pesquisas realizadas pelo programa, as quais fornecerão contribuições importantes para a comunidade acadêmica através do Repositório Institucional da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Portanto, para tornar a produção científica produzida disponível através do Repositório Institucional é necessário, primeiramente, a elaboração de planos para sua implementação e investimento em treinamentos destinado aos administradores ou responsáveis pelo arquivo, os quais terão a função de manter o processo de disseminação da informação a partir do acesso livre.

INSTITUTIONAL REPOSITORY OF UFMA: Considerations in memory preservation and collection of the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships - PIBIC / UFMA

ABSTRACT

Underlies the process of organizing file Scholarship Program for Scientific Initiation in order to cover the income offered by information technologies to promote the availability of scientific papers produced with the use of the Institutional Repository. Employed participant observation for data collection. Covers the document as support and representation of information. Focuses on the information contained in the documents are processed with a purpose. Exposes the need to provide the documents and its practicality in digital format. Shows the meanings, purposes and functions of the file. Emphasizes the importance of the organization, storage and preservation of documents in the archives. It features the collection, analyzes its composition and describes the process of organizing file PIBIC. Sets institutional memory on the basis of some authors. Emphasizes the importance of preserving the documentary heritage of the institution. Clarifies the Institutional Repositories as a means of disseminating scientific production. Indicating the conclusion of the Institutional Repository UFMA as an effective tool for providing the files for the production of scientific PIBIC.

Keywords: Archives. Institutional Memory. Institutional Repositories.

REFERÊNCIAS

BALDAN, R; CAVALCANTI, M.; VALLE, R. **Gerenciamento Eletrônico de Documentos**. São Paulo: Érica, 2002.

CROW, R. **The case for institutional repositories: a SPARC position paper**. [S.l.]: The Scholarly Publishing and Academic Resources Coalition, 2002. 37 p. Disponível em: <<http://www.arl.org/sparc/IR/ir.html>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 06 jan. 2011.

LEITE, F.C.; COSTA, S. M. S. Repositórios Institucionais e a gestão do conhecimento científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis: ENANCIB, 2005.

LODOLINI, Elio. *Archivistica: principi e problemi*. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

LYNCH, C.A. Institutional Repositories: essential infrastructure for scholarship in the digital age. *ARL Bimonthly Report*, n. 226, Feb. 2003. Disponível em: <<http://www.arl.org/newstr/226/ir.html>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

MATHIEU, Jacques; CARDIN, Martine. Jalons pour Le positionnement de l'archivistique. In: *La place de l'archivistique dans la gestion de l'information: perspectives de recherche*. Montreal: Université de Montreal, 1990.

PAES, M. L. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. rev. e ampli. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

ROBERT, Jean-Claude. Les rapports entre l'histoire e l'archivistique. In: *La place de l'archivistique dans La gestion de l'information: perspectives de recherche*. Montreal: Université de Montreal, 1990.

SANT'ANNA, Marcelo Leone. Os desafios da preservação de documentos públicos digitais. Belo Horizonte: *Revista IP*, v.3, n.2, dez. 2001. Disponível em: <http://www.ip.pbh.gov.br/ANO3_N2_PDF/ip0302-santanna.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2011.

SERVA, M; JAIME JR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v.35, n.1, p.64-79, mai/jun 1995.

SILVA, A. Malheiro da; *et al.* *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

STARBIRD, Robert W.; VILHAUER, Gerald C. *Como tomar a decisão de implantar a Tecnologia do Gerenciamento Eletrônico de documentos*. CENADEM, São Paulo, 1997.

TERRA, J. *Gerência do conhecimento: o grande desafio empresarial*. 2. ed. São Paulo: Negócio Editora, 2001.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS

Edilson Thialison da Silva Reis*

Eliza Soares Reis*

Jessica Raquel Cardoso*

RESUMO

Analisa o planejamento estratégico dentro do âmbito de bibliotecas especializadas. Discute seus conceitos básicos, objetivos e metas. O planejamento possui um objetivo e deve se adequar à missão da instituição a qual a biblioteca está ligada e à comunidade que utiliza essas informações. Esse planejamento é realizado através de estudos de usuários e deve possuir uma visão bem ampla correspondendo a todos que a integram. A diferença entre o planejamento de uma biblioteca comum e de uma especializada é o cuidado que se tem com o acervo. Para que o planejamento estratégico funcione de uma forma eficiente e eficaz é necessário seguir algumas etapas importantes, sendo que cada biblioteca especializada precisa elaborar o seu planejamento estratégico, pois essa ferramenta é intransferível já que se baseia na missão e no objetivo de cada instituição.

Palavras-chave: Bibliotecas. Planejamento. Biblioteca especializada. Planejamento estratégico.

1 INTRODUÇÃO

A informação é um recurso de extrema importância em todos os campos, administrá-la pode ser uma tarefa árdua, que requer um planejamento claro e objetivo para que as metas sejam alcançadas.

As bibliotecas, principalmente as especializadas, necessitam continuamente promover melhorias no gerenciamento da informação, pois essa informação é dirigida a um usuário específico. Para que o serviço seja oferecido com eficiência e eficácia é necessário que exista um planejamento e que o mesmo seja devidamente seguido pelos colaboradores da unidade de informação.

* Alunos do 7º período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

Planejar, segundo Henri Fayol (1978, p 29), é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar. Essas ações norteiam todo o gerenciamento da organização, avaliando os procedimentos passo a passo e identificando os problemas para correções posteriores e elaborando um plano estratégico para algum desvio de todo o procedimento.

Este trabalho consiste em levantar a importância do planejamento em bibliotecas, principalmente em bibliotecas especializadas ressaltando seu conceito, as etapas que a envolvem e os benefícios decorrentes com a implantação do mesmo. Objetiva-se melhor compreensão sobre o assunto abordado, visando sua valorização no meio profissional e social.

2 BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS

Há divergências quanto à conceituação do que são exatamente as bibliotecas especializadas. Segundo Salasário (2000, p.105) existem três princípios teóricos quanto a seu conceito: os que se prendem ao acervo que a biblioteca possui e disponibiliza ao usuário, os que tratam do tipo de usuário que a frequenta e os que associam o tipo do acervo ao tipo de usuário que a biblioteca possui. Percebe-se que todas essas teorias tentam encontrar o conceito de biblioteca especializada focando, hora no acervo, hora no usuário e, às vezes, nos dois.

Aqui, entende-se biblioteca especializada como aquela que se dedica principalmente a publicações sobre um assunto ou um grupo de assuntos em particular, ou seja, uma biblioteca cujo acervo seja direcionado para a satisfação das necessidades de um público específico.

As bibliotecas especializadas começaram a surgir no início do século XX por causa do crescimento nas áreas de ciência e tecnologia. Normalmente, uma biblioteca especializada pertence a uma instituição, que por sua vez possui um objetivo específico e é por esse objetivo que a biblioteca é estruturada, assim, as metas da instituição norteiam as atividades da biblioteca. A respeito da ligação entre bibliotecas especializadas e instituições Figueiredo (1979, p.10) comenta que

Estas bibliotecas podem se localizar em organizações as mais diversas, a maioria pertencendo a companhias industriais; contudo, podem existir bibliotecas especializadas em agências do governo (ministérios, autarquias, empresas semi-estatais), instituições particulares de pesquisa, sociedades profissionais, associações de comércio, instituições acadêmicas com coleções departamentais, em bibliotecas públicas com coleções especializadas de assunto, e ainda, em hospitais, bancos, escritórios de engenharia e planejamento, de advocacia, etc.

Uma das principais características das bibliotecas especializadas é o tipo de material que constitui seu acervo, em contraste com outras bibliotecas em que os formatos mais comuns são livros e folhetos, a biblioteca especializada dá mais importância ao conteúdo do que o suporte no qual a informação é encontrada, por essa razão é muito comum encontrar além de livros outros tipos de materiais informativos em bibliotecas especializadas, tais como: periódicos especializados, bibliografias, publicações governamentais, relatórios de pesquisa, relatórios de companhias, de entidades do governo, catálogos comerciais e industriais, teses, patentes, diretórios, mapas, recortes de jornal, plantas de engenharia, dados estatísticos, levantamentos de mercado, correspondência técnica, cd's, dvd's e etc.

Para que uma biblioteca especializada seja eficiente no serviço prestado ao usuário é necessário que tal biblioteca possua um acervo constantemente atualizado, vínculo com outras bibliotecas que possam ajudar a suprir as necessidades dos clientes, além da prestação de serviços personalizados que facilitem a busca do usuário pela informação desejada.

3 PLANEJAMENTO EM BIBLIOTECAS

O planejamento em bibliotecas é uma prática que deve ser incorporada ao cotidiano dos bibliotecários, pois é necessário para que se possa organizar as funções e tarefas a serem realizadas, que segundo Almeida (2005, p.2), é “[...] um processo contínuo, permanente e dinâmico, que fixa objetivos, define linhas de ação [...]”, tais linhas de ação referem-se ao que será realizado em um determinado período de tempo, visando ainda eventuais problemas que poderão ocorrer.

O objetivo do planejamento deve adequar-se à missão da instituição a qual a biblioteca está ligada e à comunidade que a frequenta. Esse planejamento é realizado através de estudos de usuários e deve possuir uma visão bem ampla correspondendo a todos que a integram. Além disso, não pode haver planejamento sem dois outros itens: pesquisa e avaliação. O primeiro deve ser realizado assim que se toma conta da Biblioteca, fazendo pesquisas aos usuários, e vistoriando antigos planos e objetivos, para assim pôr em prática o segundo item, que é a avaliação de serviços de informação, que, segundo Almeida (2005, p.12):

Em um serviço de informação, a avaliação consiste em identificar e coletar dados sobre serviços ou atividades, estabelecendo critérios de mensuração do desempenho desses serviços ou atividades e determinando tanto a qualidade do serviço ou da atividade, quanto grau de satisfação de metas e objetivos.

Assim permite-se dizer que a avaliação é uma etapa primordial no planejamento, englobando todas as etapas e critérios necessários para um bom funcionamento da biblioteca, proporcionando satisfação aos usuários em relação aos serviços oferecidos pela mesma. Através da avaliação torna-se possível identificar problemas existentes que dificultam na administração da biblioteca, implicando assim na necessidade de garantir o cumprimento e a realização de metas e objetivos.

Deve observar também que quando o planejamento estratégico é elaborado, implementado e acompanhado de forma concisa e correta, ele produz benefícios para a unidade de formação como:

- ✓ Agiliza decisões;
- ✓ Melhora a comunicação;
- ✓ Aumenta a capacidade gerencial para tomar decisões;
- ✓ Promove uma consciência coletiva;
- ✓ Proporciona uma visão de conjunto;
- ✓ Maior delegação;
- ✓ Direção Única para todos;
- ✓ Orienta programas de qualidade;
- ✓ Melhora o relacionamento da organização com seu ambiente interno e externo.

3.1 Planejamento estratégico em bibliotecas especializadas

Bibliotecas, principalmente as especializadas, precisam manter-se atualizadas para que seu público alvo tenha suas necessidades satisfeitas, é nesse ponto que o planejamento estratégico pode mostrar todo seu potencial dentro dessa organização.

No contexto das bibliotecas especializadas o planejamento deve ter como enfoque, a missão em concordância com o meio no qual está inserida, ou seja, como uma biblioteca especializada, ela deve ter objetivos mais específicos que concordem com a organização na qual ela está inserida. É necessário então definir os propósitos da biblioteca a partir dos objetivos da instituição a que ela está ligada para, só então, elaborar um planejamento estratégico para si. Tal planejamento deve ter sua cota de independência, mas deve sempre voltar-se para as metas maiores da instituição.

Nota-se que a maior diferença entre o planejamento de uma biblioteca especializada e o de uma biblioteca comum é o cuidado que se tem, principalmente com o acervo, pois é esse acervo que a diferencia de outras unidades de informação, tornando-a o que ela é: o recurso eficiente para busca de materiais de áreas específicas do conhecimento. Para que o planejamento estratégico funcione é necessário também definir suas etapas e segui-las corretamente para que as ações saiam conforme planejado.

3.2 Etapas para o planejamento estratégico

O primeiro passo para a elaboração do planejamento estratégico em uma biblioteca especializada é identificar as condições atuais, ou seja, verificar como está a unidade de informação interna e externamente. Tal procedimento tem como fator primordial avaliar os recursos disponibilizados internamente a biblioteca, que consiste em recursos humanos, financeiros, materiais entre outros, além das possíveis disposições que poderá alcançar. Esta análise divide-se em duas partes que são: a análise do ambiente externo e a análise interna.

A análise do ambiente externo é um dos principais fatores no qual se baseia o planejamento estratégico. Quanto maior a interatividade fora do espaço da biblioteca, maior a necessidade de analisá-lo. A análise interna é a identificação dos pontos fortes e fracos da unidade de informação. Ela é realizada através da análise das áreas funcionais da biblioteca e a comparação do desempenho destas áreas com outras unidades de informação que se encontram em destaque.

Logo após a análise da situação atual, a próxima etapa é a definição de objetivos e estratégias. Os objetivos são os resultados que a unidade de informação pretende realizar. Nessa etapa deve-se verificar aonde a biblioteca quer chegar.

O passo seguinte é a implantação da estratégia. Depois que os objetivos e estratégias foram escolhidos, chega o momento de colocá-los em prática de estratégia. Por melhor que seja os objetivos, se não foram implementados de forma adequada, todo o trabalho do plano estratégico será em vão. Nessa etapa serão analisadas algumas práticas para garantir que a estratégia alcance os objetivos propostos, planejando com uma visão de longo prazo, através de ações de curto prazo.

O próximo e último procedimento é o monitoramento e controle, que, segundo Maximiano (2000), consiste em acompanhar e avaliar a execução da estratégia.

3.3 Elaboração do planejamento: Método SWOT

O planejamento estratégico volta-se principalmente para a análise do ambiente externo à biblioteca e não somente ao ambiente interno como era comum anos atrás. Tem como objetivo reduzir riscos futuros, avaliar prováveis impactos que determinadas situações teriam na organização e direcionar a tomada de decisões no presente.

Devido à sua importância, existem ferramentas que são utilizadas pelas instituições (sejam elas bibliotecas ou não) na elaboração do planejamento estratégico. Uma delas é o método denominado *Strengths, Weakness, Opportunities, Threats* (SWOT), conhecido no Brasil como Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA), tal método cria a oportunidade da biblioteca realizar uma auto-análise

e é uma maneira da instituição conhecer sua condição atual antes de definir seu plano de ação para curto, médio ou longo prazo.

O método SWOT une a missão, a visão e as ações estratégicas necessárias para o desenvolvimento da biblioteca. É nesse sentido que se estabelecem objetivos e metas a serem desenvolvidos em um determinado tempo.

Para melhor compreensão, o método SWOT ou FOFA pode ser desmembrado em:

- **Forças:** Competências, recursos, posição alcançada;
- **Oportunidades:** Aspectos externos que podem oferecer de algum modo uma vantagem;
- **Fraquezas:** Aspectos que limitam ou reduzem a capacidade de desenvolvimento e competitividade;
- **Ameaças:** Aspectos externos que podem impedir ou limitar a implantação de uma estratégia, reduzir mercado/clientes ou rentabilidade.

Percebe-se então que, ao fim da análise de todos esses fatores, é possível obter conclusões que guiarão o bibliotecário na preparação e execução do planejamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do planejamento estratégico é indispensável na gestão de bibliotecas, pois essa ferramenta direciona a organização da unidade de informação à condução da liderança, assim como o controle de todas as atividades. Um dos objetivos do planejamento nas bibliotecas especializadas é fornecer aos bibliotecários e suas equipes uma ferramenta que o direcione nas tomadas de decisões, auxiliando-os a atuar de forma pró-ativa, antecipando as mudanças que ocorrem na busca das informações.

Contudo o planejamento envolve várias etapas para ser elaborado de maneira satisfatória, pois é necessário que o planejador se anteceda a alguns problemas que poderão surgir e, para isso, deve-se ter como apoio as pessoas responsáveis pelos setores das instituições, para detectar tais problemas e levantar possíveis soluções.

Assim fica a cargo do bibliotecário a responsabilidade de verificar mudanças e atualizações, que devem ser incorporadas ao planejamento de acordo com as necessidades existentes, sendo de sua competência a verificação dos objetivos, da missão da instituição e das metas a serem cumpridas delimitando o período de tempo à qual corresponde a concretização das etapas do planejamento.

STRATEGIC PLANNING IN LIBRARIES SPECIALIST

ABSTRACTE

It analyzes the strategic planning within the context of specialized libraries. Discusses the basic concepts, objectives and goals. The plan has a goal and must fit the mission of the institution to which the library is connected to the community and using this information. This planning is done through user studies and should have a very broad view corresponding to all who belong to it. The difference between planning and a common library is a specialized care that has been with the *acquis*. For strategic planning function in an efficient and effective is necessary to follow some important steps, each specialized library needs to develop its strategic plan, as this tool is non-transferable as it is based on the mission and purpose of each institution.

Keywords: Libraries. Planning. Specialized library. Strategic planning.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Cristina Barbosa de. *Planejamento de bibliotecas e serviços de informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos. ed. 2. rev. e ampl. 2005.

FAYOL, Henri. *Administração industrial e geral*. São Paulo: Atlas, 1978.

FAGUNDES, Alessandra Pinto; CRESPO, Isabel Merlo. *Planejamento estratégico: propostas em sistemas de informação e bibliotecas no Brasil*. Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000663/01/T005.pdf>>. Acesso em: 01/06/2010.

FIGUEIREDO, Nice. *Bibliotecas Universitárias e especializadas: paralelos e contrastes*. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979.

MAXIMINIANO, Antonio Cesar Amaru. *Introdução à administração*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

SALASÁRIO, Maria Guilhermina da Cunha. *Biblioteca especializada e informação: da teoria conceitual à prática na biblioteca do laboratório de Mecânica Precisão - LMP/UFSC*. *Revista ACB, Florianópolis*, v. 5, n. 5, p. 104-119, 2000. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=49&layout=abstract>>. Acesso em: 25/05/2010.

TARGINO, Maria das Graças. *Bibliotecas universitárias e especializadas de São Luís*. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 16, n. 1, jan./jun. 1988. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002552&dd1=18dc7>>. Acesso em: 21/05/2010.

ENTREVISTA

CENIDALVA MIRANDA DE SOUSA TEIXEIRA



Professora, Adjunta IV, do Departamento de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Biblioteconomia (UFMA), Especialista em Análise de Sistema (PUC-RIO), Mestra em Informática (UFPB), Doutora em Engenharia Elétrica (UFMA). Ministra as disciplinas de Automação em Unidade de Informação, Metodologia do Trabalho Científico, Metodologia de Estudos e Pesquisa, Metodologia da Pesquisa Escolar dentre outras, em vários de graduação e pós-graduação. Atuou como professora da Disciplina Documentação Científica no Mestrado em Ciências da Saúde da UFMA. Apresenta e escreve artigos científicos nas áreas de Tecnologia da Informação, softwares Livres, Administração e Automação de Bibliotecas. Orienta e participa de bancas de examinadoras de alunos da graduação e pós-graduação. Participa de bancas examinadoras para ingresso no magistério de Ensino Superior em várias Instituições de Ensino Superior. É membro da Comissão de Avaliação de Cursos do MEC. Participa de comissão para avaliação de trabalhos em vários eventos científicos como avaliador Ah Doc. Coordena e participa de projetos de pesquisa e extensão na Universidade Federal do Maranhão. Recebeu placa de reconhecimento Empreendedor Solidário 2010. Recebeu Certificado de Reconhecimento do Projeto Rondon. Foi Coordenadora do Curso de Biblioteconomia da UFMA; atuou como Diretora substituta do Centro de Ciências Sociais e Tutora do PET - Biblioteconomia. Foi coordenadora Adjunta da Universidade Aberta do Brasil na UFMA e também coordenadora de Projetos do Núcleo de Educação à Distância da UFMA. Atualmente é Assessora de Interiorização, Coordenadora Geral do PAR na UFMA, Coordenadora

Geral do PROEB, Coordenadora do PROFEPMA, Coordenadora Adjunta do PROFEBPAR, Gestora do Programa Alfabetização Solidária - UFMA.

1 Em sua opinião, quais competências que os profissionais da informação devem apresentar para que possam enfrentar os desafios deste século, especialmente no que se refere às transformações ágeis e o uso de tecnologias inovadoras?

Praticamente todos os cursos de Biblioteconomia do nosso país passaram por reformulações nos seus Projetos Políticos Pedagógicos e um dos objetivos foi exatamente incorporar novas competências redimensionando os campos de atuação que exige profissionais com competências que aliem conhecimentos técnicos no caso das tecnologias da informação e da comunicação, articulado com as demandas sociais e desta forma atender ao mercado de trabalho cada vez mais exigente. Nesse sentido o profissional da informação, hoje deve estar atento às mudanças para se adequarem aos novos cenários e ser capaz de dominar novas linguagens documentárias bem como dominar os processos e meios de informação, comunicação e tecnologia no seu cotidiano profissional. O profissional da informação deve ter atitude pró-ativa, ousadia e buscar a formação continuada como grande aliada para o seu crescimento profissional.

2 Como você ver a representatividade das Bibliotecas e Serviços de Informação na sociedade Contemporânea?

A sociedade contemporânea exige das bibliotecas e serviços de informação, qualidade e rapidez no atendimento e isso se traduz em profissionais com atitudes mais dinâmicas, comportamentos ousados para atender uma sociedade cada vez mais exigente.

3 Como a Senhora vê a nova geração de Bibliotecários? E de que maneira esse profissional pode alterar a dinâmica do mercado?

Eu vejo a nova geração de bibliotecários com muito mais dinamismo principalmente, no que diz respeito às práticas biblioteconômicas, mais preocupadas em buscar a formação continuada, (especialização, mestrado, doutorado) e outros cursos específicos que contribuem para melhorar o seu desempenho profissional, um exemplo é o crescente número de pós-graduação na nossa área e um número gigantesco de profissionais estudando, outro exemplo, são os eventos da nossa área onde há apresentações de trabalhos que relatam as pesquisas e experiências fantásticas com o uso das tecnologias.

3 O que representa para você ser assessora de interiorização da UFMA e Coordenar diversos Programas de Formação de Professores, como por exemplo, o PROEB e o PROFEBPAR? Quais são os desafios diante deste cargo? E o que representa atualmente, estes programas para a UFMA.

Eu estou desde 2008, atuando frente à Assessoria de Interiorização, que gerencia Programas de Formação de Professores e atua na expansão da UFMA no interior do Estado, nesse sentido podemos dizer que estamos nos 217 municípios com uma ou outra ação, mas especificamente os Programas de Formação de Professores para a Educação Básica (PROEB) e o que atende o Plano Nacional de Formação de Professores com primeira e segunda licenciatura, PROFEBPAR, ambos objetivam como desafio, formar seis mil professores da educação básica em 35 municípios que estamos atuando e para a UFMA é uma forma de contribuir e dar uma resposta para a sociedade, considerando que ela é a Universidade Federal do Maranhão e não de São Luís. O PROEB esteve durante muito tempo esquecido, sem novas perspectivas e desde 2009 reiniciamos, graças ao empenho da Administração Superior da UFMA articulada com as Coordenações de Cursos e Departamentos Acadêmicos e muito particular do nosso reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho que não poupa esforços para que possamos desenvolver um trabalho de qualidade. O PROFEBPAR iniciou em 2009 com a adesão da UFMA ao Plano Nacional de Formação de Professores.

4 Como você percebe sua participação e contribuição para o curso de Biblioteconomia e, principalmente, para a revista BIBLIOMAR?

Eu sempre estive presente no curso de Biblioteconomia, mesmo afastada para mestrado e com afastamento parcial para o doutorado, contribui com o curso ministrando disciplinas de férias e participando das tomadas de decisões do curso. Estive a frente da Coordenação do Curso por quase quatro anos, incentivei a pesquisa e a publicação desta, portanto essa Revista é essencial para que possamos divulgar e dá visibilidade das nossas ações acadêmicas e, principalmente, possibilitar a realização das práticas editoriais da disciplina Política Editorial.

Para concluir vamos fazer um bate bola. Sugerimos uma palavra, e você rebate com uma palavra ou frase:

Uma palavra: Humildade

Um livro: O segredo do Anel (A saga de Maria Madalena)

Um sonho: Ver a UFMA em lugar de destaque no nosso país.

Uma realização: (duas) Meus filhos (Dandara e Daniel) e ser professora da UFMA.

Biblioteca: Alexandria

Mulher: Minha mãe pela sua fortaleza serena.

UFMA: Um lugar de inspiração para trabalhar e crescer como profissional.

Biblioteconomia: Um orgulho.

CURIOSIDADES

Vejamos os 05 livros mais caros do mundo:

5. **ULISSES**, de James Joyce- O autor foi um romancista, contista e poeta irlandês, nasceu no dia 2 de fevereiro de 1882 e faleceu em 13 de janeiro de 1941. James Joyce descreve na sua obra aspectos da fisiologia humana, o livro foi considerado impublicável, censurado nos Estados Unidos e Reino Unido. Ulisses é uma adaptação da Odisséia de Homero. A 1ª edição do livro de ficção mais caro do século XX foi impresso em papel holandês artesanal e autografado pelo próprio autor, que foi avaliado em US\$ 180 mil.
4. **BÍBLIA DE GUTENBERG**, Johannes Gutenberg- Foi o primeiro livro impresso com tipos móveis, em 1455. Seu último exemplar foi vendido por US\$ 12 milhões, em 2002. Ele não entra nas listas de livros mais vendidos do mundo por ter sido leiloado em uma das casas de leilão inglesas, Christie's ou Sotheby's. A Bíblia de Gutenberg foi impressa em 180 exemplares em dois volumes de 1 282 páginas, atualmente apenas 48 resistem.
3. **BIRDS OF AMERICA**, de James Audubon- Vendido no ano 2000 por US\$ 8,8 milhões. Ele foi ornitólogo, caçador e pintor; pioneiro nas investigações da vida silvestre na América do Norte. Nasceu em 1785 e faleceu em 1851. Na obra citada, pintou, catalogou e descreveu os pássaros do lugar.
2. **OS EVANGELHOS DE HENRIQUE** - Uma obra do século XII arrematada em 1983. É considerado um dos manuscritos mais caro do mundo. Foi vendido por € 16 milhões, valor calculado em 1983.
1. **CODEX LEICESTER**, de Leonardo da Vinci- Uma agenda de 18 páginas duplas datada entre os anos de 1506 e 1510, em que o gênio italiano relatou suas observações sobre geografia, astronomia, meteorologia e com desenhos, notas e esboços originais que foi vendida a Bill Gates por US\$ 30,8 milhões em 1994.

Fonte: <http://biblioteconomia.webnode.com.br/curiosidades/>

DIA DO BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL



Comemora-se no dia 12 o Dia do Bibliotecário em homenagem ao engenheiro e bibliotecário por vocação, Manuel Bastos Tigre.

Ele nasceu no dia 12 de março de 1882 e, ao terminar o curso de Engenharia, em 1906, resolveu fazer aperfeiçoamento em eletricidade, no Estados Unidos. Uma vez lá, conheceu o bibliotecário Melvil Dewey, que instituiu o Sistema de Classificação Decimal.

Este encontro foi decisivo na sua vida, porque, em 1915, aos 33 anos de idade, largou a engenharia para trabalhar com biblioteconomia.

Prestou concurso para bibliotecário do Museu Nacional do Rio de Janeiro e se classificou em primeiro lugar, com o estudo sobre a Classificação Decimal.

Transferido, em 1945, para a Biblioteca Nacional, onde ficou até 1947, assumiu depois a direção da Biblioteca Central da Universidade do Brasil, na qual trabalhou, mesmo depois de aposentado, ao lado do Reitor da instituição, Professor Pedro Calmon de Sá.

QUEM É O BIBLIOTECÁRIO?

É oportuno lembrarmos, no dia em que se comemora o bibliotecário, das palavras do Chefe da Casa Civil do governo Figueiredo, general Golbery. Disse ele: "o único lugar que preservo de todos é a minha biblioteca, pois através das minhas leituras conhecerão os meus segredos".

Declaração interessante. Retrata o sentimento de muitos amantes da leitura, que costumam ser extremamente zelosos com seus livros, chegando mesmo a sentir ciúmes de visitantes inoportunos ou de olhares mais curiosos sobre suas estantes.

Cada exemplar de uma obra é único. O livro que descansa na prateleira da nossa casa nunca será o mesmo que repousa em outro lugar, porque o exemplar da nossa casa habita também o nosso espírito. Representa ainda nossas releituras de discussões nervosas e hesitantes.

O bibliotecário, por sua vez, é o profissional que, aos poucos, vai desbravando a alma dos leitores. É ele que coabita com todos os autores, com todas as suas obras e com as expectativas e anseios de todos os leitores.

O OFÍCIO

O profissional da área de Biblioteconomia administra bancos de dados e se responsabiliza por classificar e armazenar informações, além de orientar o público que procura uma biblioteca.

Hoje em dia, quem domina tecnologias da computação pode gerenciar arquivos digitais ou organizar páginas para a internet.

Bom lembrarmos também que a qualidade da orientação fornecida pelo bibliotecário, a quem procura uma biblioteca, vai depender de sua própria vivência com a leitura, ou seja, de sua experiência pessoal com os livros e o com o próprio conhecimento em si.

Porque o saber técnico, ligado ao ofício propriamente dito - catalogação, arquivamento, etc. - poderá ser assimilado por qualquer pessoa que se dedique ao estudo da biblioteconomia.

Para atuar como bibliotecário, é preciso, após a graduação, obter o registro no Conselho Regional de Biblioteconomia.

Quem pretende ingressar no curso, já deve ficar sabendo que entre as disciplinas básicas estão língua portuguesa, inglês e literatura. É obrigatório ainda que se faça um estágio, sendo exigida uma monografia final.

Em algumas instituições, o curso, que tem duração média de quatro anos, é chamado de Ciência da Informação ou Gestão da Informação.

Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/marco/dia-do-bibliotecario.php>

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A REVISTA BIBLIOMAR publica artigos, relatos de experiências, resenhas, resumos e informes pertinentes à área de Biblioteconomia, cabendo ao seu Conselho Editorial a decisão final sobre a publicação. O simples envio de originais, não significa que seja publicada autorização do autor para sua publicação. A Revista Bibliomar exime-se do pagamento dos direitos autorais ou fornecimento de separatas. Normas para apresentação de trabalhos:

1. Os originais entregues à Comissão de Captação de Originais serão apreciados, selecionados e aprovados pelo Conselho Editorial;
2. O texto não deve ser paginado, possuir no mínimo 3 páginas, incluindo o resumo e a referência;
3. Em folha à parte o(s) autor(s) deverá(ão) apresentar as seguintes informações: nome completo do(s) autor(s), qualificação acadêmica, instituição vinculada, endereço completo, telefone e endereço eletrônico (e-mail) para contato;
4. Os artigos deverão ser redigidos em português, digitados em papel branco A4 (21,0 cm x 29,7 cm) no programa "Word for Windows", com uso da letra no formato Arial, em espaço 1,5 entrelinhas, fonte tamanho "12" para o texto e tamanho "10" para citações longas e notas de rodapé. Devem assegurar a padronização obedecendo a NBR 14724/2011, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) às margens:
 - Superior: 3,0 cm;
 - Inferior: 2,0 cm;
 - Esquerda: 3,0 cm;
 - Direita: 2,0 cm;
 - Parágrafo: 2,0 cm a partir da margem esquerda;
 - Citação longa: recuo de 4,0 cm da margem esquerda.
5. O original deverá ser acompanhado de 02 vias impressas acompanhada do respectivo CD-ROW com identificação do autor (ou autores se for o caso) e título do trabalho.

6. A primeira página deve conter as informações na seguinte ordem:

- a) Título do trabalho em negrito e subtítulo centralizado se houver;
- b) Nomes(s) do(s) autor(es) seguido(s) de asterisco(s), remetendo para o rodapé da página, a qualificação acadêmica, instituição a que está vinculada;
- c) Resumo informativo de até aproximadamente 150 palavras em português acompanhado das palavras-chave que identifiquem o conteúdo;
- d) Tradução do respectivo resumo e palavras-chave (fonte 10, espaço simples entrelinhas) após as considerações finais.

7. Os títulos das tabelas e quadros devem ser enumerados consecutivamente em algarismos arábicos. Esses algarismos devem vir acima das ilustrações seguidas dos respectivos títulos, apenas com a inicial maiúscula. Quando às tabelas e quadros são transcritos, devem se colocar abaixo uma legenda indicando a fonte.

8. Sempre que for mencionada uma citação no texto indique-se a fonte consultada. Para efeito de padronização seguir a NBR 10520/2011, da ABNT seguindo o sistema o autor-data, remetendo-se para a Referência, ficando o rodapé para as notas.

9. As referências devem ser elaboradas obedecendo ao disposto na NBR 6023/2000 da ABNT, ora em vigor. Todo autor citado no texto deverá constar em uma lista chamada Referência, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor.

Observação: os autores dos artigos publicados receberão certificados.

Universidade Federal do Maranhão
Centro de Ciências Sociais
Curso de Biblioteconomia, Disciplina: Política Editorial
Revista BIBLIOMAR
Campus Universitário do Bacanga
End: Avenida dos Portugueses, s/n
São Luís - Maranhão
CEP: 65.080 - 040
Fone: (98) 3301 8424/ 3301/8404
Email: www.ufma.br



**PROFª MS. RITA GONÇALVES
MARQUES PORTELLA FERREIRA**



COMISSÃO DE ORIGINALS



**COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO
E DIVULGAÇÃO**



COMISSÃO DE EDITORAÇÃO



COMISSÃO DE FINANÇAS



COMISSÃO DE PATROCÍNIO